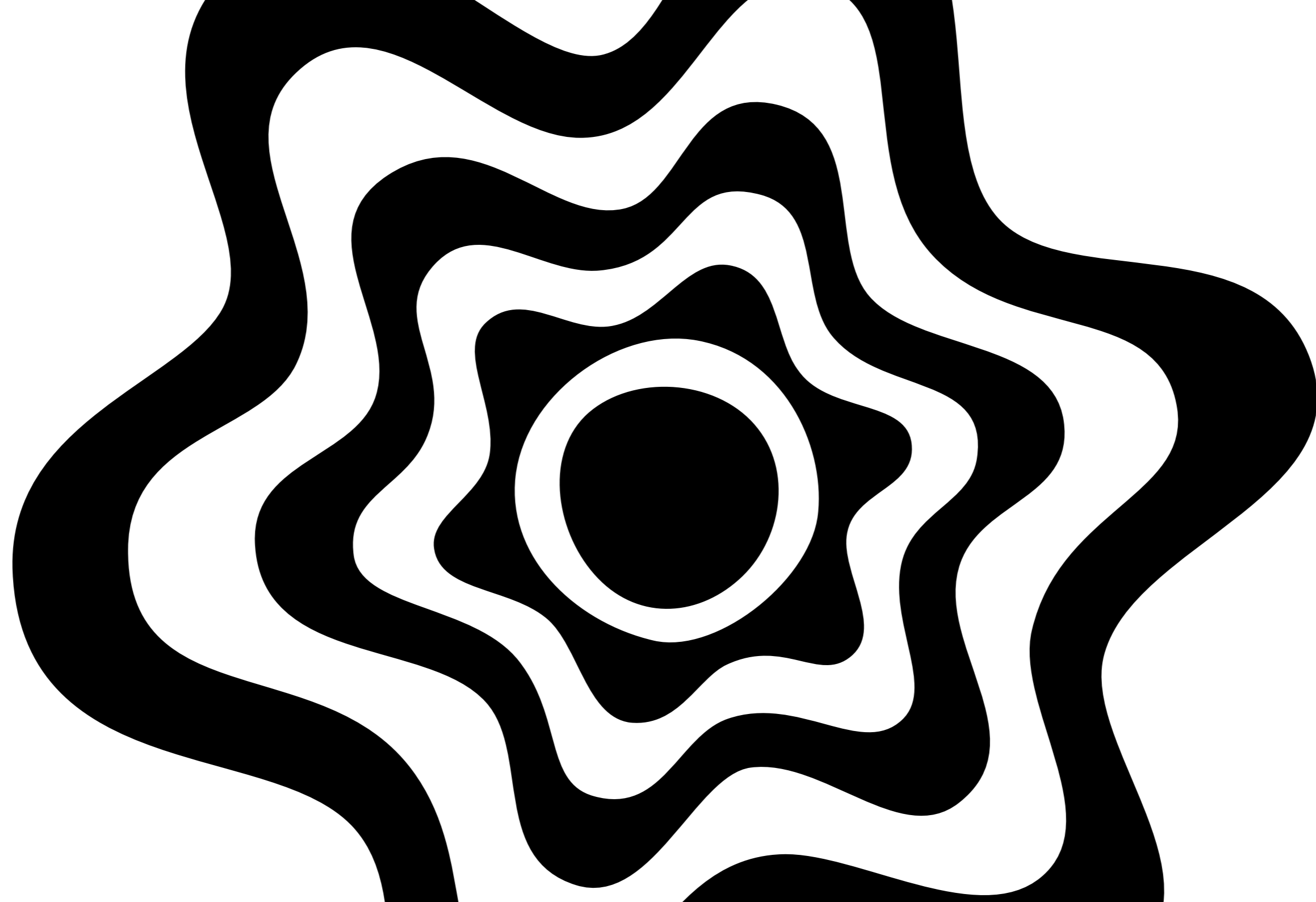




museu da vida

PLANO MUSEOLÓGICO MUSEU DA VIDA 2017 -2021



© 2017 Fundação Oswaldo Cruz.

Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer outro fim comercial. O conteúdo deste e de outros documentos institucionais do Museu da Vida pode ser acessado na página:
<http://www.museudavida.fiocruz.br>

Elaboração, distribuição e informações:

Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz

Av. Brasil, 4365 Manguinhos

CEP 21045 900 Rio de Janeiro RJ Brasil

Tel (21) 3865 2101

Fax (21) 3865 2263

Home page: www.museudavida.fiocruz.br

O texto do Plano Museológico do Museu da Vida foi integralmente aprovado na reunião do Conselho Deliberativo da Casa de Oswaldo Cruz, realizada em 14 de novembro de 2017.

GRUPOS DE TRABALHO

Gestão Institucional

Diego Vaz Bevilaqua
Eduardo Gnisci
Nercilene Santos da Silva Monteiro
Pedro Paulo Soares
Sabrina Macedo
Wander Costa

Acervos

Inês Nogueira
Juliana Albuquerque
Mayara Oliveira
Pedro Paulo Soares

Educativo

Ana Carolina Gonzalez
Bruno Mussa Cury
Carla Gruzman
Carmen Evelyn
Hilda Gomes
Maria Paula Bonatto
Mayara Oliveira
Ozias de Jesus Soares

Exposições

Ana Carolina Gonzalez
Bruno Mussa Cury
Hilda Gomes
Héilton Barros
Marta Fabíola Mayrink
Mayara Oliveira
Miliana Fernandes
Rita Alcantara

Comunicação

Luís Amorim
Marina Ramalho
Carla Almeida
Rosicler Neves
Renata Fontanetto

Pesquisa

Carla Almeida
Carla Gruzman
Fábio Gouveia
Luís Amorim
Marina Ramalho
Vanessa Guimarães

Segurança

Carla Coelho
Marta Fabíola Mayrink
Jeremias Barbosa
Juliana Albuquerque
Pedro Paulo Soares
Vicente Francisco F. da Costa
Ubiratan Pimenta

COORDENAÇÃO DO MUSEU DA VIDA

(2015-2017)

Alessandro Machado Franco Batista
Ana Carolina Gonzalez
Diego Vaz Bevilaqua
Fábio Gouveia
Hilda Gomes
Juliana Albuquerque
Luís Amorim
Marcus Soares
Marta Fabíola Mayrink
Pedro Paulo Soares
Rita Alcantara
Sonia Mano

Contribuíram

Beatriz Shwenck
Bruno Mussa Cury
Denise Studart
Denyse Amorim
José do Nascimento Junior
Luiz Antônio de Saboya
Marcos José de Araújo Pinheiro

Relatoria

Alessandro Machado Franco Batista
Bianca Reis
Diego Vaz Bevilaqua
José do Nascimento Junior
Sabrina Macedo
Tereza Costa

Consultoria

Expomus Exposições Museus Projetos Culturais

Consultoria de Análise Comparativa

Claudia Porto

Revisão Final

Lia Ana Trzmielina

Design

Tuut

Sumário

I. INTRODUÇÃO	08	5. Programa de comunicação institucional	47
1. Apresentação	10	6. Programa de pesquisa	51
2. O que é o Plano Museológico	11	7. Programa de segurança	58
3. Panorama do contexto museal brasileiro	13	8. Programa de financiamento e fomento	62
II. DEFINIÇÃO DA INSTITUIÇÃO	16	9. Programa arquitetônico e urbanístico	64
1. Os museus na Fundação Oswaldo Cruz e a criação do Museu da Vida	17	IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
2. O Museu da Vida hoje	20	V. LISTA DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS	68
3. Museu da Vida e o futuro	21	VI. PLANOS, PROGRAMAS E POLÍTICAS DE APOIO	70
4. Perfil institucional	22	ANEXOS	
III. PROGRAMAS MUSEOLÓGICOS	24	1. Organogramas da COC	73
1. Programa institucional e de gestão de pessoas	26	2. Nova estrutura do Museu da Vida	74
2. Programa de acervos	29	3. Diagrama de processo de produção de exposições temporárias	76
3. Programa educativo, cultural, socioambiental e de acessibilidade	32	4. Documentos de tombamento das edificações do <i>campus</i> Manguinhos	77
4. Programa de exposições	41	5. Quadro de áreas	78

Introdução

A inauguração do Museu da Vida, em 1999, materializa um projeto amadurecido ao longo da década. Durante sua concepção, o Museu já trazia consigo o conhecimento acumulado de experiências anteriores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) relacionadas à preservação do patrimônio, promoção da saúde e divulgação científica e cultural. Nesta perspectiva, o projeto inicial do Museu da Vida foi elaborado pela Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade dedicada à história, a memória, a preservação do patrimônio e a divulgação científica, e contou com a

contribuição de profissionais de outras unidades da Fiocruz. A criação da Casa de Oswaldo Cruz, em 1986, e o projeto de um museu de ciência são fatos indissociáveis do contexto de redemocratização política do país e de renovação da Fiocruz sob a liderança do sanitarista Sérgio Arouca. Um modelo de gestão democrática ancorado na eleição dos quadros dirigentes e criação de instâncias coletivas de deliberação, foram inovações institucionalizadas que tiveram no I Congresso Interno, realizado em 1988, um dos marcos fundamentais.

No II Congresso Interno, em 1993, uma das proposições deliberava sobre a criação de um Museu Científico que estabelecesse uma ponte entre especialistas dos campos das ciências e da saúde e o público mais amplo. Desse modo surgiu o Museu da Vida, o museu da Fiocruz, que vinculado à Casa de Oswaldo Cruz visa aproximar a população do conhecimento científico. Para este objetivo, o Museu cria espaços dedicados ao diálogo e à interação com o público, buscando divulgar e popularizar a ciência e o patrimônio material e imaterial da instituição, em prol de uma vida mais saudável.

Recentemente, a COC conduziu o desenvolvimento de um projeto estratégico com impactos relevantes ao Museu da Vida: o Plano de Requalificação do Núcleo Histórico de Manguinhos (NAHM). A partir da desocupação administrativa de edificações em sua área de preservação, o plano prevê novos usos para seu *campus* sede da Fiocruz, ampliando não apenas os espaços expositivos do Museu, mas também sua atuação em ações de divulgação científica e cultural integradas a todas as unidades.

É nessa relação dinâmica, Fiocruz – Casa de Oswaldo Cruz – Museu da Vida, em que cada instância alimenta e inspira as demais, que se assenta esse primeiro Plano Museológico do Museu da Vida, instrumento de planejamento e de gestão formulado para dar a dimensão e o sentido claro do trabalho desse museu para a sociedade.

1. Apresentação

A iniciativa de redação de um documento de planejamento para o Museu da Vida data de 2008, antes mesmo da promulgação do Estatuto de Museus (Lei no 11.904/2009)¹, quando foi constituído um Grupo de Trabalho (GT) que funcionou até 2010 e que chegou a formular uma metodologia para a construção do Plano Diretor do Museu (designação adotada na época). Em 2010, foi criado um novo Grupo de Trabalho, que atualizou a metodologia anterior e entregou em 2013 uma versão do Plano Museológico, com previsão de implementação até 2016.

As informações e proposições reunidas neste documento sintetizam o caminho percorrido entre 2015 e 2016, por meio da retomada dos documentos citados acima, da reunião e sintetização do processo de escuta ativa, da realização de oficinas com as equipes da instituição, e de análise comparativa, que contou com consultoria externa, que culminaram num processo de escrita coletiva com as equipes do Museu.

A metodologia empregada tem como premissa a participação e a interdisciplinaridade, estando em consonância com as perspectivas de trabalho compartilhado e engajamento das equipes, sempre na busca de favorecer o diálogo entre os conhecimentos conceituais e técnicos.

O processo pode ser dividido em três etapas: engajamento – a consultoria externa conduziu de forma participativa junto à equipe do Museu da Vida um diagnóstico e o traçado de perfil institucional; redação – diferentes grupos de trabalho foram constituídos de forma a elaborar cada um dos programas; e os sucessivos processos de revisão e discussão em diferentes fóruns adaptaram o texto final e pactuaram uma visão global.

¹ BRASIL. Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm> Acesso em: 17 ago. 2017.

Do ponto de vista conceitual, o Plano contou ainda com o desafio de apresentar proposições de direcionamento para o funcionamento do Museu da Vida nos próximos anos, à luz da iminente ampliação de sua atuação, em razão do Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), em curso desde 2014.

O Plano de Requalificação do NAHM foi desenvolvido pela Casa de Oswaldo Cruz (unidade em que o Museu da Vida se insere na Fundação Oswaldo Cruz), propondo novos usos e ocupações da área histórica que constitui o núcleo original da instituição. Essa ampliação terá um profundo impacto nas ações do Museu da Vida, a saber: grande ampliação das suas áreas de exposição de longa duração; intensificação de sua relação com o território em que está inserido; reposicionamento de sua comunicação com a sociedade; e novas perspectivas na relação com os acervos culturais da Fiocruz.

Dessa forma, a apresentação do Plano Museológico antecipa e prepara a estruturação dos programas do Museu para essa ampliação, tendo como desdobramentos futuras revisões e inserções, dada a implantação em etapas de todo o Plano do NAHM. Essa elaboração visa ao estabelecimento de estratégias, um olhar profundo e crítico sobre os processos estabelecidos e um planejamento futuro.

2. O que é o Plano Museológico

O planejamento e a gestão são procedimentos inerentes às instituições museológicas e, ao longo dos últimos anos ganharam maior importância no cenário nacional e internacional, colocando o Brasil numa posição de referência e destaque em relação à legislação protetiva e de gestão do patrimônio museológico.

O Plano Museológico é uma inovação no contexto da museologia brasileira e um documento obrigatório para o planejamento dos museus. Parte integrante da Política Nacional de Museus (PNM), lançada em 2003, o referido Estatuto dos Museus, aprovado pelo Congresso Nacional, é um fator estruturador da política pública para o setor dos museus no Brasil. A elaboração dos planos museológicos possibilita aos museus uma reflexão a médio e longo prazo sobre ações estratégicas para o seu planejamento, englobando seus diversos fazeres, contribuindo assim para a sua função social.

Numa breve retrospectiva nesse sentido, podemos pontuar a Portaria Normativa nº 01 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), datada de 5 de julho de 2006² que dispõe sobre a elaboração do Plano Museológico dos museus a ele vinculados. A portaria enuncia os parâmetros gerais de organização e procedimentos de gestão para as instituições museológicas do Iphan, compreendendo o Plano Museológico como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da missão da instituição museal e para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento.

² IPHAN/MINC. Portaria Normativa nº 01, de 5 de julho de 2006, que dispõe sobre a elaboração do Plano Museológico dos museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/Portaria-01_2006.pdf> Acesso em: 17 ago. 2017.

Em 14 de janeiro de 2009, a já citada Lei Federal nº 11.904/2009 institui o Estatuto dos Museus, quando reafirma – nos mesmos termos da Portaria Normativa nº 01 do Iphan – e complementa o dever de elaboração do Plano Museológico,

compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.

Em 20 de janeiro de 2009, por meio da Lei nº 11.906³, foi criado o Instituto Brasileiro de Museus, como autarquia federal e vinculado ao Ministério da Cultura, com autonomia e dedicado aos museus. Em 2013, por meio do Decreto nº 8.124⁴, é regulamentada uma série de dispositivos da Lei nº 11.904/2009, que instituiu o Estatuto de Museus, bem como da Lei que criou o Ibram, com a finalidade de preservação do patrimônio cultural musealizado e passível de musealização. O decreto coloca para o setor uma

³ BRASIL. *Lei nº 11.906 de 20 de janeiro de 2009*, que cria o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram, cria 425 (quatrocentos e vinte e cinco) cargos efetivos do Plano Especial de Cargos da Cultura, cria Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Gratificadas, no âmbito do Poder Executivo Federal, e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm > Acesso em: 17 ago. 2017.

⁴ _____. *Decreto nº 8.124 de 17 de outubro de 2013*, que regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm> Acesso em: 17 ago. 2017.

série de ações e procedimentos que devem ser seguidos e confere ao Ibram ações de fiscalização.

Em suma, há no Brasil um importante esforço para o fortalecimento da gestão e disseminação de ferramentas de planejamento e estratégia, a fim de salvaguardar as instituições museológicas das incertezas políticas e econômicas do país.

Dessa forma, o Plano Museológico é ferramenta fundamental, capaz de fornecer subsídios conceituais e técnicos para o trabalho a ser desenvolvido pelas instituições museológicas – sejam elas já existentes ou em vias de ser criadas –, de forma a permitir a consolidação de suas proposições institucionais. Sua elaboração contempla os seguintes itens:

Diagnóstico museológico: considerado o primeiro passo para a elaboração do Plano Museológico. Define-se como um retrato da situação atual da instituição, abrangendo aspectos internos e externos a ela e o que se deseja em termos de futuro⁵.

Definição conceitual da instituição: define o perfil institucional e o recorte patrimonial, bem como a missão, a visão e os valores da instituição.

Programas: dizem respeito às linhas programáticas a partir das quais se estruturam os projetos e as ações que serão desenvolvidos pela instituição, tanto no que se refere às atividades meio quanto às atividades finalísticas.

⁵ DUARTE CÂNDIDO, M. M. *Orientações para gestão e planejamento de museus*. Florianópolis: FCC, 2014. p. 53-56.

Os programas correspondem às áreas de trabalho do Museu, podendo ser alterados de forma a atender melhor cada realidade institucional. São eles: Institucional, Gestão de Pessoas, Acervos, Exposições, Educativo-Cultural, Pesquisa, Arquitetônico-Urbanístico, Segurança, Financiamento e Fomento, Comunicação, Socioambiental e Acessibilidade (esta última incluída pela Lei nº 13.146, de 2015⁶). São tidos como partes de um todo, sendo que as ações e os projetos previstos para cada um dos programas devem ser periodicamente avaliados e atualizados em função das necessidades e prioridades definidas pela equipe da instituição.

Como ressalta Duarte Cândido⁷, o Plano Museológico precisa ser estratégico, conciso, exequível e, ao mesmo tempo, cumprir o propósito de colocar os distintos campos de atuação da instituição em diálogo, “de forma a alcançar um documento que realmente integre as diferentes metas e funções”, em concordância com a missão e objetivos projetados.

Para a revisão do Plano Museológico como um todo, a legislação recomenda um intervalo mínimo de 3 (três) e máximo de 5 (cinco) anos. Assim, o Plano que aqui estruturamos será válido no período de 2017 a 2021.

3. Panorama do contexto museal brasileiro

Um olhar sobre o panorama museológico brasileiro revela um cenário plural e complexo – a experiência de criação e requalificação de museus, embora ainda bastante marcada pela tendência em replicar modelos europeus e

⁶ BRASIL. *Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015*, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/l13146.htm>. Acesso em: 17 ago. 2017.

⁷ DUARTE CÂNDIDO, M. M. *Orientações para gestão e planejamento de museus*. Florianópolis: FCC, 2014. p. 53-56.

americanos, abrange também a possibilidade de ousar e escolher temáticas inovadoras e proposições mais híbridas.

O século XXI tem tido como marca a proliferação de novos museus – dos pequenos museus relacionados a comunidades, movimentos sociais e a narrativas contemporâneas aos grandes museus-monumento, ancorados em grandes projetos arquitetônicos –, boa parte deles imbricados com as tendências da era da informação e da busca pela inovação tecnológica constante. Por outro lado, esse movimento nem sempre garantiu aos museus o cumprimento de sua função social, tampouco sua sustentabilidade financeira. Nossos tempos de mudança constante e instabilidade política convivem com a abertura e falência de instituições museológicas em tempo real, embora se possa afirmar que os museus ocupam um *locus* privilegiado para a discussão de temas sensíveis à sociedade, como: hibridação cultural⁸, multifuncionalidade⁹, ações solidárias¹⁰ e novas formas de cidadania¹¹.

Nos anos 2000, um período de intensa expansão e consolidação do campo museal no Brasil contribuiu para a aprovação da Política Nacional de Museus (PNM), em 2003, e para a aprovação do Estatuto de Museus e a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), pelo Ministério da

⁸ **Hibridação cultural** – Consiste no processo de interação entre culturas, de junção de diferentes matrizes culturais.

⁹ **Multifuncionalidade** – Entende-se como a capacidade que um indivíduo ou uma instituição tem de se adaptar aos diversos meios e necessidades, desenvolvendo tarefas e atividades múltiplas.

¹⁰ **Ações solidárias** – São desenvolvidas por indivíduos ou grupos interessados em levar a cidadania aos demais, por meio de atividades de responsabilidade social que visam à geração de mais e melhores oportunidades para todos, utilizando para isso a educação, o esporte, a geração de trabalho e renda, o resgate da autoestima e de ideais solidários.

¹¹ **Novas formas de cidadania** – São práticas econômicas e sociais novas e alternativas, tendo em vista a inclusão dos excluídos e uma sociedade mais justa, por meio de um reajustamento da gramática social e das relações estado-cidadãos, como é o caso da Economia Criativa.

Cultura, em 2009. O estabelecimento da PNM possibilitou que as ações se tornassem mais agregadoras e viabilizadoras do que no passado, e garantiu ao cenário museológico brasileiro não só uma gama de investimentos mais plural, como propiciou uma maior democratização do acesso público aos museus. Houve inovação no apoio a processos de musealização, como, por exemplo, o fomento à criação de museus comunitários, que se organizaram, por exemplo, em comunidades, quilombos e em aldeias indígenas.

Já no contexto específico dos museus de ciência, embora os primeiros tenham surgido no Brasil no início do século XIX, foi a partir da década de 1980 que se iniciou no país um movimento mais amplo de criação de espaços desse tipo, em especial de centros interativos de ciência, inspirados na experiência pioneira do Exploratorium, em São Francisco, nos Estados Unidos. Em contraposição aos museus clássicos de ciência, tecnologia e história natural, que guardam acervos permanentes e exibem objetos com valor científico e histórico, os centros de ciência tendem a privilegiar menos os objetos e mais a experiência dos visitantes, particularmente a sua interação com os conteúdos e os discursos desses espaços. Entre os primeiros centros de ciência deste tipo a surgir no Brasil estão o Museu de C&T da Bahia (1979), o Centro de Divulgação Científica e Cultural (1980), ligado à Universidade de São Paulo, em São Carlos, e o Espaço Ciência Viva (1982), no Rio de Janeiro¹².

Na década de 1990, o movimento de centros e museus de ciência ganhou força e uma série de outros espaços despontou no país. Foi nesse contexto de crescimento e valorização do setor que se criou na Fiocruz o Museu da Vida, no Rio de Janeiro, em 1999. Neste mesmo ano foi fundada a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC), o que reflete e reforça a consolidação desse movimento. A entidade surgiu com o objetivo

¹² MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu. Science communication in Brazil: A historical review and considerations about the current situation. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 88, p.1577-1595, 2016.

de “unir ideias, compartilhar experiências, projetos e possibilitar um grande intercâmbio de recursos e informações entre Centros e Museus de Ciência de todo o Brasil” e para ajudar a construir no país uma política de disseminação do conhecimento científico¹³.

Apesar da expansão e do fortalecimento dos centros e museus de ciência no Brasil, é preciso reconhecer as fragilidades do campo e atentar para os desafios que elas nos colocam. Considerando o tamanho do Brasil e de sua população, constata-se que a quantidade atual desses espaços ainda é pequena. Há cerca de 260 instituições dessa natureza – incluindo jardins botânicos, zoológicos, aquários, planetários e parques ambientais – cadastradas na edição de 2015 do Guia de Centros e Museus Ciência¹⁴. A maioria delas é de pequeno a médio porte e financiada com recursos públicos. Além disso, a distribuição geográfica é muito desigual, com maior concentração nas áreas mais ricas das grandes cidades da região Sudeste do país¹⁵.

Levando-se em conta os números de visitação a esses espaços, eles ainda são considerados baixos. Pesquisa realizada em 2015 mostrou que apenas cerca de 12% da população brasileira havia visitado espaços desse tipo nos

¹³ ABCMC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CENTROS E MUSEUS DE CIÊNCIAS. A caminho da popularização da ciência. *Portal ABCMC*. Disponível em: <<http://www.abcmc.org.br/publique1/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=14>>. Acesso em: 12 mai 2017.

¹⁴ ALMEIDA, Carla; BRITO, Fatima; FERREIRA, José Ribamar; MASSARANI, Luisa; AMORIM, Luís (Org.). *Guia de Centros e Museus de Ciência* – 2015. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência, 2015.

¹⁵ MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu. Science communication in Brazil: A historical review and considerations about the current situation. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 88, p.1577-1595, 2016.

12 meses anteriores à enquete¹⁶. Por outro lado, ao comparar esses dados com pesquisas anteriores, nota-se que essa porcentagem vem aumentando consideravelmente nos últimos anos. Por fim, existe um reconhecimento cada vez maior do papel preponderante dessas instituições na popularização da ciência, constituindo-se em locais privilegiados de aproximação entre ciência, cultura e sociedade; de socialização do conhecimento científico; e de encontro de saberes.

O Rio de Janeiro é ainda o quinto Estado com maior número de museus no Brasil e abriga o terceiro maior quantitativo de instituições na região Sudeste, com 254 museus. Apesar de a capital fluminense concentrar 124 museus, o que representa quase metade do número total e a maior concentração relativa de museus em uma capital da região Sudeste, a Unidade Federativa se destaca no cenário nacional pela capilaridade na distribuição dos museus em seu território: 54,3% dos municípios fluminenses têm pelo menos uma unidade museal¹⁷. O Rio de Janeiro passou a dispor de um Sistema Estadual de Museus, instituído pelo Decreto nº 42.306, de 22 de fevereiro de 2010¹⁸, cuja finalidade é promover a articulação entre as unidades museológicas existentes no território do Estado do Rio de Janeiro, respeitada sua autonomia jurídica, administrativa, cultural e técnica. Dentro do Município do Rio de Janeiro, no entanto, a desigualdade na distribuição de museus nas diferentes

¹⁶ CGEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. *Percepção pública da ciência e tecnologia 2015* – Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2015. Disponível em: <<http://percepcaocti.cgee.org.br>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

¹⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (Ibram). *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus/Ministério da Cultura, 2011, v. 2.

¹⁸ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Decreto nº 42.306 de 22 de fevereiro de 2010*, que institui o Sistema Estadual de Museus no território do Estado Do Rio De Janeiro e dá outras providências. Disponível em: <https://www.ioerj.com.br/portal/modules/conteudoonline/view_pdf.php?ie=ODYyMw==&ip=MQ==&s=MmQ1MTUyNmjiYzAxM2M3MDNhM2Q2NzQx-NTM4ZDhmY2U=>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

zonas é gritante, o que é reproduzido e observado em outras escalas: áreas nobres, ricas e tradicionais contêm uma enorme concentração, enquanto as áreas consideradas periféricas possuem uma ausência ou baixa concentração cultural.

A crise política e financeira recente tem fragilizado muito o cenário cultural brasileiro. Nos últimos anos, testemunhamos vários exemplos de descontinuidade em políticas públicas nas áreas de museus e divulgação científica, diminuição de espaços políticos recém-conquistados, fechamento de museus e redução drástica de verbas para o setor. A própria Política Nacional de Educação Museal¹⁹ continua a ser desenvolvida com base no esforço de profissionais da área, mas com pouco empenho governamental em sua conclusão e implementação.

Nesse contexto, o Museu da Vida reafirma seu modelo público, estatal e estratégico, como defendido pela própria Fiocruz, de acesso gratuito e inclusivo a toda a população. Reafirma o seu caráter interdisciplinar e a mediação humana como elemento importante para a sua proposta educativa. Sua proposta agrega a divulgação e popularização da ciência, preservação do patrimônio cultural, promoção da saúde e compromisso socioambiental. Reafirma, também, a importância do trabalho em redes com outras instituições, públicas e privadas, nacionais e internacionais, sendo a captação de recursos por meio de parcerias público-privada como complementares ao orçamento público do Museu.

¹⁹ A Política Nacional de Educação Museal é um documento orientador para os museus, aprovada no âmbito do 7º Fórum Nacional de Museus, Porto Alegre. Para mais informações ver site: <https://pnem.museus.gov.br>.

II Definição da Instituição

1. Os museus na Fundação Oswaldo Cruz e a criação do Museu da Vida

A ideia de criação de um museu científico esteve presente desde os primórdios do Instituto Oswaldo Cruz, quando, ainda no início do século XX, Oswaldo Cruz idealizou o Pavilhão Mourisco, edifício sede do então Instituto Soroterápico Federal. Em seu planejamento original, o cientista já previa a instalação de um museu para abrigar as primeiras coleções que estavam se formando, como resultado

dos trabalhos de pesquisa realizados nos campos da anatomia patológica, bacteriologia, protozoologia e entomologia. Essa iniciativa, em consonância com o que ocorria em outras instituições científicas à época, permitiu a formação de grandes e importantes coleções, que constituem um rico acervo do patrimônio científico nacional. Tais coleções permanecem ativas até hoje e seu desenvolvimento e conservação orientam-se por lógicas inerentes às pesquisas nos campos científicos aos quais estão relacionadas.

Após a morte de Oswaldo Cruz, em 1917, o cientista Carlos Chagas, que o sucedera na direção do Instituto, renomeado Instituto Oswaldo Cruz, transformou o seu gabinete de trabalho em um museu de recordações, o Museu Oswaldo Cruz, iniciando dessa forma a primeira coleção de caráter histórico da instituição. A atuação desse primeiro museu histórico cumpria a função de naturalizar o papel do cientista, apresentando-o como ícone da ciência brasileira e sinônimo de uma evolução positiva nacional, possível graças à ciência produzida no país. Esse primeiro museu histórico recebia visitantes sob demanda e seu público restringia-se àquele formado por médicos e membros da comunidade científica.

No século passado, após a transformação do Instituto Oswaldo Cruz em Fundação Oswaldo Cruz (em 1970), a presidência da Fundação propôs a criação de uma unidade cultural, com a função de coordenar bibliotecas, arquivos, museus, publicações técnicas e de divulgação, além de cuidar da preservação do patrimônio edificado. Naquele período, foi realizado um trabalho de levantamento e recuperação da memória material da instituição, resgatando antigos equipamentos e instrumentos científicos, cópias fotográficas e negativos de vidro, documentos textuais e bibliográficos. Dessa forma, selecionou-se uma gama variada de materiais que puderam ser incorporados à unidade cultural em criação. Ainda durante essa década, além da manutenção das salas dedicadas à memória de Oswaldo Cruz, foi incluída uma pequena sala contígua ao seu gabinete para apresentar a biblioteca particular do cientista. Novas áreas expositivas foram criadas no primeiro andar do Castelo e na antiga cavalaria, nomeadas respectivamente de Museu Didático Marquês de Barbacena e Museu do Instituto Oswaldo Cruz, ambos de curta duração²⁰.

²⁰ NOGUEIRA, Inês; SOARES, Pedro Paulo. Patrimônio cultural da ciência e da saúde: conceitos e abordagens de pesquisa no acervo museológico da Fundação Oswaldo Cruz. In: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364840236_ARQUIVO_anpuh2013.pdf> Acesso em: 17 ago. 2017.

Com a constituição da Casa de Oswaldo Cruz (COC), em 1986, os museus da Fiocruz foram incorporados a essa nova unidade. A COC, conforme seu Manual de Organização, é responsável por ações de “produção e disseminação do conhecimento histórico sobre a Fiocruz, a saúde e as ciências biomédicas; preservação e valorização da memória da Fiocruz e dos seus campos de atuação; educação e divulgação em saúde, ciência e tecnologia; e ensino, formação e capacitação profissional em seus âmbitos de atividade”.

Com o aproveitamento dos acervos que pertenciam às salas de memória de Oswaldo Cruz, à biblioteca do cientista e à exposição do primeiro andar do castelo, além do vasto material anteriormente recolhido durante o trabalho de levantamento e recuperação da memória material da instituição, a Casa assumiria a responsabilidade pela manutenção e desenvolvimento dos museus da Fundação Oswaldo Cruz. Criou-se então o Museu da Casa de Oswaldo Cruz, como parte da estrutura da nova unidade, e instalado no edifício da antiga cavalaria. Para lá foram transferidos os acervos e ali foi organizada uma exposição de longa duração sobre a história da instituição, com ênfase na trajetória de seu fundador, sua participação na organização dos serviços de saúde pública, no combate às doenças e nas expedições científicas do Instituto no início do século XX.

Ainda durante os anos 1980 e 1990, inúmeras exposições de divulgação sobre temas diversos foram organizadas pela Casa de Oswaldo Cruz. Em conjunto com a exposição reaberta no edifício da cavalaria, elas aprofundaram a atuação da unidade no campo da divulgação científica, sempre a partir de uma perspectiva histórica e cultural.

A proposta de criação do Museu da Vida, elaborada no início da década de 1990, incorporou as experiências acumuladas pela COC no que tange à história e à preservação da memória e do patrimônio material da ciência e da saúde e à emergência de propostas de popularização e educação em ciências. Nesse contexto de criação, vale destacar o momento vivido no

Brasil nas décadas de 1980 e 1990, de criação de novos museus e centros de ciência, que visavam a diminuir a falta de informação e de conhecimento do grande público acerca das questões científicas e tecnológicas presentes no cotidiano do cidadão.

Os museus e centros de ciência surgidos nesse período pretendiam atender a essas demandas. No caso brasileiro, esperava-se também fazer avançar uma desejada reforma no ensino de ciências, integrando ciência e tecnologia ao patrimônio cultural, por intermédio de ações de divulgação elaboradas por equipes multidisciplinares, que utilizavam novas técnicas expográficas para apresentar os conceitos científicos de forma lúdica e interativa.

No ano de 1994, a Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz participou de um concurso nacional promovido pelo Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PADCT/CAPES)/Subprograma para a Educação em Ciência (SPEC) para implantação de três museus de ciências de caráter dinâmico e interativo. A proposta visava à criação do Museu da Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, com a constituição do Espaço Museu do Universo, o Espaço Museu do Mar e o Espaço Museu da Vida (como este foi nomeado inicialmente). Para responder ao edital nº SPEC 01/93, a Fiocruz juntou-se a outras instituições para integrar um mesmo propósito: conceber um projeto que iria se constituir em um núcleo multiplicador de experiências que poderiam ocorrer em espaços diferenciados. O projeto do Espaço Museu da Vida concorreu com 17 participantes de várias regiões do país, classificando-se em primeiro lugar²¹.

A implementação de um museu de ciências de caráter participativo no *campus* de Manguinhos, inspirado também nos dinâmicos centros de

²¹ GRUZMAN, Carla. *Educação e comunicação no museu de ciências: uma proposta de avaliação qualitativa do Jogo do Labirinto no contexto da exposição Chagas do Brasil*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2003. XI, 147 p.

ciência, foi deliberada no Congresso Interno da Fiocruz²², pelo conjunto de atividades que a instituição já vinha desenvolvendo no campo da divulgação e educação em ciências, de modo que, no projeto encaminhado, a ideia central foi sistematizar e ampliar as diferentes ações empreendidas, buscando estruturá-las e organizá-las em torno de um espaço museológico:

A singularidade da instituição – que integra as áreas de pesquisa básica, ensino, serviços, desenvolvimento de tecnologia e produção – e a diversidade dos campos de conhecimento em que atua conferem-lhe a condição de lugar privilegiado para realizar o intercâmbio necessário entre a sociedade e o conhecimento científico e tecnológico. Além disso, a comunidade de Manguinhos vem se mostrando sensível à iniciativa de construção de um museu dinâmico para a educação e popularização da ciência, havendo inclusive deliberado positivamente sobre o museu em seu Congresso Interno, em meados de 1993²³.

O projeto original contemplado pelo edital, que ficou conhecido por todos como “Livro Azul”²⁴, destacava a “popularização da ciência” e a “educação em ciência” como suas áreas de atuação. Dos espaços previstos para a visita do público constavam: Ciência em Cena, Descoberta e Experimentação, Passado e Presente, Espaço Cultural e Ciência, Espaço Oswaldo Cruz, Espaço Iconográfico, além de uma mostra das coleções científicas e trilhas de biodiversidade. Também estavam previstos

²² O Congresso Interno é o órgão máximo de representação institucional da Fundação Oswaldo Cruz. A ele compete deliberar sobre assuntos estratégicos relacionados ao macroprojeto institucional, sobre o regimento interno, sobre propostas de alteração do estatuto, sobre matérias, enfim, que possam interferir nos rumos da instituição. O congresso acontece a cada quatro anos, sempre no primeiro ano de cada nova gestão da Presidência da Fiocruz. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pt-br/content/congresso-interno>> Acesso em: 17 ago 2017.

²³ FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz. *Espaço Museu da Vida: museu de ciência e tecnologia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1994. p. 21

²⁴ Idem.

laboratórios de apoio para a criação, conservação e restauração de acervos e para a difusão e educação em ciência.

Ainda em 1994, por meio de um Ciclo de Atividades, teve início a construção do Museu da Vida, piloto para a implantação efetiva. A exposição *Vida* também representa esse momento de experiências-piloto nos campos da museografia, da interatividade e da mediação humana. Simultaneamente, as primeiras equipes multidisciplinares foram formadas para desenvolver os projetos executivos de implantação dos espaços do Museu, a partir de um processo de discussão que envolveu também profissionais da Casa e de diversas unidades da Fiocruz, além de consultores externos.

Entre 1994 e a inauguração do Museu, em 1999, diversas atividades preliminares foram elaboradas pela equipe da época, como as visitas ao *campus* e ao Castelo, além de ações do Ciência em Cena, com destaque para *O Mensageiro das Estrelas* e o *Diário de um Adolescente Hipocondríaco*.

Em maio de 1999, foram inaugurados os primeiros espaços de visitação do Museu da Vida: a Biodescoberta (hoje desativada e que dará origem a uma nova exposição na Cavalariça), o Ciência em Cena, o Centro de Recepção, o Parque da Ciência e o Passado e Presente (expandido em 2008 com as exposições históricas *Oswaldo Cruz* e *Carlos Chagas*). Para cumprirem a função de áreas matriciais do Museu, o Centro de Educação e o Centro de Criação também iniciaram suas atividades no mesmo ano. Como parte do mesmo processo, o acervo museológico da Fiocruz foi organizado em uma Reserva Técnica, abrigada em 2003 em um prédio próprio, que posteriormente sofreu reformas, sendo expandida em 2013. Em 2005, as instalações administrativas do Museu da Vida deixaram os contêineres e ganham uma sede própria, inaugurada junto com o Salão de Exposições Temporárias, construído a partir das instalações de uma das edificações mais antigas do *campus*. Após funcionar temporariamente em 2010, o Borboletário foi incorporado como espaço de visitação do Museu da Vida em 2015.

2. O Museu da Vida hoje

O Museu da Vida é um espaço de integração entre ciência, cultura e sociedade da Casa de Oswaldo Cruz e da Fiocruz. Situado no bairro de Manguinhos, zona norte do Rio de Janeiro, o Museu localiza-se em uma área que possui uma das maiores concentrações de população socialmente vulnerável da América Latina. Seus temas centrais são a vida enquanto objeto do conhecimento, saúde como qualidade de vida e a intervenção do homem sobre a vida.

O Museu da Vida atende o público geral e todas as atividades são gratuitas. Suas instalações encontram-se espalhadas pelo *campus* de Manguinhos da Fiocruz, em nove áreas que perfazem um total 35 mil m², dos quais 6,5 mil m² são de área de atendimento ao público e 18 mil m² de jardins.

Atualmente, o Museu possui exposições de longa duração distribuídas em seus espaços de visitação no *campus* de Manguinhos (Ciência em Cena, Parque da Ciência, Castelo Mourisco, e Borboletário), o Centro de Recepção, o Salão de Exposições Temporárias, um teatro (Tenda da Ciência Virgínia Schall), um auditório, um veículo de itinerância para outros espaços e cidades (o Ciência Móvel), além de espaços virtuais, como o próprio *website* do Museu, o *site Invivo*, páginas nas principais redes sociais, o *site Brasiliana* e o *blog* do *Explorador Mirim*. Desses espaços de visitação, dois são prédios históricos tombados (a Cavalariça e o Castelo Mourisco). Oferece também exposições temporárias e itinerantes sobre temas diversos, multimídias, teatro, vídeos e oficinas, em que se procura, através de experiências lúdicas e interativas, sensibilizar a população para temas de ciência e tecnologia.

Desde sua inauguração, em 1999, o Museu da Vida já recebeu mais de 3,4 milhões de visitantes presenciais e mais de 8 milhões de visitas virtuais (2007-2016). As ações extramuros correspondem a mais da metade desse

número de visitantes presenciais, tendo as exposições itinerantes alcançado mais de 1,6 milhões de pessoas desde 1999, enquanto o Ciência Móvel, em mais de 150 viagens desde 2006, alcançou cerca de 630 mil pessoas²⁵.

O espaço virtual de visitação *Invivo* já foi consultado por mais de 7,5 milhões de visitantes desde sua inauguração em 2003. Além do *Invivo*, o site institucional disponibilizado pelo Museu da Vida teve 800 mil visitantes ao longo do mesmo período. Nas redes sociais, a página de Facebook do Museu da Vida foi curtida por mais de 20 mil pessoas. O perfil do Museu no Twitter conta com mais de 21 mil seguidores e o *blog Explorador Mirim*, voltado ao público infantil, desde sua criação em 2010, teve cerca de 190 mil visualizações de página.

O Museu da Vida tem, ainda, três grandes linhas de produção em divulgação científica – jogos, publicações e produtos virtuais – e elabora pesquisas sobre Divulgação Científica, Educação não Formal, História de Objetos Museológicos e Estudos de Público e Avaliação em Museus. Dentro do tema da divulgação científica, além dessas linhas de produção, cumpre situar ainda as exposições, já anteriormente mencionadas.

O acervo museológico, sob a guarda do Museu da Vida em sua Reserva Técnica, tem ênfase na história institucional e da saúde pública, abrangendo o período compreendido entre meados do século XIX e a atualidade. O acervo é formado por instrumentos e equipamentos de laboratório, materiais e maquinário utilizados na produção de medicamentos e vacinas, instrumentos médicos, mobiliário, indumentária, objetos pessoais de cientistas da instituição e uma pinacoteca.

O Museu, por meio da unidade à qual é vinculado, a Casa de Oswaldo Cruz, oferece, em parceria com um grupo de instituições de divulgação científica, o Curso de Especialização em Divulgação e Popularização

da Ciência e, a partir de 2016, o Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, além de integrar o Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde. Outras iniciativas de caráter educacional e de extensão são o Pró-Cultural (Programa de Iniciação à Produção Cultural) para estudantes do ensino médio e o Propop (Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência), para graduandos.

3. Museu da Vida e o futuro

Desde 2014, a Casa de Oswaldo Cruz tem como plataforma cultural para o *campus* o Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), que conforme já citado na Introdução deste documento, impõe novos caminhos e reflexões para o Museu da Vida, que em parte volta a olhar para a sua origem e a recuperar processos não finalizados em sua implantação. O Plano segue princípios e diretrizes que traduzam os valores e a identidade da Fiocruz e da própria vocação da Casa, buscando intensificar a relação da instituição com seu território e com a cidade do Rio de Janeiro, reposicionando, com isso, o próprio Museu da Vida e toda a sua comunicação com a sociedade.

O NAHM tem origem no *campus* formado pelas edificações erguidas nas duas primeiras décadas do século XX: o Pavilhão Mourisco, o Pavilhão do Relógio, a Cavalariça, o Pavilhão Figueiredo de Vasconcelos, o Pombal, a Casa de Chá, o Hospital Evandro Chagas e o Pavilhão Vacínico, hoje denominado Vila Residencial.

As primeiras iniciativas da Fiocruz para o tombamento de alguns de seus edifícios ocorreram em 1976, e o tombamento de três deles, pertencentes ao conjunto eclético original (o Pavilhão Mourisco, a Cavalariça e o Pavilhão do Relógio) efetivou-se em 1981, na esfera federal, pelo Iphan. Anos depois,

²⁵ Dados compilados até dezembro de 2016.

em 1985, foi indicado pelo Iphan o traçado de uma poligonal de proteção aos bens tombados, na qual foi preservada extensa área verde, que serviu de referência para o Plano Diretor do *campus* de 1988 e para a definição, pela própria instituição, de sua área de preservação. A proteção oficial contribuiu não apenas para salvaguardar a integridade do núcleo histórico pioneiro e de seu entorno, mas também para que uma política de preservação fosse assumida oficialmente pela instituição. Em 2001, efetivou-se o tombamento (processo iniciado em 1998) em nível estadual, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), dos pavilhões Arthur Neiva e Carlos Augusto da Silva, ambos de autoria do arquiteto Jorge Ferreira. Salienta-se ainda o tombamento em nível municipal do Painele de Azulejos de Roberto Burle Marx, instalado no Pavilhão Arthur Neiva.

O Plano de Requalificação do NAHM inclui também a Praça Pasteur, o Caminho Oswaldo Cruz e o Pavilhão Henrique Aragão, de modo a conformar uma área contínua e ampliada de intervenção. A requalificação desse núcleo histórico traz mudanças para a dinâmica de visitação do Museu da Vida e amplia suas áreas expositivas e sua relação com o *campus*.

O modelo desse Plano traz ainda inovações conceituais, como a ideia de “*campus* parque”, um *campus* a ser apropriado pelas comunidades interna e externa nas múltiplas vocações de seu espaço urbano, agregando as dimensões institucionais, da divulgação científica e cultural, do patrimônio cultural e do lazer. Assim o Museu da Vida busca alinhar sua atuação aos espaços arquitetônicos, urbanísticos e arqueológicos, às trilhas, e aos lugares de fruição da paisagem para ações de lazer, e, principalmente, permitir, por meio de uma maior diversificação de eventos, diferentes formas de apropriação do espaço, criando e recriando ocupações inovadoras para o *campus*.

Nesse sentido, outra inovação conceitual diz respeito à forma como será feita tanto a gestão desse núcleo arquitetônico, a ser compartilhada por vários atores, como a comunicação com a sociedade, resultando em um

novo posicionamento da marca: Museu da Vida – Fiocruz. Assim, a marca se conformará numa plataforma museológica de divulgação e popularização da ciência da Fiocruz, apoiada nos valores da preservação do patrimônio cultural e da memória, da educação como processo emancipatório, da democratização do conhecimento, da promoção da saúde e da equidade social. O Museu da Vida – Fiocruz, enquanto plataforma, deve ser uma rede que congregue, além de seu próprio departamento, diferentes atores da Casa de Oswaldo da Cruz e de outras unidades, de modo a oferecer uma imagem da identidade e da singularidade da Fiocruz e, ao mesmo tempo, uma interface para o diálogo entre a instituição e a população.

Dessa forma, enquanto instituição museológica em sua plenitude, deve servir a sociedade e estar atenta aos ideais fundamentais da Fiocruz, de compromisso com a melhoria da qualidade de vida da população, agindo como elemento do Estado para a transformação da realidade social. Nesse desenho, o departamento Museu da Vida é peça-chave, executando, refletindo e articulando aportes de toda a instituição, contribuindo para que a plataforma atue de forma transversal em toda a Fiocruz.

4. Perfil institucional

Como parte do diagnóstico empreendido pela Expomus e como resultado das discussões com a equipe do Museu da Vida e sua coordenação, foram revistos e validados os objetivos e o direcionamento estratégico do Museu, o que levou ao estabelecimento de novos direcionadores:

Missão

Despertar o interesse e promover o diálogo público em ciência, tecnologia e saúde, e seus processos históricos, visando à promoção da cidadania e à melhoria da qualidade de vida.

Visão

Ser reconhecido como principal articulador nas ações de divulgação e popularização da ciência entre a Fiocruz e a população brasileira e, internacionalmente, como instituição museológica de referência nas áreas da ciência, tecnologia e saúde.

Objetivo estratégico

Fortalecer e inovar sua atuação na área de mediação entre a cultura científica, o patrimônio e o público, mantendo uma política permanente de atualização de seus espaços, exposições, produtos e acervos, integrando ciência, tecnologia e saúde, para contribuir com o compromisso social da Fiocruz.

Objetivos específicos

- › Alinhar suas ações e reestruturar sua comunicação de forma a se adequar aos desafios trazidos pelo Plano de Requalificação do NAHM.
- › Fortalecer o Museu como plataforma de diálogo da Fiocruz com a sociedade, incluindo nessa plataforma a territorialização de suas ações.
- › Alinhar-se ao projeto de nacionalização da Fiocruz por meio de suas diferentes linhas de atuação.
- › Atuar de forma estratégica em todo o território nacional por meio de suas linhas de atuação, em particular com a ampliação do atendimento ao público, a partir das ações de itinerância.

Valores da Fiocruz que norteiam as ações do Museu da Vida

- › Educação como processo emancipatório
- › Democratização do conhecimento
- › Ciência e inovação como base para a promoção da saúde e da equidade social
- › Visão ampliada de saúde
- › Ética e transparência
- › Cooperação e integração
- › Qualidade e excelência
- › Diversidade étnica, de gênero e sociocultural
- › Acessibilidade
- › Valorização de memória e identidade
- › Compromisso socioambiental

III Programas Museológicos

Este documento é resultado de avaliações sobre as necessárias atualizações e organizações de processos de trabalho, após análise documental, discussões internas, suporte de consultoria especializada e avaliação da Casa de Oswaldo Cruz. Reflete necessidades reconhecidas para o momento atual do Museu da Vida, e inclui a projeção de ações para os próximos anos, a partir da ampliação da área expositiva decorrente da implantação do Plano de Requalificação do NAHM. Pela sua vinculação com a Casa de Oswaldo Cruz e com a própria Fundação Oswaldo Cruz, esses programas se relacionam com diversos outras políticas, planos e programas institucionais, citados ao final desse documento. Essa vinculação traz especificidades à estrutura desse plano, como

pode ser observado ao longo do texto.

As diretrizes contidas neste Plano Museológico irão se desdobrar em ações programáticas no plano plurianual da Casa de Oswaldo Cruz e nos respectivos planos anuais do Museu da Vida no período de execução deste plano (2017-2021), em consonância com os Planos Plurianual e de Longo Prazo da Fiocruz, sendo prevista uma nova versão desse Plano Museológico em 2022. Esses planos institucionais devem traduzir as diretrizes em metas e instrumentos de avaliação que permitirão o acompanhamento do Plano Museológico ao longo do tempo, possibilitando sucessivas adaptações de suas diretrizes nesse período.

Com base nesses direcionadores, foram estabelecidos os programas da instituição.

1. Programa institucional e de gestão de pessoas

A Casa de Oswaldo Cruz (COC) é a unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) responsável por ações de pesquisa e educação nos campos de história, patrimônio cultural e divulgação científica, e também por ações de preservação da memória, do patrimônio cultural e de divulgação e popularização da ciência. A Fiocruz integra a administração indireta e está vinculada ao Ministério da Saúde.

Em operação desde 1999, o Museu da Vida viria a ser formalmente incorporado à estrutura organizacional da COC como um departamento, por meio do Regimento Interno de 2001 da unidade. O departamento é responsável por ações finalísticas que se desdobram em atividades de pesquisa e educação nos campos da preservação do patrimônio e da divulgação e popularização da ciência, e atua como um dos principais mediadores entre a sociedade e a Fiocruz, por meio de ações no *campus* de Manguinhos e em ações itinerantes pelo país.

Para elucidar essa hierarquização, reproduzimos no Anexo 1 o organograma da COC.

Em 2016, a COC realizou o processo de aperfeiçoamento organizacional, com proposição de um novo Manual de Organização. Essa revisão proporcionou um profundo debate sobre as atribuições das áreas do Museu, resultando em modificações significativas. A nova estrutura do Museu da Vida é apresentada no Anexo 2.

Essa revisão altera a estrutura e as atribuições do Museu da Vida. Hoje, o Museu funciona com uma chefia do Departamento Museu da Vida, organizado em 4 serviços, 2 núcleos e 2 seções: Serviço de Visitação e Atendimento ao Público, Serviço de Museologia, Serviço de Educação em Ciências e Saúde e Serviço de Design e Produtos de Divulgação Científica;

Núcleo de Estudos de Divulgação Científica e Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus; e Seção de Ciência Móvel e Seção de Operações Técnicas. O Museu conta ainda com um Conselho Departamental e uma Secretaria.

Conforme a proposta aprovada em assembleia da COC em 2016, o Museu da Vida passará a contar com nova estrutura em que se organizam 5 serviços, 1 seção e 3 núcleos independentes, além do Conselho Departamental, sendo eles:

- › Serviço de Educação, que passou a compreender o Núcleo de Desenvolvimento de Público, a Seção de Ações Educativas para o Público e a Seção de Formação.
- › Serviço de Museologia.
- › Serviço de Design de Exposições e Produtos de Divulgação Científica.
- › Serviço de Itinerância.
- › Serviço de Apoio à Operação, Infraestrutura e Gestão.
- › Seção Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel.
- › Núcleo de Estudos de Divulgação Científica.
- › Núcleo de Mídias e Diálogo com o Público.
- › Núcleo de Estudos de Público e de Avaliação em Museus.

De acordo com o novo Manual de Organização, o Museu passa a ter as seguintes competências:

- a)** Promover a educação, comunicação, divulgação e popularização em ciências e saúde, com ênfase em atividades próprias a museus e centros de ciência.
- b)** Criar, preservar e garantir o acesso do público a espaços museológicos e acervos sob sua responsabilidade.
- c)** Conceber e produzir exposições, produtos de divulgação e atividades museológicas de caráter científico, educativo e cultural.

d) Constituir, organizar, preservar e divulgar o acervo museológico relativo às áreas das ciências e da saúde, com ênfase no acervo da Fiocruz.

e) Implementar atividades de pesquisa, educação e desenvolvimento na sua área de competência.

f) Contribuir para a Política Nacional de Popularização e Educação em Ciência.

g) Prestar serviços de consultoria e assessoria nas suas áreas de competência.

1.1. Gestão institucional

A Casa de Oswaldo Cruz dispõe de instâncias de gestão responsáveis pela realização dos processos descritos a seguir para todos os seus departamentos, sendo a Secretaria e a Chefia do Departamento os principais interlocutores entre essas instâncias e o Museu.

Assistência técnica de planejamento e gestão estratégica: responsável pela estruturação do planejamento estratégico institucional, pelo monitoramento e pela avaliação do plano quadrienal, do plano anual orçamentário, das metas físicas e dos indicadores de desempenho, além de gerar relatórios e informações gerenciais. Disponibiliza ainda profissionais especializados em gestão por processos e sistema de gestão da qualidade, responsáveis pelo mapeamento de processos, definição da cadeia de valor, elaboração da guia de serviços ao cidadão, e realização de diagnóstico anual de avaliação das práticas.

Assistência técnica de cooperação: Responsável por assessorar a elaboração e execução das cooperações com instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais, e por assessorar nos assuntos relacionados à propriedade intelectual, especialmente, ao direito autoral.

Serviço de gestão de pessoas: responsável pela atividade de administração de pessoal permanente e desenvolvimento de pessoas, o que inclui as ações de educação continuada, qualidade de vida no trabalho, atividades de integração e valorização dos trabalhadores, acompanhamento de estágio profissionalizante e gerenciamento das informações oficiais da força de trabalho.

Serviço de tecnologia da informação: responsável pelas ações de desenvolvimento de produtos para a web, ações de segurança dos dados, bem como a operação e manutenção de infraestrutura de rede de dados.

Departamento de administração: responsável por realizar todos os processos de compras e contratações, gerenciamento de contratos, execução orçamentária, obras, serviços de engenharia e manutenção, gestão do patrimônio móvel e gestão de processos administrativos.

A COC disponibiliza ainda profissionais especializados em sistema de gestão da qualidade responsáveis pelo mapeamento de processos, definição da cadeia de valor, elaboração da guia de serviços ao cidadão, e realização de diagnóstico anual de avaliação das práticas.

O Museu, por meio da Coordenação Geral de Infraestrutura dos Campi (Cogic), conta com os seguintes serviços:

- › Manutenções necessárias (corretivas, preventivas e prediais) nas áreas externas e nas redes de infraestrutura, como: telefonia, hidráulica, elétrica, plataformas de acessibilidade, elevadores e compressores;
- › Manutenção preventiva e corretiva em sistemas de refrigeração (bebedouros, geladeiras e climatização) e nos equipamentos técnico-científicos;
- › Chaveiro, usinagem, funilaria, serralheria e vidraçaria;
- › Transporte e movimentação de cargas;

- › Projetos de paisagismo, manutenção das áreas verdes e controle de vetores;
- › Suporte operacional para comodidade e bem-estar dos usuários por meio de atividades de apoio logístico nas áreas de segurança, limpeza, portaria, recepcionista, telefonista e Brigada de Bombeiros Civil (com atendimento, também, em caso de mal súbito e de outros tipos de acidentes ocorridos no *campus*);
- › Monitoramento da utilização e distribuição de água potável no *campus*, assim como limpeza das caixas e cisternas a cada 6 meses;
- › Plantão 24h de infraestrutura para atendimento emergencial em elétrica e hidráulica;
- › Ecoponto para recebimento de materiais recicláveis (entrega voluntária).

Todo o atendimento é disponibilizado pelo Sistema Integrado de Administração do *campus* (SIAD), que gera a Ordem de Serviço para a Cogic. O Museu também participa da Política de Sustentabilidade da instituição, integrando suas ações de redução dos impactos ambientais por meio da coleta seletiva, gerenciamento do consumo de energia e captação de água para reúso.

O Museu da Vida conta ainda com estruturas de apoio gerencial nas coordenações-gerais diretamente vinculadas à Vice-Presidência de Gestão e Desenvolvimento Institucional da Fiocruz, que prestam apoio a todas unidades e setores: Coordenação-Geral de Administração (Cogead), Coordenação-Geral de Gestão de Pessoas (Cogepe), Coordenação-Geral de Infraestrutura dos Campi (Cogic), Coordenação-Geral de Planejamento Estratégico (Cogeplan), Coordenação da Qualidade (Cquali), Coordenação-Geral de Tecnologia de Informação (Cogetic).

1.2. Quadro de equipes

A equipe do Museu da Vida hoje conta com 83 funcionários dedicados à instituição (entre eles, servidores federais e postos de terceirização), dos quais 26% são mestres e 19% são doutores, além de 115 estagiários e bolsistas ligados a serviços ou a projetos, num total de 198 pessoas, o que a classifica, portanto, como uma instituição cultural de grande porte para os padrões nacionais.

Como um espaço de aprendizado, o Museu da Vida realiza atividades de formação e aperfeiçoamento de jovens produtores culturais, alunos de pós-graduação e estagiários do Programa de Profissionalização desenvolvido pela Fiocruz. Deve-se considerar ainda que serviços de manutenção, zeladoria e segurança são compartilhados com a grande estrutura do *campus* da Fiocruz de Manginhos.

Em virtude do desenvolvimento do projeto do NAHM, bem como à luz da nova estrutura aprovada e regulada pelo novo Manual de Organização, é natural que seja necessária uma revisão e possível ampliação do quadro funcional nos anos vindouros.

1.3. Grupos de trabalho

A organização de trabalho privilegia os processos horizontais, adotando estratégias da gestão participativa, bem como a valorização e o compartilhamento de diferentes saberes, por meio de grupos de trabalho, fóruns de discussão e colegiados. O cotidiano de trabalho é baseado na organização matricial e por projetos, para os quais cooperam todos os setores do museu.

Essa dinâmica é bastante adequada para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares e sustentáveis, embora precise ser melhor elaborada,

conforme indicam o diagnóstico desenvolvido para o Plano Museológico e as discussões com a coordenação, determinando prazos de início e término para os Grupos de Trabalho (GTs); uma divisão equilibrada de tarefas e uma boa comunicação interna; e a organização de fóruns frequentes de discussão – reuniões de coordenação, reunião geral e de Conselhos.

1.4. Diretrizes de ação

- › Realizar estudos para a implementação de gestão de projetos em áreas estratégicas de ação.
- › Ordenar a constituição de grupos de trabalho dentro do Museu da Vida.
- › Implementar nova estrutura organizacional.
- › Interligar o ciclo de planejamento anual da gestão, abraçando a execução e o planejamento do Plano Museológico, incluindo avaliações e indicadores.
- › Capacitar quadro funcional, tendo em vista as futuras transformações do Museu da Vida e os desdobramentos do Plano Museológico.

2. Programa de acervos

O Programa de Acervos tem como premissa a preservação, organização e divulgação dos acervos museológicos e bibliográficos sob a guarda do Museu da Vida e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de estratégias para subsidiar o crescimento exponencial da área de patrimônio do Museu. Essas ações deverão estar atreladas à implantação dos projetos do NAHM, quando haverá uma expansão das áreas de exposição e dos acervos, além da possibilidade de novas abordagens conceituais que articulem história, memória, preservação, paisagem cultural e território, o que pode gerar novas relações entre as áreas técnicas do Museu e um estreitamento com outros departamentos da COC.

2.1. Breve histórico

O acervo museológico sob a guarda do Museu da Vida é fruto de diferentes processos de preservação que demarcam a importância histórica das atividades técnico-científicas da instituição ao longo do último século. Parte significativa desse conjunto é oriunda dos inúmeros laboratórios, de espaços reservados à produção de soros e vacinas, de oficinas destinadas à fabricação de vidraria, de cursos para a formação de quadros em saúde pública, além de premiações aos membros da instituição, motivadas pelo reconhecimento nacional e internacional.

A primeira coleção histórica começou a ser formada em 1917, por ocasião da morte precoce do médico sanitário Oswaldo Cruz. Em sua memória, seu gabinete de trabalho localizado no então recém-construído Castelo Mourisco foi preservado como um espaço de recordações. O Museu Oswaldo Cruz passou a abrigar objetos de uso pessoal e de trabalho do fundador da instituição, que foram mantidos como relíquias, abertos à visitação apenas em ocasiões especiais.

Com o passar dos anos, o Museu passou a refletir as atividades desenvolvidas na instituição. Técnicos e pesquisadores, sensíveis à importância da memória dos fundadores e das práticas científicas, foram transformando esse lugar em um espaço apropriado para a preservação de objetos representativos da atuação em saúde pública e medicina experimental mantidos no Instituto Oswaldo Cruz.

Durante a década de 1970, a partir da criação da Fundação Oswaldo Cruz e por ocasião do centenário de nascimento do patrono da instituição, o Museu foi reorganizado com a ampliação de sua área expositiva, que passou a incluir outros temas relacionados às atividades do Instituto. Com a contratação de museólogos, inaugurou-se uma nova fase, pautada na abertura do Museu ao público e na sistematização da prática museológica,

que, entre outras ações, inclui o inventário, a conservação preventiva e a captação de novos itens para o acervo.

Simultaneamente, iniciativas institucionais nos campos da divulgação e educação científicas possibilitaram o surgimento de outros museus, como o Museu Didático Marquês de Barbacena (1977) e o Museu do Instituto Oswaldo Cruz (1979), ambos de breve trajetória.

Essas iniciativas resultaram em nova orientação para a coleção histórica. Objetos e equipamentos de diversas unidades da instituição, em geral substituídos por outros mais modernos, identificados como representativos das atividades da Fiocruz, passaram a ser incorporados ao acervo. Além disso, doações externas, oriundas de profissionais ligados à área da saúde, somaram ao acervo aspectos relativos à história da medicina e das especialidades médicas.

Após a criação da Casa de Oswaldo Cruz, em 1986, os acervos desses museus foram incorporados em um novo espaço: o Museu da Casa de Oswaldo Cruz, inaugurado no ano seguinte. A abertura do Museu da Vida em 1999, como um departamento voltado para a divulgação científica, marca nova inflexão do projeto museológico institucional, a par de um contínuo aperfeiçoamento das políticas e métodos de guarda e preservação de seu acervo.

No mesmo período foi criada pelo Centro de Referência de Educação em Ciência a “Área de Apoio Informacional”, a qual deu origem à Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel (BEDC), tida desde sua criação como um espaço de reflexão, criação, construção coletiva de conhecimentos, estratégias pedagógicas e de políticas educativas para o Museu²⁶.

²⁶ SEIBEL-MACHADO, Maria Iloni. *O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987-2006) e a experiência do Museu da Vida*. 2009. 250f. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2009.

Hoje, com a ampliação das atividades e ações do Museu da Vida, além da rotina técnica e do suporte informacional aos profissionais do Museu no desenvolvimento de suas atividades, a Biblioteca possui público com perfil diversificado e atividades diferenciadas em relação às demais bibliotecas da Fiocruz, pois estar integrada ao Museu da Vida contribui para a sua função multidisciplinar no que diz respeito à concepção e ao desenvolvimento de atividades educativas e culturais, que contam também com parceria e suporte de profissionais de outras áreas, que não apenas do campo da Biblioteconomia. Suas atividades culturais e educativas visam contribuir para a divulgação e uso de seu acervo, acesso às bases de dados bibliográficas, incentivo à leitura e ampliação dos usos de seu espaço. Suas atividades educativas são oferecidas aos cursos de pós-graduação da Casa de Oswaldo Cruz e ao Programa de Produção Cultural. As atividades culturais são oferecidas à Creche Fiocruz, Programa de Produção Cultural e ao público do Museu, em eventos realizados por este. Seu público é composto por profissionais do Museu da Vida e da Fiocruz, alunos dos cursos de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*, jovens do Programa de Produção Cultural, crianças da creche/Fiocruz, e também por visitantes sem vínculo com a instituição.

Atualmente, as áreas técnicas da Casa de Oswaldo Cruz, que zelam por seu patrimônio museológico, bibliográfico, arquitetônico e arquivístico, atravessam uma fase rica em oportunidades e iniciativas que visam à revisão, atualização, ou mesmo implantação de novas práticas de tratamento técnico das coleções, o que inclui a consolidação de linhas temáticas para os acervos, a elaboração de políticas e programas para a gestão do patrimônio, a elaboração de manuais de procedimentos, o desenvolvimento e a implantação de uma ferramenta para gestão eletrônica das informações relativas aos acervos e de processos contínuos de documentação e pesquisa histórica junto ao acervo museológico, além da modernização e ampliação da infraestrutura de guarda das coleções.

2.2. Descrição dos acervos

O acervo museológico do Museu da Vida é compreendido dentro da perspectiva museológica em que objetos são intencionalmente retirados de seu local e funções utilitárias e são, em geral, reunidos e classificados a partir de uma lógica que visa a transformá-los em sujeitos de outras leituras. No processo de musealização, os objetos utilitários se tornam “objetos semióforos”, o que corresponde à transformação simbólica dos objetos do cotidiano em razão de seus significados e valores²⁷. Esses passam a ser preservados com o objetivo de testemunhar a memória e construir narrativas que embasem a história daquilo que se pretende manter, em detrimento de outras que são confinadas ao esquecimento. Assim, ao inserir um objeto em uma coleção museológica, sua dimensão imaterial precisa estar intrinsecamente relacionada à sua materialidade, condição fundamental para essa mudança de status²⁸.

Diferente dos museus tradicionais, onde, em geral, o acervo está no centro de todas as atividades relacionadas a suas funções básicas de preservar, pesquisar e comunicar²⁹, o Museu da Vida se consolidou primordialmente como um centro de divulgação científica. Assim, ele se apropria de seu acervo museológico como uma das possibilidades de interação com o seu público.

²⁷ Este conceito é mais aplicável aos objetos manufaturados (*artificialia*), mas devemos considerar também que existem coleções formadas por espécimes de origem animal e vegetal, além de objetos de arte que não possuem uma “função utilitária” antecedendo sua musealização. POMIAN, K. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi. v. 1: *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. p. 51-86. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/01/Pomian-1984b-colecoes.pd.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2016.

²⁸ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público. In: *Revista Estudos Históricos*, v. 11, nº 21, p. 98, Rio de Janeiro, CPDOC/ FGV, 1998.

²⁹ ICOM. *Código de Ética para Museus*, 2006. Disponível em: <http://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2017.

O escopo do acervo museológico sob a guarda do Museu da Vida abrange temas relacionados com a história da saúde pública no Brasil, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no campo da saúde, além da medicina e suas disciplinas. Atualmente esse conjunto é formado por cerca de 2 mil objetos, datados de meados do século XIX aos dias atuais, majoritariamente ligados ao desenvolvimento da saúde pública, da medicina experimental e de especialidades médicas, além de contar com peças pertinentes à trajetória pessoal e de trabalho de alguns pioneiros da instituição, sobretudo Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Equipamentos científicos, instrumentos médicos, mobiliário de laboratório e hospitalar, itens de indumentárias, medicamentos e produtos imunobiológicos, representam uma síntese das atividades da Fundação Oswaldo Cruz, principalmente no que tange à sua trajetória no desenvolvimento das pesquisas biomédicas e na produção de medicamentos, soros e vacinas, conferindo um caráter singular a esse patrimônio histórico.

Preservada como patrimônio cultural da ciência e da saúde, parte expressiva desse acervo relaciona-se com os demais acervos arquivísticos, bibliográficos, biológicos, e arquitetônicos e urbanísticos da Fiocruz. Esse conjunto reúne testemunhos materiais sobre aspectos da formação da ciência e da tecnologia médica no país, potenciais fontes de informações e pesquisas, úteis para a interpretação de fatos, conjunturas e processos sociais.

O acervo museológico encontra-se organizado de acordo com um esquema de arranjo classificatório hierárquico, que tem como referência o *Thesaurus de Acervos Museológicos*³⁰. A classificação tem como prerrogativa agregar objetos que estabeleçam um diálogo coerente entre si, de forma a permitir a categorização do acervo em quadros parciais.

³⁰ FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena S. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987. 2v. (Série Técnica).

Inicialmente constituído por doações dos profissionais do Museu da Vida, o acervo bibliográfico da BEDC possui hoje cerca de 4.500 itens, adquiridos por meio de compra ou doação, e é composto por variados suportes, como monografias, teses, dissertações, obras de referência, folhetos, periódicos, documentários, CDs e jogos. Seu escopo abrange as áreas de divulgação científica, educação, museologia, ciências da vida, saúde e literatura infanto-juvenil.

No acervo bibliográfico, a catalogação dos itens é realizada com a utilização de instrumentos pré-estabelecidos. Para classificação e organização de seu acervo, a Biblioteca utiliza o Sistema de Classificação Decimal Dewey (CDD) e a tabela de Cutter-Sanborn. A CDD refere-se ao assunto e o Cutter é a notação que representa o autor do item. Para indexação, ou seja, representação do conteúdo de um item por meio dos termos extraídos do próprio documento, que resulta em palavras-chave e descritores, a BEDC utiliza terminologias oriundas de seu catálogo manual, com fichas feitas desde o início de suas atividades, com base em terminologias de outras instituições, tais como a Biblioteca Nacional, Library of Congress, Rede de Bibliotecas da Fiocruz, além dos Descritores em Ciências da Saúde (Decs).

A confecção de fichas catalográficas e a revisão de referências são realizadas conforme as regras do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR 2) e as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), respectivamente.

As coleções museológicas e bibliográficas devem ser desenvolvidas e atualizadas com base em diretrizes, critérios e procedimentos que possibilitem nortear a gestão do acervo. No que se refere ao Museu da Vida, a gestão e a preservação do acervo estão alinhadas à Política de Preservação e Gestão de Acervos Culturais das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (2013) e seus subprogramas já concluídos e disponibilizados – Programa de Incorporação; Programa de Tratamento Técnico; Programa de

Conservação e Restauração – e com aqueles em desenvolvimento. Estão também em conformidade com o que dispõe a Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz, em sua fase de avaliação e aprovação na instituição³¹.

Considerando esse cenário e suas potencialidades, as principais atividades do Programa de Acervos são:

Conservação: planeja e executa ações diretas ou indiretas junto ao acervo museológico e bibliográfico, que visam a estabelecer condições adequadas que impeçam ou minimizem a degradação física dos materiais que o compõem. Estabelece normas e procedimentos de higienização, manuseio, embalagem, transporte e acondicionamento dos objetos em Reserva Técnica e em exposições, bem como estabelece padrões para monitoramento e controle climático dos diversos agentes de degradação.

Documentação: produz, sistematiza e padroniza informações sobre cada um dos itens dos acervos museológico e bibliográfico. Organiza, controla o acesso e permite que os objetos e itens preservados adquiram a condição potencial de fontes de informação para a pesquisa e divulgação desses acervos.

Pesquisa histórica: desenvolve ações de levantamento, sistematização e comunicação de informações de caráter contextual obtidas junto a fontes extrínsecas aos objetos museológicos. Esta etapa permite conhecer a ordem sociocultural em que o objeto foi criado, utilizado e adquiriu significados, além de permitir recuperar a história da formação dos acervos, elucidar lacunas sobre sua procedência, e mapear os processos que colaboraram para a institucionalização da identidade do acervo na instituição de custódia. Essas informações são fornecidas por intermédio de fontes arquivísticas,

³¹ Referências sobre políticas, planos e programas podem ser consultadas na parte V deste documento.

bibliográficas e também recolhidas e organizadas pela metodologia da história oral.

Apoio à pesquisa: a Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel dispõe de variados instrumentos para suporte às linhas de pesquisa desenvolvidas no Museu, tais como acesso a fontes de informação bibliográficas e também eletrônicas, com informações inerentes e correlatas às áreas do Museu, bases de dados nacionais e estrangeiras, além de oferecer capacitação quanto ao uso de seu acervo e quanto ao uso de fontes de informação aos cursos de pós-graduação *lato* e *stricto sensu* nas áreas de ação do Museu da Vida.

Comunicação: propõe e desenvolve formas de acesso ao acervo por meio de consulta presencial ou remota, exposições de curta e longa duração e outros projetos e iniciativas de difusão cultural.

Gestão: gerencia os procedimentos técnicos pertinentes às atividades de conservação, documentação, pesquisa e exposição, circulação de itens, bem como coordena as ações de incorporação e descarte dos acervos museológico e bibliográfico.

2.3. Diretrizes de ação

- ▶ Promover processos de avaliação para incorporação e descarte de bens para o acervo museológico.
- ▶ Propor ações de difusão do acervo museológico em exposições, em ações de visitação à Reserva Técnica acessível e pela internet.
- ▶ Propor ações de difusão do acervo bibliográfico em exposições de curta e longa duração e em eventos.
- ▶ Organizar uma coleção didática de objetos que possam ser manipulados nas exposições e outras atividades para o público.
- ▶ Elaborar e implantar metodologia para identificação, seleção,

salvaguarda e preservação *in situ* do patrimônio cultural da ciência e da saúde na Fiocruz.

- ▶ Desenvolver e implantar sistema de gestão automatizada das informações sobre o acervo museológico.
- ▶ Participar da implantação e migração do novo sistema de catalogação automatizada a ser adotado em todos os acervos bibliográficos da Rede de Bibliotecas Fiocruz.
- ▶ Realizar o tratamento técnico do acervo não processado.
- ▶ Realizar revisão do inventário do acervo museológico.
- ▶ Realizar inventário do acervo bibliográfico.
- ▶ Colaborar nas ações da Política de Memória Institucional no âmbito da Fiocruz, em particular com ações museológicas.
- ▶ Implantar a gestão de riscos nos processos de preservação do Acervo Museológico.
- ▶ Participar da elaboração de diretrizes e critérios para o Plano de Preservação Digital e para o Manual de Digitalização da Fundação Oswaldo Cruz.
- ▶ Participar da elaboração da Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz.

3. Programa educativo, cultural, socioambiental e de acessibilidade

O conjunto de ações educativas é fundador do ideal do Museu da Vida e representa o elo mais forte de interlocução com o público, além de atuar na perspectiva de transversalidade da divulgação e popularização da ciência dentro do Museu, da COC e da própria Fiocruz.

Nessa versão do Plano Museológico, os programas Socioambiental e de Acessibilidade estão integrados ao Programa Educativo e Cultural, sendo inclusive parte de sua missão educativa.

A descrição das ações adotadas destaca alguns dos resultados do trabalho realizado no campo das ações territorializadas (ressaltando sua relevância ao campo socioambiental) e da acessibilidade. A realidade atual nos dá subsídios para a futura elaboração de dois programas: Programa Socioambiental e Programa de Acessibilidade.

3.1. Breve histórico

Para cumprir o papel institucional de espaço de integração entre culturas, a elaboração da proposta conceitual do Museu da Vida agregou o conhecimento adquirido nas ações realizadas pela Fiocruz – direcionadas para a valorização da memória e da difusão do patrimônio da ciência, da tecnologia e da saúde – ao investimento de esforços em diálogos sistemáticos com diversas esferas da sociedade. A identidade e concepção de um museu participativo e dinâmico foi referenciada por museus de ciências do tipo interativo. Somado a esse aspecto, na elaboração do projeto Museu da Vida, o compromisso do trabalho educacional com os diferentes públicos caminhou no sentido de conjugar as perspectivas da promoção da saúde e da qualidade de vida.

No que diz respeito aos espaços expositivos e às áreas de visitação, o desenvolvimento conceitual foi centrado em temas organizadores e teve como objetivo evidenciar que, no âmbito das ciências e da saúde, a complexidade das questões apresentadas permeia diferentes áreas do conhecimento. Tal pressuposto teórico teve a intenção de evitar a organização fundamentada em disciplinas acadêmicas e a segmentação de saberes.

A opção pela mediação humana como estratégia fundamental para a produção de narrativas e para a promoção de diálogos com os diferentes públicos teve grande investimento por parte da equipe de profissionais. Assumimos com Paulo Freire³² que o diálogo é parte essencial do processo

pedagógico; em nossos lócus de atuação, ele favorece a expressão das ideias sobre saúde impregnadas de sentidos provenientes do contexto histórico-social no qual o indivíduo está inserido e de sua subjetividade, ideias às quais são acrescidas as suas percepções cognitivo-afetivas. O comprometimento com uma compreensão dos visitantes como sujeitos históricos e com potencial para transformarem a si mesmos e a suas experiências cotidianas fez avançar a ideia do Museu como um importante espaço de fruição, descobertas, conhecimentos, indagações e debates.

A estruturação do Centro de Educação em Ciências (CEC), nome assumido posteriormente, no processo de implementação do Museu da Vida, adquiriu maior concretude em 1996/1997, com a aprovação, pela FINEP, do projeto de pesquisa *Museu da Vida/Fiocruz: uma contribuição para a educação formal?* Esse projeto possibilitou a constituição de uma equipe multiprofissional e a elaboração da intervenção pedagógica/minicurso *Ciência e história através de diferentes linguagens*, que utilizou os recursos disponíveis no Museu (ainda não inaugurado naquele momento). Os participantes do minicurso – professores e estudantes de graduação – constituíram o universo da pesquisa, cujos resultados, conforme relatório final divulgado em 1999, ressaltaram a coerência e o potencial da Proposta Pedagógica para o desenvolvimento de ações do Museu junto à educação formal.

Outros objetivos associados à memória e ao patrimônio da ciência, tecnologia e saúde, bem como ao permanente diálogo com as demandas da educação formal, do território e de relações interinstitucionais se somaram desde então. Ao longo desses anos, esses objetivos vêm se concretizando a partir de uma proposta pedagógica caracterizada como um processo contínuo, face à necessidade do enfrentamento dos desafios impostos pela realidade.

Em se tratando de um processo em construção, houve a preocupação de estudo para domínio de referenciais teóricos baseados nas teorias de desenvolvimento e aprendizagem, lançando um olhar cuidadoso e crítico para

a proposta pedagógica na sua multidimensionalidade quanto à capacidade de conceber, estruturar, realizar e analisar as atividades educativas.

A partir dessas constatações, fez-se necessária a elaboração de uma proposta político-pedagógica que propôs que os temas científicos tratados assumissem alguns aspectos: o enfoque histórico como processo; a interatividade como metodologia, traduzida na capacidade de se colocar no lugar do outro e de se produzir atividades em que, como resultados, todos se modificam; e a multidisciplinaridade, no sentido de somar e diversificar as visões sobre um mesmo objeto ou realidade. Levou-se também em conta que o sujeito (em suas dimensões sociais, culturais, epistemológicas e históricas) e o contexto da visita fossem considerados como o centro do evento de visitação, para os quais estão voltados todos os objetivos, conteúdos e atividades.

A fim de dar embasamento teórico para os processos educativos, foram destacados aspectos político-filosóficos, tais como: **aspectos epistemológicos**, que abordam as características de um museu de ciência e tecnologia que pretendia ser interativo, multidisciplinar e construtivista; **aspectos psicológicos**, que incluem os sujeitos (público visitante) como seres cognitivos e emocionais, de forma a considerar suas atitudes e representações como pistas para seu interesse, sua participação e seu desenvolvimento nas atividades/oficinas/peças teatrais; **aspectos sociológicos e antropológicos**, que deveriam estar presentes no confronto das diversas experiências educativas mobilizadas durante a mediação; e **aspectos pedagógicos**, que deveriam atender a demandas individuais e coletivas do conhecimento, explorando tanto experiências físicas com objetos como a interação, com a participação em atividades que propõem exposição de conhecimentos prévios, reflexão, debates.

A partir da compreensão de que todos esses aspectos se entrelaçam numa rede significativa de conexões, foi feita a escolha pela mediação humana

como estratégia fundamental para a produção de narrativas e trocas dialógicas. Nesse processo, foram elencados alguns elementos estruturantes, que buscaram delinear o momento de encontro do visitante com o mediador e as exposições. Destacam-se entre esses elementos a necessidade de definição dos objetivos da atividade, os sujeitos da aprendizagem, a natureza do conteúdo, a duração e o contexto. Ressaltamos que o contexto aponta tipologias de visitas, motivações, interesses e escolhas por áreas expositivas e atividades. No conteúdo encontramos informações, conceitos, teorias e operações intelectuais que colocam os sujeitos/públicos em contato com a descoberta, a criatividade, o conhecimento, a atitude reflexiva, esses vistos como objetivos importantes e específicos, de acordo com as visões de mundo, experiências, escolaridade, faixa etária e práticas culturais. É importante não desconsiderar a avaliação como processual e inerente a esse processo de trabalho.

Diante do traçado histórico da proposta educativa do Museu da Vida acima descrito, constatamos o quanto se caminhou, e novos projetos, ideias e ações foram implementados. Destacamos que alguns pressupostos sistematizados ao longo desses anos continuam a compor os fundamentos do trabalho. Atualmente vem sendo discutida a necessidade de sistematização de uma Política Educacional, com o fim de construir novos referenciais teóricos e buscar a coerência interna necessária à consecução dos objetivos e diretrizes estabelecidos e à viabilização das especificidades do Museu da Vida.

3.2. Descrição

O Programa Educativo, Cultural, Socioambiental e de Acessibilidade integra a Política Educacional, ainda em elaboração, documento maior que expõe os princípios, as diretrizes e os fundamentos de nossa ação, bem como realiza um histórico do percurso educativo desta instituição. Seus objetivos se pautam no compartilhamento de ações com os setores, considerando sua

³² FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

dimensão educativa em diálogo com a missão institucional do Museu da Vida, da Casa de Oswaldo Cruz e da Fiocruz.

Está organizado em linhas de ação delimitadas por objetivos específicos, que representam processos integrados, sinérgicos e interdisciplinares. Uma vez entendida a dimensão educativa e cultural como transversal a todas as ações desenvolvidas por um museu, a integração desses processos pressupõe, para várias situações, a constituição de equipes multidisciplinares.

EIXO 1. Ações educativas/culturais: linha que contempla projetos continuados, trabalhos em rede e colaborativos, reunindo um conjunto expressivo de ações que abarcam a concepção e a realização de oficinas, atividades continuadas, a relação com escolas e universidades, visitas que contemplam diversos públicos e projetos diretamente vinculados com as relações museu-território e museu-sociedade.

EIXO 2. Formação: reúne o conjunto de ações voltadas à formação de estudantes e profissionais no âmbito do Museu da Vida. As áreas contempladas incluem a formação de estudantes de nível superior e médio no campo da educação em museus, a popularização da ciência e da produção cultural, a formação de mediadores para exposições, a concepção e o desenvolvimento de materiais educativos, a promoção de espaços de estudos e a realização de projetos no escopo de sua atuação.

EIXO 3. Desenvolvimento de público: compreende a área responsável pelo desenvolvimento de estratégias para prospecção, atração, recepção e fidelização de diferentes públicos – dentro do conceito de democratização de acesso à cultura –, seja pelo fortalecimento de conexões e interação com famílias, idosos, jovens, escolas e demais instituições, em especial do território no qual o *campus* de Manguinhos se insere, seja pelo estabelecimento de trabalhos colaborativos com professores e educadores em geral.

EIXO 4. Acessibilidade: compreende esforços realizados no sentido da ampliação do acesso aos diversos públicos. Demanda esforço coletivo da equipe de profissionais comprometidos com a elaboração de projetos definidos por desenho universal e que garantam acessibilidade às pessoas com deficiência permanente ou temporária e idosos. O acesso envolve atos e percepções desejados por um visitante desde o seu ingresso na edificação até sua exploração museal.

3.2.1. Ações educativas/culturais

Para que possa se efetivar um trabalho educativo com ampla oferta de ações, é necessária uma organização preliminar que envolva o agendamento, acolhimento e planejamento de ações para o público. O Museu da Vida recebe majoritariamente nas suas exposições de longa duração o público escolar, e seus conteúdos expositivos estão voltados, em sua maioria, para a faixa etária a partir dos 10 anos. Os temas principais abordam: *Energia, Comunicação e Organização da Vida; Relação entre Ciência e Arte; e História da Saúde Pública no Brasil*. Outras ações também são desenvolvidas na área externa e nas salas para exposições temporárias.

A partir do planejamento de atividades e do agendamento, parte-se para a concepção e o desenvolvimento de processos educativos que atendam diferentes públicos e potencializem o trabalho realizado na mediação. Temas como promoção da saúde, memória e patrimônio, emancipação e participação social, biodiversidade, ciência e tecnologia estabelecem transversalidade aos circuitos de visitação no *campus*. Além da visita mediada às exposições, são oferecidas oficinas, sessões de vídeo, debates, esquetes e peças teatrais, contação de histórias, trilhas histórico-ambientais, shows de ciências e eventos. Todas essas ações educativas têm o objetivo comum de estabelecer relações entre, ciência, tecnologia e saúde, além da presença constante da arte e da cultura.

Trabalho colaborativo com as escolas públicas de Manguinhos e Maré

O objetivo é que, a partir de um projeto construído em conjunto entre as equipes de trabalho do Museu da Vida e da escola, e coerente com a proposta de uma educação emancipatória, sejam elaboradas atividades que produzam novos significados na relação museu-escola.

Ações territorializadas

São consideradas ações territorializadas (AT) todas as atividades, oficinas, atuações em geral de divulgação e popularização da ciência realizadas integral ou parcialmente fora da Fiocruz, dirigidas à população do território no qual o *campus* de Manguinhos está inserido e aos demais territórios de populações socialmente vulnerabilizadas da cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana. Tais ações podem envolver a utilização do ônibus institucional chamado “Expresso da Ciência”, tanto para condução ao Museu de turmas pertencentes à “Rede Cultural Território em Transe” (formada por escolas localizadas em territórios com vulnerabilidade social), bem como para o transporte de turmas de famílias organizadas por escolas ou associações comunitárias parceiras pertencentes ao bairro de Manguinhos (nos “Sábados das Famílias”). Também constitui processo de trabalho das AT a produção de dinâmicas para cada ação de campo a ser realizada, com intuito de desenvolver discussões para as questões socioambientais específicas dos lugares onde são promovidas. As atividades educativas são focadas nos públicos dos territórios socialmente vulnerabilizados, com o objetivo de estimular a cidadania e o engajamento das populações nas questões que as afeta e sua coparticipação na produção de exposições e atividades educativas sob orientação de educadores do Museu da Vida.

Eventos

A promoção de eventos no Museu da Vida, uma de suas ações culturais, contribui para dinamizar a atuação e promover, junto à sociedade, debates e reflexão crítica sobre temas e questões relevantes à ciência, à saúde e à cultura, ampliando o público visitante. A programação especial em torno de um tema instigante pode se apresentar em diferenciados formatos, tais como: fóruns, mesas-redondas, apresentações culturais, dentre outros, focando objetivos e públicos específicos.

Ações educativas para o público infantil

Dedicadas ao estudo e desenvolvimento de atividades educativas em museus para o público infantil, balizam suas reflexões nos seguintes aspectos: aprofundamento teórico em autores que estudam a infância, a criança e os museus; especificidades do universo infantil (faixa etária dos 5 aos 9 anos); o caráter prático das atividades; ludicidade; compreensão de tempo e espaço; envolvimento afetivo e social da criança; observação e interação com os objetos museais; manipulação dos aparatos; modelos e jogos; temas relacionados à ciência, arte e saúde.

Programa Leitura e Ciência

O Programa Leitura e Ciência tem sua concepção e seu desenvolvimento orientados mais especificamente para o público infantil e suas famílias. Tem como propósito trabalhar com as crianças, de maneira lúdica, os conteúdos relacionados à ciência e à saúde. Nesse contexto, desenvolve ações voltadas à utilização de livros de literatura com crianças e famílias. Numa outra vertente, o programa procura sensibilizar e fundamentar a equipe de profissionais do Museu da Vida para o desenvolvimento de atividades que incorporem a articulação entre literatura e ciência. Recentemente, iniciativas dirigidas a jovens e adultos buscaram identificar questões

relevantes presentes no cenário nacional, visando a promover uma reflexão crítica também com esse público.

É organizado a partir das seguintes iniciativas: *Contadores de Histórias*, *Biblioteca Móvel*, *Troca-troca de Livros*, *A Vez das Palavras*, *Geladeira Literária*; além de formar mediadores em leitura e pesquisa sobre as práticas desenvolvidas.

Teatro

Ação de divulgação, educação e popularização da ciência. Desde 1999, investe na criação e produção de peças teatrais, esquetes e performances que são oferecidas ao público. Esta ação educativa utiliza a arte como ferramenta para divulgação científica, promoção da saúde e da cidadania.

Concepção, desenvolvimento e avaliação de propostas educativas de exposições, jogos, roteiros temáticos, cadernos, kits educativos e mídias

Compreende a produção de materiais educativos ou didático-culturais na forma de módulos expositivos, a elaboração de propostas e atividades educativas, impressos, audiovisuais, objetos tridimensionais, jogos, *kits*, pranchas, vídeos, entre outros. Esses materiais auxiliam a mediação dos conteúdos para os diferentes públicos e podem contribuir com as práticas educativas, promovendo o debate e a troca de saberes. Entendemos que a construção de conhecimento acontece de forma mais interessante quando as temáticas são oferecidas em diferentes formatos, proporcionando ao visitante a oportunidade de vivenciar experiências variadas. Numa outra perspectiva, verifica-se que professores e educadores anseiam por diferentes materiais que possam ampliar o diálogo entre o museu e a escola, entre o conhecimento científico e a sociedade.

3.2.2. Formação

Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência (Propop)

Está voltado para a formação de estudantes de nível universitário no campo da educação não formal, com foco no atendimento aos diferentes perfis de público na mediação de exposições temporárias e de longa duração no Museu da Vida. A orientação do trabalho educativo abre espaço para a participação de jovens oriundos de cursos das diversas áreas de conhecimento, como: Ciências Biológicas, História, Letras, Geografia, Pedagogia, Museologia, Matemática, Física, Química, Teatro, Educação Artística, entre outras. Tem como metas contribuir para o fortalecimento da Política Institucional de Popularização da Ciência e desenvolver ações e produtos fundamentados na reflexão crítica sobre os processos que envolvem os campos da educação e da cultura.

Programa de Iniciação à Produção Cultural (Pró-Cultural)

É uma ação de educação não formal voltada a jovens estudantes do 2º e 3º anos do ensino médio de escolas da rede pública do território onde está inserida a Fiocruz. Oferece 25 vagas para jovens na faixa etária entre 16 e 19 anos. Tem como objetivos estimular a reflexão e a discussão sobre a realidade socioambiental do território onde se localiza a Fiocruz; valorizar a cultura científica, a popularização da ciência e a promoção da saúde; subsidiar a reflexão dos jovens sobre as relações entre expressões culturais e identidade, multiculturalidade, democracia e a importância do acesso à cultura como parte da educação e do processo de formação cidadã; oferecer noções de produção cultural; possibilitar a aquisição de experiência no planejamento e na realização de eventos e atividades culturais.

O Programa está estruturado em módulos (*Quem sou eu? Identidade, Cidadania e Historicidade; Noções e Práticas em Produção Cultural; Estágio*) que priorizam a responsabilidade coletiva para o desenvolvimento de uma cultura dirigida à formação de sujeitos críticos e conscientes de suas possibilidades de atuação no contexto social.

Cursos para formação de mediadores

A atuação de mediadores tanto nas exposições de longa e curta duração como nas itinerantes e do Ciência Móvel requer formação específica nos conteúdos e aparatos expositivos. De acordo com o planejamento e a solicitação das exposições por instituições parceiras, torna-se necessária a elaboração, organização e realização de cursos para formação desses mediadores.

Encontros e oficinas temáticas para educadores e professores em formação

Esta ação se propõe a abrir espaço para diálogo e trocas constantes com professores e educadores de todas as áreas, bem como potencializar a relação museu-escola-universidade, permitir o contato de graduandos com práticas de educação museal e estimular a relação da visita ao Museu da Vida com as práticas educativas desenvolvidas em sala de aula.

As oficinas temáticas buscam criar oportunidades para experimentar situações significativas de aprendizagem e os processos de mediação propostos pelo Museu.

Esse trabalho educativo valoriza o intercâmbio de saberes e se organiza na intenção de produzir algo novo a partir de projetos compartilhados. Estabelecer momentos como “o antes, o durante e o depois” da visita às áreas temáticas e exposições possibilita uma relação mais orgânica com alunos e professores.

Seminário de Práticas Educativas

Evento que tem como objetivo compartilhar práticas educativas na relação museu-escola-universidade. Acontece anualmente e reúne graduandos de cursos diversos, professores e educadores de museus.

3.2.3. Desenvolvimento de público

O terceiro eixo compreende a área responsável pela elaboração de ações, a partir de estratégias pautadas pelos estudos de público, pesquisas de avaliação e dados históricos, que objetivam não apenas o aprimoramento do agendamento, mas o estímulo para a ampliação e diversificação da audiência espontânea (caracterizada pela visita aos sábados) e para grupos que não costumam frequentar museus e que manifestam disposição desfavorável a essa prática.

As ações incluem realização de eventos específicos dentro do calendário do Museu, estabelecimento de novas parcerias, atividades extramuros, organização de eventos com novos grupos e atividades de lazer/cultural nos sábados, entre outras.

3.2.4. Acessibilidade

Esse eixo trata da ampliação do acesso aos diversos públicos. Demanda esforço coletivo da equipe de profissionais comprometidos com a elaboração de projetos definidos por desenho universal e que garantam acessibilidade às pessoas com deficiência permanente ou temporária e a idosos. O acesso envolve atos e percepções desejados por um visitante desde o seu ingresso na edificação até sua exploração museal. Para os fins de acessibilidade, conforme o art. 8º do Decreto nº 5.296³³, de 2 de dezembro de 2004, que trata do tema, considera-se: I - acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida, com o propósito de uma circulação autônoma de qualquer tipo de pessoa, seja ela com ou sem deficiência. Para tal precisamos garantir diversos níveis e dimensões de acessibilidade como: arquitetônica (barreiras físicas), metodológica (estratégias educativas), atitudinal (práticas de sensibilização e conscientização), instrumental (uso de equipamentos e aparatos), programática (adoção da legislação) e comunicacional (uso de variadas formas de comunicação e de tecnologias assistivas)³⁴.

³³ BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, que regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm> Acesso em: 17 ago. 2017.

³⁴ IBRAM. Subsídios para a Elaboração de Planos Museológicos, 2016. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Subs%C3%ADdios-para-a-elabora%C3%A7%C3%A3o-de-planos-museol%C3%B3gicos.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

3.3. Diretrizes de ação

- › Elaboração da Política Educacional do Museu da Vida.
- › Elaboração de instrumentos para acompanhamento e avaliação da mediação.
- › Produção de cadernos educativos das exposições temporárias e itinerantes.
- › Desenvolvimento de estudos e ações voltados para a acessibilidade.
- › Produção de estudos sobre as ações territorializadas.
- › Produção de cadernos de mediação, como subsídio para mediadores, com a descrição das atividades educativas e dos roteiros de mediação das exposições desenvolvidas pelo Museu.
- › Desenvolvimento de uma linha de produtos educativos do Museu da Vida.
- › Aperfeiçoar o programa de formação de bolsistas de nível superior do Museu da Vida, incluindo jornadas de apresentações dos trabalhos desenvolvidos.
- › Produzir interfaces entre as ações educativas do Museu da Vida com as ações de pós-graduação da Casa de Oswaldo Cruz.
- › Consolidar interfaces intra e interinstitucionais para os bolsistas do Programa de Produção Cultural do Museu da Vida.
- › Implementar novo modelo de agendamento e visitação do Museu da Vida.
- › Desenvolver estratégias para viabilizar maior envolvimento com o público que já frequenta o Museu da Vida.
- › Construir uma agenda de relacionamento com públicos potenciais.
- › Propor uma agenda institucional para construção de uma Política Cultural para Fiocruz.

4. Programa de exposições

As exposições, tradicionalmente o principal vetor de comunicação pública dos museus, passaram por grandes transformações ao longo do último século, seja do ponto de vista das diferentes narrativas, seja pelas significativas alterações de formatos e modos de interação com o público visitante.

O Museu da Vida trabalha com referenciais oriundos dos centros de ciência e da Nova Museologia, além de tratar de memória institucional e científica, o que possibilita um alargamento do entendimento integrado e integral de Patrimônio, Paisagem e Cultura, em conexão com sua missão maior de divulgação e popularização da ciência e do conhecimento do conceito de saúde ampliado.

Além das exposições, o Museu da Vida desenvolve produtos de divulgação e popularização da ciência, tais como jogos e aparatos interativos utilizados em oficinas e eventos, que podem se somar às exposições para enfatizar a sensibilização de alguns conceitos e dinamizar a experiência da visita.

4.1. Breve histórico

Ao longo da existência da Fiocruz, as exposições se configuraram como um importante meio de divulgação de temas relacionados à ciência e à saúde para o grande público. A proposta de criação do Museu da Vida – inaugurado em 1999 – foi inspirada, em boa parte, em diversas experiências acumuladas pela instituição, relacionadas à divulgação e popularização da ciência, à preservação e valorização do patrimônio cultural, e também à educação não formal.

Desde a sua inauguração, o Museu da Vida tem realizado diversas exposições de longa duração, temporárias e itinerantes, todas relacionadas aos seus temas centrais: a vida enquanto objeto do conhecimento, a saúde como qualidade de vida e a intervenção do ser humano sobre a vida. Por meio de textos, imagens, objetos históricos, aparatos científicos e equipamentos interativos, visitantes da cidade do Rio de Janeiro – e os de todo o Brasil e de outros países, por conta da itinerância – apreendem e vivenciam esses temas. Algumas exposições possuem versão virtual, o que proporciona um alcance de público ainda maior.

No período de 1999 a 2016, o Museu desenvolveu 76 exposições temporárias/itinerantes, sendo 60 montagens próprias, duas exposições em parceria com outras instituições e 14 exposições externas (recebidas de terceiros). Esse número não inclui as exposições de longa duração já produzidas: Biodescoberta, Passado e Presente (salas Oswaldo Cruz e Carlos Chagas), Parque da Ciência e Epidauro – Laboratório de Percepção.

4.2. Descrição

As exposições se configuram como principal forma de comunicação museológica para o público amplo. Permitem apresentar temas diversos, ou um tema central sob diferentes perspectivas, mas que devem preferencialmente refletir a missão, a visão, os valores e os objetivos da instituição. São construções complexas, de caráter interdisciplinar, que envolvem profissionais de diferentes formações – tais como educadores, museólogos, pesquisadores, *designers*, produtores e gestores culturais –, que juntos buscam desenvolver a linguagem e a narrativa expográfica, articulando conteúdos, cenários, suportes e ambientes, de modo que apresentem a temática pretendida, buscando sensibilizar e suscitar a produção de sentidos, significados e emoções. Tudo isso resulta no que chamamos de “experiência do visitante”, que deve ser o foco de todo o processo de concepção, desenvolvimento, montagem e avaliação de

exposições³⁵. No processo de desenvolvimento de exposições, diversas questões se relacionam de maneira interdependente. Destacaremos as dimensões museológica, da gestão cultural, educativa e de *design*, relevantes para caracterizar esse macroprocesso no Museu da Vida.

As especificidades das exposições museológicas são melhor compreendidas se nos apropriarmos do conceito de musealização³⁶. Musealizar significa atribuir valores a determinados elementos em detrimento de outros, selecionar e ao mesmo tempo descartar, lembrar e esquecer. Nos museus, as exposições cumprem importante papel nesse processo subjetivo de valoração e negociação, que continua e se potencializa ao serem apropriadas pelos visitantes.

No âmbito dos museus de ciência, as exposições são estratégias de interação com o público que objetivam, de forma mais construtiva, não apenas informar, mas oferecer uma experiência múltipla/multifacetada e qualificada para a apropriação do conhecimento relacionado ao fazer científico e tecnológico, levando esse mesmo público a compreender como se dá a construção da ciência, considerando seus aspectos históricos, sociais, culturais e políticos. Assim, exposições de diferentes abordagens no ambiente museal são consideradas estratégias potentes nos processos de educação e popularização da ciência.

O Museu da Vida tem buscado aplicar às suas exposições a metodologia da gestão cultural, que atualmente vem ganhando espaço em diferentes museus, visando ao aperfeiçoamento e à democratização dos processos de concepção, desenvolvimento e gestão de exposições. Ela consiste na organização do processo em um conjunto de procedimentos desencadeados pelas etapas de iniciação, planejamento, execução, monitoramento, encerramento, avaliação e registro. Desse modo, torna-se viável a mediação e o acompanhamento das atividades de cada etapa, conferindo

³⁵ Cury, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

³⁶ Idem

ao processo uma nova perspectiva, a de competência técnica e gerencial. Consequentemente, ganha-se otimização do tempo, dos recursos, dos canais de comunicação e da energia criativa das equipes interdisciplinares, com vistas a alcançar os objetivos planejados junto aos diferentes públicos.

A dimensão educativa deve estar presente em todas as etapas das exposições, na discussão e na decisão sobre aspectos teóricos e práticos. No contexto dos museus, adotamos a perspectiva da educação não formal na apropriação dos saberes. Esta perspectiva acontece na mediação onde público e educadores constroem uma relação educativa que pode provocar reflexões sobre diferentes formas de ver o mundo. Numa exposição, as ações educativas são estratégias importantes no processo de comunicação com o público, de modo a oportunizar a construção de conhecimento, o respeito e a valorização pelo patrimônio cultural, encantamento, reflexão e elaboração de um pensamento crítico que pode modificar o modo de ver o mundo.

O Museu da Vida, desde os primeiros passos de sua criação, sempre teve o *design* como uma de suas atividades referenciais, integrando-se ao esforço de todos os envolvidos na realização das suas exposições. O *design* expositivo diz respeito a como uma exposição é organizada e planejada, considerando a ordenação do tema, a disposição e forma de apresentação de objetos, a concepção visual, o *layout* do espaço, o uso de interativos. Sendo assim, ele se relaciona, primordialmente, com a concepção espacial e visual de uma exposição. Cabe ressaltar que o *design*, elemento indispensável no processo de conceituação e desenvolvimento de exposições – assim como de outros produtos de divulgação científica –, está sempre voltado para a busca de soluções criativas. Sendo uma atividade profissional multidisciplinar, o *design* envolve um processo de otimização, equilibrando da melhor maneira perdas e ganhos, procurando maximizar ganhos em qualidade, interatividade, funcionalidade, dentre outros. Dada a sua própria natureza, opera sempre com métodos sistemáticos, privilegiando a integração com os outros aspectos já mencionados anteriormente.

4.2.1. Categorias de exposições

Todas as exposições realizadas no Museu da Vida, independentemente da categoria, devem refletir a missão, a visão e os objetivos apontados no Plano Museológico, bem como as diretrizes da Política de Exposições, em construção.

a) Exposições de longa duração

Seu principal objetivo é traduzir a identidade institucional a partir dos eixos temáticos definidos. Especialmente nas exposições de longa duração, realizadas nos espaços expositivos do Museu da Vida, no *campus* sede de Manguinhos, são divulgados os acervos culturais da Fiocruz³⁷. Em média, requerem cinco anos de concepção e desenvolvimento e permanecem em cartaz por cerca de quinze anos ou mais; durante esse período, devem passar por revisões e ampliações, de acordo com os interesses da instituição. Requerem constante avaliação, manutenção e atualização da expografia.

As exposições de longa duração e ações permanentes do Museu hoje estão compartilhadas nos seguintes espaços: Centro de Recepção, Parque da Ciência e Pirâmide, Ciência em Cena (abrange a Tenda da Ciência Virgínia Schall e o Epidouro), Castelo Mourisco e Borboletário. Futuramente, outras edificações históricas (Cavalaria, Pombal e Pavilhão da Peste) serão requalificadas para uso cultural no âmbito do Plano de Requalificação do NAHM, o que ampliará o circuito de visitação do Museu da Vida segundo eixos temáticos já definidos: 1. *Saúde pública no Brasil*; 2. *Ciência e tecnologia em saúde*; 3. *Saúde, ambiente e sustentabilidade*; 4. *Acervos culturais da saúde*; e 5. *Fiocruz e as cidades*.

³⁷ Pode incluir bens de natureza museológica, arquivística, bibliográfica, arquitetônica, urbanística, arqueológica e biológica oriundos dos acervos da Fiocruz, na perspectiva de bens patrimoniais integrados.

b) Exposições temporárias

As exposições temporárias têm a finalidade de complementar as informações das exposições de longa duração, atender a situações de demandas públicas e calendários temáticos, além de propor inovações relativas à forma e ao conteúdo da experiência expositiva. Em geral, são desenvolvidas pela equipe do Museu – com a participação de consultores cedidos por outras instituições –, mas podem também ser o resultado de parcerias interinstitucionais. São realizadas nos espaços expositivos do Museu da Vida (Salão de Exposições Temporárias, ao lado da sede, sala 307 do Castelo Mourisco), e/ou em espaços de instituições parceiras. Após a implementação do Plano de Requalificação do NAHM, outros espaços também poderão abrigar esse tipo de exposição. A proposição de novas exposições temporárias tem como instância deliberativa a coordenação, a partir de propostas internas ou de parceiros, tendo como parâmetro o planejamento anual para a realização das mostras. O planejamento anual leva em consideração o tempo de permanência dessas exposições nos espaços do Museu – a prática atual busca mantê-las por aproximadamente seis meses, com variações em função das especificidades de cada exposição. Com o Plano de Requalificação do NAHM, a sala 307 do Castelo passa a contar com uma exposição de longa duração, enquanto o Prédio do Quinino agregará novos espaços para exposições temporárias.

c) Exposições itinerantes

Desenvolvidas pela equipe do Museu da Vida (grupo executivo), com participação de consultores ou realizadas em parceria interinstitucional, têm a finalidade de divulgar extramuros os conhecimentos produzidos na instituição ou por entidades parceiras. As exposições itinerantes realizadas pelo Museu percorrem todo o território nacional e também outros países. Sua duração mínima é de dois anos, podendo ser descartadas após três anos, mediante avaliação, seguindo o mesmo procedimento das exposições

temporárias (ver item 4.2.3). Em geral, as exposições são inauguradas em espaços do Museu da Vida. O Museu da Vida conta atualmente com um catálogo de 11 exposições disponibilizadas de forma gratuita, organizadas em uma reserva expográfica.

d) Ciência Móvel

O Ciência Móvel é o Museu da Vida em itinerância. Transportado por um caminhão, tem como principal objetivo promover para novos públicos o acesso a iniciativas de divulgação e popularização da ciência, com foco principal em locais afastados dos grandes centros, na região Sudeste. Enquanto um museu, a programação oferecida ao público contempla exposição de longa duração, exposições temporárias e atividades complementares, tais como videodebates, oficinas, intervenções artísticas, entre outras.

4.2.2. Descrição do atual circuito de exposições de longa duração

O circuito de visitação do Museu tem sempre origem no espaço do Centro de Recepção, que orienta e informa o visitante sobre as atrações e os eventos do Museu, além de apresentar a maquete do *campus* da Fiocruz. As instalações desse espaço, inspiradas nas antigas estações de trem, estão localizadas em área de preservação ambiental. A construção abrange 880 m² e a ausência de paredes faz com que o visitante tenha contato direto com a natureza. É o ponto de embarque para o *Trenzinho da Ciência*, que leva os visitantes até os demais espaços do Museu. O Centro de Recepção conta com sala de aula, anfiteatro e um painel de mosaicos do artista Glauco Rodrigues, com ilustrações sobre personagens da história da saúde e sobre as expedições científicas da Fundação Oswaldo Cruz.

O Parque da Ciência tem como temas principais: *Energia, Comunicação e Organização da Vida*. No Parque, o visitante tem contato com equipamentos ao ar livre que exploram os usos de diferentes formas de energia e variados tipos de comunicação, além de esculturas que representam modelos ampliados de uma célula humana e dos órgãos responsáveis pela fala e pela audição. A Pirâmide, construção anexa ao Parque, conta com uma câmara escura onde os visitantes podem observar um modelo de olho humano gigante, além de sala de informática e salão de jogos, e experimentos com diversas atividades sobre a vida micro e macroscópica.

No Ciência em Cena, espetáculos teatrais inspiram discussões sobre temas científicos históricos e da atualidade. Em uma tenda com 120 lugares, a Tenda da Ciência Virginia Schall, os visitantes podem assistir a peças com temáticas diversas como: *Lição de Botânica, Mistério do Barbeiro, Pergunte a Wallace, Vida de Galileu e O Rapaz da Rebeca e a Moça Rebeca*, entre outras tantas. O espaço Ciência em Cena conta também com o Epidauro, onde o visitante pode explorar a percepção por meio de recursos como painéis interativos e instrumentos ópticos. As atividades apresentam conteúdos de física e biologia, discutindo sua relação com a cultura, as emoções e o processo de aprendizado.

A visita ao Castelo Mourisco, edifício-símbolo da Fiocruz, apresenta uma perspectiva histórica da Fundação Oswaldo Cruz e sua importância para a medicina sanitária brasileira. A exposição *Passado e Presente – Ciência, Saúde e Vida Pública* revela o contexto desse período, marcado por episódios como a Revolta da Vacina, por personagens como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, e por uma série de transformações na saúde pública do Brasil. A visita à sala Costa Lima, organizada em parceria com o Instituto Oswaldo Cruz, é o momento de conhecer mais sobre os insetos e a importância de seu estudo. Nesse espaço de visitação do Museu da Vida, o público também pode conhecer a Biblioteca de Obras Raras, os elementos da arquitetura em estilo neomourisco, a beleza dos azulejos portugueses e os mosaicos do Castelo, inspirados em tapeçaria árabe.

O Borboletário, também fruto de uma parceria com o Instituto Oswaldo Cruz, é um espaço ornamentado por plantas, onde o visitante pode acompanhar de perto o desenvolvimento das etapas iniciais da vida de espécies de borboletas do continente americano que lá habitam, desde a fase de larva até a adulta. Quatro espécies poderão ser apreciadas: olho-de-coruja (*Caligo illioneus*), ponto-de-laranja (*Anteos menippe*), borboleta-brancão (*Ascia monuste*) e borboleta-júlia (*Dryas iulia*), que podem ser encontradas em diferentes áreas tropicais das Américas.

4.2.3. Processo de concepção e desenvolvimento de exposições temporárias

Cada exposição é concebida e desenvolvida por um Grupo de Trabalho, formado com a anuência das coordenações dos setores, em geral sob a coordenação do proponente da exposição.

O grupo segue o Diagrama de Processo (Anexo 3), em que se observam as etapas de desenvolvimento de exposições temporárias no Museu da Vida atualmente. Tendo em vista o recurso, já garantido, e o prazo disponível, o grupo define o recorte temático, os objetivos da exposição, a dinâmica de visitação, seus públicos, a experiência que se busca propiciar ao visitante, o conceito norteador do *design* expositivo e o roteiro.

Começa depois uma grande fase de desenvolvimento – que compreende a elaboração da proposta educativa, o desenvolvimento do conteúdo e do projeto expositivo –, na qual várias etapas ocorrem paralelamente e se retroalimentam com informações e decisões. Essa grande fase é seguida por outras, que se sucedem até pós-inauguração. As etapas apresentadas não são estanques e não estão detalhadas no diagrama, podendo se desdobrar em várias outras, que ficam melhor explicadas e entendidas em fluxogramas, que cumprem a função de mapear fluxos de trabalho e responsabilidades.

4.2.4. Eixos de processos

Os processos do Programa podem ser divididos em quatro eixos:

a) Planejamento, desenvolvimento e gerenciamento de exposições

Articula as diferentes etapas de concepção, montagem e avaliação do processo e dos resultados, bem como as ações de manutenção, guarda e descarte de exposições, tendo como objetivo instituir mecanismos de planejamento, desenvolvimento, gerenciamento e avaliação de exposições, visando à maior eficiência em cada processo.

b) Pesquisa e avaliação de exposições

Articula diferentes metodologias e mecanismos de pesquisa sobre o objeto “exposições”, com o objetivo de analisar suas diferentes dimensões, conhecer os interesses do público, avaliar sua opinião (recepção), dentre outros.

c) Parceria interinstitucional para exposições

Articula as diferentes ações e os critérios para cessão de espaço, desenvolvimento em conjunto e itinerância de exposições, tendo como objetivo aprimorar as ferramentas existentes para as diferentes ações desenvolvidas pelo Programa, como, por exemplo, a negociação para cessão de espaço, o desenvolvimento de novas exposições com instituições parceiras, entre outros.

d) Itinerância de exposições

Compreende as etapas para a realização de itinerâncias das exposições do Museu da Vida para fora do seu território, abrangendo desde a prospecção e negociação de contrapartidas com possíveis parceiros públicos e privados,

até o acompanhamento remoto do desenvolvimento do trabalho depois que a exposição é aberta ao público na localidade. De acordo com as especificidades de cada exposição, articula as necessárias interfaces entre setores para esse fim (transporte, montagem/desmontagem, formação de equipes, atualização de conteúdo, manutenções diversas, divulgação, guarda e conservação de objetos, quando for o caso). Tem como objetivo a ampliação da abrangência de atuação e do público atendido pelo Museu da Vida, desenvolvendo ações em todo o território nacional, e, até mesmo, algumas experiências internacionais.

e) Operação do Ciência Móvel

Visa a desenvolver novas estratégias para ampliar e qualificar as ações do Ciência Móvel, como braço itinerante do Museu da Vida, capaz de reproduzir em muitos espaços a experiência da visita e dos valores da instituição.

A operação do Ciência Móvel compreende ainda outras especificidades relacionadas à sua grande estrutura e à dinâmica de funcionamento. Entre elas estão a obrigação de contar com um cavalo mecânico, a organização de todos os seus materiais em um semirreboque de 13,5 m de comprimento e a necessidade de uma área mínima coberta de 500 m² nas cidades por onde passa, para que todas as atividades do Museu itinerante possam ser adequadamente montadas. Desde 2013, com a temporada *Arte e Ciência sobre Rodas*, articula também o trabalho de grupos culturais (como coletivo circense e companhias teatrais) nas suas ações. Em 2016, estreou seu próprio Planetário Digital itinerante. Conta com um banco de mediadores próprios, com cerca de 150 inscritos, dos quais em média 20 são selecionados para cada ação, saindo do *campus* de Manguinhos em ônibus contratado pela Fiocruz. Realiza no máximo duas viagens por mês e permanece por volta de quatro dias em cada cidade, recebendo o público. Tem o potencial de atender até 350 pessoas a cada hora. Tendo em vista a logística de deslocamento do caminhão e da equipe, sua área de atuação compreende a região Sudeste, o que pode representar mais de 1 mil km de distância.

4.3. Diretrizes de ação

- › Desenvolver a Política de Exposições do Museu da Vida.
- › Desenvolver e implementar a metodologia para o gerenciamento de exposições, baseada em 5 processos: Início/Definição, Planejamento, Execução, Acompanhamento e Avaliação/Encerramento.
- › Qualificar o trabalho operacional de montagem, transporte, manutenção e guarda.
- › Implementar uma Comissão Consultiva de Exposições, com participantes internos e externos ao Museu da Vida.
- › Desenvolver uma dinâmica de organização e ocupação do depósito expográfico, com critérios e responsabilidades específicos.
- › Concluir o mapeamento de processos de trabalho para as exposições.
- › Realizar seminários internos com temas referentes à concepção e ao desenvolvimento de exposições.
- › Elaborar uma publicação sobre concepção e desenvolvimento de exposições realizadas no Museu da Vida.
- › Inovar na capacidade de desenvolver exposições interativas que também valorizem o acervo da Fiocruz.
- › Desenvolver uma metodologia para o recebimento de exposições externas nos espaços de exposições temporárias (critérios, procedimentos e etapas).
- › Definir metodologia para o desenvolvimento de exposições em conjunto com outras instituições (papéis e responsabilidades).
- › Prospectar ativamente exposições temporárias para dinamizar temporadas no Museu da Vida.
- › Implementar processo de avaliação da itinerância, tanto para as exposições quanto para o Ciência Móvel.
- › Aperfeiçoar a metodologia de itinerância de exposições, discutindo seus objetivos, suas formas de concepção e a incorporação de novas exposições ao portfólio.

- › Inovar nas estratégias de atuação extramuros, tendo em vista o cumprimento de metas institucionais.
- › Desenvolver novas estratégias para ampliar e qualificar as ações do Ciência Móvel, incluindo estudos e prospecções para aquisição de cavalo mecânico próprio.
- › Desenvolver propostas de continuidade e desdobramento das ações extramuros após seu término nas cidades.
- › Propor novas possibilidades de parceria, tendo em vista os desafios que as cidades e instituições enfrentam para conseguir se responsabilizar pelas contrapartidas.

5. Programa de comunicação institucional

O Programa de Comunicação Institucional está voltado à disseminação e consolidação da missão do Museu da Vida, além de atuar no fortalecimento de sua imagem institucional. A busca pelo engajamento de novos públicos e a crescente virtualização da comunicação impôs aos museus uma ampliação de escopo em suas ações, atuando em variados canais, o que amplia a rede de parcerias e potencializa a permeabilidade da instituição na sociedade.

O Museu atua em distintos canais, de assessoria de imprensa e publicidade a *website*, redes sociais, ações de comunicação extramuros e atendimento ao público, e também realiza sua própria comunicação interna e a mediação com a Casa de Oswaldo Cruz e com a Fiocruz.

Nesse cenário, é importante destacar o momento de fortalecimento da comunicação no âmbito da Fundação Oswaldo Cruz, que recém lançou sua Política de Comunicação, com o objetivo de ordenar o campo institucional. Essa política busca orientar princípios, diretrizes, orientações, normas e responsabilidades, que se articulam com a ideia de acesso e o direito à comunicação pública.

5.1. Breve histórico

O Museu da Vida, ao longo de seus 18 anos de existência, arregimentou uma comunicação instigante e criativa com os seus públicos, fazendo uso de diferentes linguagens e canais de extroversão. É importante compreender que a comunicação museológica extrapola a comunicação institucional e abrange também o engajamento, a recepção e a fruição do público visitante, zelando pela comunicação integrada dentro e fora dos muros da Fiocruz.

Pioneiro dentro da Fiocruz, o Museu da Vida tinha seu próprio *website* ainda em sua fase de projeto, desde 1996, tendo o site sofrido sucessivos aperfeiçoamentos ao longo do tempo. Pioneiro ainda nas redes sociais, possui perfil de *Facebook*, *Twitter*, *Flickr* e *Youtube* desde 2009.

Com a emergência das redes sociais e do fenômeno da comunicação *online*, as instituições culturais têm de se reinventar a todo o momento, na proposição de uma comunicação multifacetada e que convide o público não apenas a fruir de conteúdo, mas a participar como cocriador de histórias.

A implantação faseada do Plano de Requalificação do NAHM também impõe nossos desafios para a gestão e comunicação da “marca” Museu da Vida, que deve cada vez mais se alinhar com a Fundação Oswaldo Cruz, seus valores e suas metas. Para isso, é proposta uma abordagem que reúna o passado, o presente e o futuro da ciência e da saúde, convidando todos para explorarem esse universo singular e viverem experiências transformadoras, por meio de um processo em curso de reposicionamento da marca.

Na nova estrutura proposta para governança do Museu, as competências da Comunicação serão afeitas ao Núcleo de Diálogo com o Público, o que poderá estreitar o diálogo com a Comunicação da COC e da Fiocruz, aliando forças e ampliando a escala de acesso ao público.

5.2. Principais linhas de atuação

5.2.1. Website Museu da Vida

O *website* é o canal institucional primordial de informação e apresentação do Museu e de suas atividades para o seu público efetivo e potencial. Em dezembro de 2016, após ampla participação dos profissionais do Museu, houve o lançamento do novo site do Museu da Vida, que agora pode ser atualizado pelo *Joomla*, uma plataforma de edição mais moderna. É por meio do site que o visitante obtém informações essenciais sobre o que é o Museu, as atividades oferecidas, como planejar e agendar a visita e outros projetos oferecidos à sociedade.

A criação de um novo site facilitou a navegação e modernizou o *layout*, a fim de permitir que o usuário encontre e acesse a informação desejada mais rapidamente. Na página principal, são apresentados cinco botões correspondentes às principais áreas do *site*: *Visitação*, *Educação*, *Pesquisa*, *Acervo* e *Visitamos Você*. O usuário pode também escolher informações de destaque por meio de um “carrossel” interativo de imagens. Logo abaixo, informações relevantes são disponibilizadas por meio do recurso *mouse over*, ao lado de áreas específicas para notícias e um calendário de atividades. *Links* para outros *sites* e *blogues* do Museu são situados próximos ao fim da página.

5.2.2. Redes sociais

a) Facebook

O Facebook tem sido utilizado, prioritariamente, para a divulgação de atividades oferecidas pelo Museu da Vida – tanto com o objetivo de chamar o público para participar da programação, quanto para divulgar, posteriormente, fotos ou relatos de atividades já ocorridas. São divulgados, em menor proporção,

produtos desenvolvidos pelo Museu, como publicações e boletim *online*, além de oportunidades de vagas. Outra iniciativa é o compartilhamento de fotos de visitantes no Museu, com a utilização de *hashtags* específicas para expor sua experiência na instituição, como *#partiumuseudavida*.

No cenário atual, são publicados cerca de dois posts por dia, em formato que busca aliar, na maioria das vezes, texto, imagens e *links* para páginas do *site* do Museu da Vida (onde são encontradas mais informações sobre os temas postados). A linguagem é jovem e descontraída, menos formal do que o tom utilizado no site. Em alguns casos, utiliza-se o recurso “sentindo-se” (com *emoticons*) e *hashtags*. No que diz respeito ao diálogo direto com o público, existe a preocupação de se responder com agilidade às mensagens privadas e também aos comentários abertos.

b) Twitter

Como no Facebook, hoje o Twitter é muito utilizado pelo Museu para investir na divulgação das atividades que são realizadas na instituição. Há uma troca de diálogo com outros canais institucionais, como o perfil da Fiocruz e da Agência Fiocruz de Notícias, e, a partir de 2015, há uma preocupação cada vez maior de fazer trocas com outros museus. Um passo importante nesse sentido foi a participação no evento *online* Museum Week, que em 2016 teve sua terceira edição e contou com mais de 3,5 mil museus e instituições culturais ao redor do mundo. Trata-se de um grande encontro virtual no Twitter que, a cada dia, encoraja as instituições a postarem em suas *timelines* sobre uma *hashtag* temática.

c) Instagram

Por meio do Instagram, é possível atingir novos seguidores e utilizar, em certa medida, o exemplo da conta oficial da Fiocruz nessa plataforma ([instagram.com/oficialfiocruz/](https://www.instagram.com/oficialfiocruz/)), que compartilha fotos do cotidiano dos

setores da Fundação e ainda reposta fotos de seus usuários. Além do mais, pode-se compartilhar fotos de visitantes que marquem o perfil do Museu da Vida ou determinada *hashtag*; estimular sorteios/gincanas *online*; pensar em posts de divulgação científica; divulgar os bastidores do Museu para o público; entre outros fins. As possibilidades do Instagram estão alinhadas a uma política estratégica de comunicação.

d) Vídeos

Os vídeos hoje utilizados pelo Museu da Vida geralmente têm como destino a conta institucional do Museu no YouTube e/ou nas redes sociais Facebook e Twitter. O Museu da Vida já produziu e editou vídeos internamente, como na ocasião em que gravou os bastidores e a montagem de uma exposição própria, por exemplo, e também já contou com o trabalho de equipe externa, como em seu Vídeo Institucional. Em 2016, três vídeos foram divulgados no YouTube e nas redes sociais do Museu da Vida, sendo que dois contaram com produção externa e um foi realizado por equipe interna.

e) Fotografia

A fotografia é um dos principais pilares das redes sociais do Museu e do *site*, que é bastante visual. Hoje em dia, o Museu conta com um banco de imagens das atividades, exposições e espaços de visitação, que está disponível no Flickr.

5.2.3. Assessoria de imprensa

A assessoria de imprensa é responsável pela interlocução do Museu da Vida com os diferentes órgãos e veículos de imprensa, visando a conquistar espaço e mídia espontânea, por meio da veiculação de reportagens na imprensa regional, nacional e estrangeira. Atualmente, o Museu da Vida conta com a assessoria de imprensa realizada pela Ascom da Casa de

Oswaldo Cruz. Essa assessoria atua tanto nas atividades realizadas no *campus* como naquelas realizadas extramuros, como as viagens do Ciência Móvel e as exposições itinerantes. Outro foco prioritário é a comunicação com veículos que atendam moradores da Zona Norte do Rio de Janeiro e do entorno do *campus* de Maguinhas da Fiocruz.

O nome da Fundação Oswaldo Cruz é um nome de grande peso para a população brasileira. Assim, a assessoria de imprensa deve trabalhar a imagem do Museu ligada à imagem da Fiocruz.

5.2.4. Newsletter e listas de e-mail com público frequente

O Museu da Vida conta com uma grande e importante base de dados que contém o contato de professores e escolas da cidade do Rio de Janeiro e de outros municípios do Estado. No entanto, a base raramente é utilizada para divulgação de eventos e atividades do Museu. Consultas a grupos escolares e familiares (experiências isoladas no Museu da Vida) mostraram que tanto professores quanto grupos familiares, que visitam o Museu aos sábados, têm interesse em receber informações sobre as atividades que ali são realizadas.

Experiências bem-sucedidas de museus e centros de ciência de diferentes países e culturas indicam que o uso de uma *newsletter* e listas “especiais” são ferramentas eficientes para divulgar as atividades de seus espaços e, ainda, estreitar a relação com os seus grupos de visitantes.

5.2.5. Comunicação no território

As ações e iniciativas de comunicação realizadas desde a criação do Museu da Vida colaboraram para aumentar a visibilidade do Museu junto aos grupos já apontados acima e para ampliar a visita de crianças e jovens do território em que a Fiocruz está inserida, como resultado de programas realizados com a comunidade escolar. Apesar dos resultados extremamente

positivos dessas iniciativas, a comunicação com o território carece de contatos, cronogramas e estratégias específicos, que podem contribuir para a construção de um museu mais inclusivo.

5.2.6. Relação direta com o público

a) Agendamento e recepção do público escolar ou grupos

A experiência do visitante se inicia antes que ele entre no Museu – ocorre uma “pré-visita”, que inclui informações *online* sobre o Museu e suas atividades, mídias sociais e materiais educacionais; em uma segunda etapa, a experiência continua com os procedimentos para o agendamento; a etapa seguinte, finalmente, consiste na recepção dos visitantes no museu e na realização da visita propriamente dita.

Todas essas etapas são importantes e impactam a construção da relação do Museu com o visitante e, concomitantemente, da imagem e marca do Museu. Focar na experiência do visitante em todas essas etapas é muito importante para que a comunicação direta com o público seja mais efetiva.

b) Wifi nas áreas de visitação do Museu da Vida para uso dos visitantes

Atualmente, com o incremento e a penetração das redes sociais e o uso de dispositivos móveis, é extremamente importante que os visitantes do Museu tenham acesso à internet. As potencialidades vão desde uma visita guiada e o oferecimento de materiais específicos para *smartphones*, mas também para que os visitantes postem fotos e informações sobre o Museu em suas redes pessoais. A interação gerada a partir destes posts com certeza é uma eficiente forma de divulgação do Museu e suas atividades para um público selecionado, indicado por um amigo que ali esteve.

c) Espaços de descanso/lazer/piquenique

O Museu da Vida é um espaço de divulgação da ciência e da saúde e também um espaço cultural. A comunicação pode também focar este lado do Museu da Vida: de espaço de descanso e lazer, de acolhimento e diversão familiar para crianças, jovens e adultos. Obviamente, é interessante que atividades como piqueniques, por exemplo, que já acontecem, sejam estimuladas e divulgadas, mas elas devem também estar bem ajustadas como parte do esquema de visitação do Museu. Atividades como esses piqueniques ou a possibilidade de comemoração de aniversários são eficientes chamarizes para alavancar novos públicos, que poderiam não estar inicialmente muito interessados por temas de ciência e saúde.

5.3. Diretrizes de ação

- › Implementar, em parceria com a Ascom/COC, o Núcleo de Mídia e Diálogo com o Público, para apoiar ações de comunicação.
- › Implementar reposicionamento da marca do Museu da Vida a partir da perspectiva de requalificação do NAHM.
- › Desenvolver um plano de comunicação para o Museu da Vida.
- › Desenvolver de forma intensa conteúdos de divulgação científica para as redes sociais.
- › Desenvolver campanhas em redes sociais para promover engajamento do público.
- › Investir na consolidação de um banco de imagens para o Museu da Vida
- › Desenvolver linguagem própria para cada rede social.
- › Investir na comunicação interna.
- › Estabelecer canais de comunicação específicos com públicos frequentes do Museu da Vida.
- › Criar estratégias de comunicação específicas para públicos tradicionalmente excluídos.

- › Estabelecer parcerias na área de comunicação com outros museus.
- › Estabelecer protocolos de comunicação com o público do Museu da Vida em diferentes canais, como telefone, *e-mail*, etc.
- › Instalar *wifi* gratuito para visitantes nas áreas de visitação do Museu.
- › Estimular o uso da área do Museu com atividades de lazer.
- › Implementar sistema de agendamento *online*.

6. Programa de pesquisa

Os estudos realizados no Museu da Vida partem de um conceito amplo e abrangente de divulgação científica e educação não formal, acompanhando as transformações que a área vem experimentando nas últimas décadas. Isso se manifesta nas diversas linhas de atuação empreendidas pelos núcleos e serviços, que contemplam tanto avaliações de exposições/atividades realizadas na instituição e pesquisas de público, quanto reflexões envolvendo outras formas de aproximação entre ciência e sociedade, além de investigações sobre seu acervo.

Atento à importância de se refletir sobre a divulgação da ciência e sobre a relevância, a potencialidade e o impacto de suas atividades, o Museu da Vida tem dado cada vez mais espaço à pesquisa, atividade que acompanha o cotidiano da instituição desde sua implementação. Na sua estrutura atual, estabelecida em 2007, a investigação científica se dá em dois núcleos de pesquisa – o Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus (Nepam) e o Núcleo de Estudos da Divulgação Científica (NEDC) – e também no Serviço de Educação em Ciências e Saúde (Seducs) e no Serviço de Museologia, embora todas as áreas do Museu atuem direta ou indiretamente na pesquisa, seja por meio de suas práticas individuais seja pela participação em Grupos de Trabalho.

As pesquisas realizadas no Museu da Vida devem estar ligadas tanto à prática quanto à formação. Seu fortalecimento deve apoiar o

desenvolvimento e a consolidação dos cursos formais de pós-graduação da Fiocruz de que os profissionais do Museu da Vida participam, em alinhamento com as diretivas internas da Unidade.

6.1. Breve histórico

A investigação científica sempre foi parte essencial do trabalho do Museu da Vida, seguindo a tradição da Fundação Oswaldo Cruz. A pesquisa em educação fez parte da implementação do Museu no *campus* e da própria constituição do Centro de Referência em Educação em Ciência³⁸. Planejado como uma das áreas matriciais do Museu, sua função e suas atribuições resultaram de experiência acumulada (1995-1999), que indicou duas vertentes de atuação: uma voltada para subsidiar os processos educativos desenvolvidos pelas equipes dos diferentes espaços; outra dirigida à colaboração com o sistema formal de educação, por meio de projetos.

Preocupado simultaneamente com o desenvolvimento de atividades para o público e a elaboração de programas de formação de estudantes e educadores, o Museu da Vida participou de editais de pesquisa para o aprofundamento das reflexões sobre a pedagogia museal antes mesmo de sua inauguração oficial. Com os projetos *Teoria e prática no uso de materiais concretos em educação científica e em saúde* e *Design de materiais concretos para uso em educação em ciência*, encaminhados respectivamente pelo então Centro de Referência em Educação em Ciências e pelo Centro de Criação, ainda em 1996, o Museu da Vida foi contemplado pelo Edital do Programa de Apoio à Pesquisa Estratégica (Papes/Fiocruz). De 1997 a 1999, desenvolveu também a já citada pesquisa *Museu da Vida/Fiocruz: Uma contribuição para a educação formal?*, com apoio de edital da Finep.

O Encontro Pesquisa em Educação, Comunicação e Divulgação Científica em Museus (Epecodim), realizado em setembro de 2001 pelo Museu da

³⁸ Primeira designação do Centro de Educação em Ciências.

Vida e pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins, resultou na primeira publicação do Museu da Vida sobre pesquisa (*O Museu e seus públicos – Negociação e complexidade*), registrando os trabalhos realizados na área apresentados no encontro.

No ano seguinte, foi organizado um Grupo de Trabalho para pensar formas de instituir a atividade de pesquisa como parte do cotidiano das suas diversas equipes, refletindo sobre a pertinência das práticas e ações realizadas e sua possível influência no público visitante. O GT Avaliação contou com a participação de profissionais de diferentes áreas do Museu da Vida e teve como meta organizar uma agenda de avaliação, consolidar protocolos e metodologias e compartilhar experiências na área. Um de seus primeiros resultados foi a publicação *Avaliação e estudos de públicos no Museu da Vida* (2003), que reuniu trabalhos realizados pelas equipes dos diversos setores do Museu.

Em novembro de 2003, outra atividade – a *Oficina de Petrópolis* – propôs a criação de um grupo para a construção de uma metodologia de pesquisa de uso compartilhado entre museus e centros culturais, visando a criar um protocolo de pesquisa comum para a área, a partir da proposta de criação do Observatoire Permanent des Publics, realizada na França. Essa experiência deu origem ao Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC), oficializado em 2004, numa parceria do Museu da Vida (e posteriormente também da Direção Regional Fiocruz-Brasília), da Fundação Oswaldo Cruz, com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast/MCTI), a Escola Nacional de Estatística (Ence/IBGE) e o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC). O Observatório realizou a pesquisa *Perfil-Opinião* 2005, com visitantes de 11 museus das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, e a pesquisa *Perfil-Opinião* 2009, com visitantes de 14 museus dessas cidades e de Petrópolis. Com a extinção do OMCC, em 2011, os cinco museus de ciências que participaram das pesquisas anteriores fundaram o Observatório de Museus e Centros de Ciência & Tecnologia (OMCC&T) e realizaram nova edição do estudo. A pesquisa, realizada em 2013 nos espaços Museu da Vida,

Fundação Planetário do Rio de Janeiro, Museu Aeroespacial, Museu de Astronomia e Ciências Afins e Museu Nacional, gerou a publicação *Museus de ciência e seus visitantes: pesquisa perfil-opinião 2013*.

O registro do público visitante é uma preocupação constante do Museu da Vida. Essa ação deu origem a uma coleção de dados que vêm sendo sistematizados desde 2007, quando foi criado o Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus (Nepam), setor que realiza as análises que têm permitido uma visão longitudinal da opinião do público sobre a visita realizada, do perfil do visitante, da composição das visitas agendadas, dos motivos de quem agenda a visita, embora eventualmente não as realize, entre outros. O Núcleo também avalia exposições e eventos realizados pelo Museu da Vida, gerando subsídios para a compreensão das práticas culturais dos visitantes, dados fundamentais para o estreitamento das relações entre o Museu e a sociedade. Essas análises estão publicadas nos *Cadernos Museu da Vida*, desde 2008, e *Relatórios Técnicos*, desde 2007.

Embora a divulgação científica no Brasil tenha pelo menos dois séculos de história, as reflexões teóricas em torno dessas atividades são ainda muito recentes. Apenas a partir da década de 1980 é que a divulgação da ciência começou a se estabelecer como campo de pesquisa no Brasil, caracterizado por uma literatura multidisciplinar, a exemplo do que ocorre no âmbito internacional. Esse movimento aconteceu num período de incremento substantivo de ações de divulgação científica no Brasil, com a multiplicação de centros e museus de ciência interativos no país e com a criação de novas ferramentas para a disseminação do conhecimento científico e da educação não formal. A busca por uma maior consolidação desse campo de pesquisa reflete a necessidade de se problematizar as ações de divulgação científica – questionando o real alcance e eficiência de tais atividades, seus potenciais e limitações, as características dos públicos a que se destinam, entre outros aspectos – de modo a aperfeiçoá-las e assim contribuir para o estreitamento dos laços entre ciência e sociedade.

O Núcleo de Estudos da Divulgação Científica (NEDC) – como é conhecido desde 2007, a partir da reestruturação do Museu da Vida – tem suas origens no Centro de Estudos, dedicado a promover o debate e a reflexão sobre a divulgação científica. Criado ainda na década de 1990, o Centro de Estudos iniciou suas atividades com a organização de eventos como palestras e mesas-redondas, mas logo diversificou suas ações, sempre articulando atividades práticas e de pesquisa.

Entre as primeiras iniciativas do Centro de Estudos esteve a criação do boletim mensal *Ciência @ Sociedade*, que, em novembro de 2016, chegou à edição 222 e que visa a atualizar a comunidade de divulgadores da ciência da América Latina e interessados em divulgação científica sobre pesquisas, debates, eventos, artigos, livros, cursos, entre outras novidades na área. Ainda no início de suas atividades e com a finalidade de amplificar seu impacto, voltou-se à elaboração de publicações de baixo custo, tanto impressas quanto colocadas à disposição gratuitamente no site do Museu da Vida, também voltadas a temas da divulgação científica, várias delas relacionadas aos eventos organizados pelo grupo.

Ao longo da existência do setor, os próprios eventos se tornaram também mais ambiciosos, sendo vários deles de caráter internacional, sobre temas como a *Mediação em museus de ciência e Ciência @ Arte*. Exemplo expressivo de tais eventos internacionais foi a *13th International Conference on Public Communication of Science and Technology* (PCST 2014), um dos eventos mais importantes da área no cenário mundial, que em 2014 foi realizado na Bahia, sob a coordenação do NEDC e do Labjor (Unicamp). Cursos de capacitação na área da divulgação científica também têm sido ministrados para cientistas, jornalistas e estudantes, utilizando como base as reflexões desenvolvidas em pesquisas do grupo. Tais cursos ocorrem em vários estados brasileiros e, ainda, em diversos países latino-americanos.

A pesquisa no campo da divulgação científica, uma das atividades fins do NEDC, começou a ganhar força nos anos 2000, com a coordenação e o envolvimento de sua equipe em importantes projetos, nacionais e internacionais, sobre temas diversos, com a participação de estudantes de especialização *lato sensu*, mestrado e doutorado, vinculados a diferentes programas de pós-graduação. Um exemplo marcante da pesquisa no setor foi o desenvolvimento, entre 2005 e 2008, da pesquisa *Understanding the social and public dimension of transgenics*, com financiamento do International Development Research Centre (IDRC, Canadá) e que buscou analisar a dimensão social e pública da introdução dos transgênicos no Brasil, incluindo o processo de consolidação da lei de biossegurança no país e a percepção de pequenos agricultores sobre o tema.

Parte importante dos estudos do NEDC encontra-se sob o guarda-chuva do Grupo de Pesquisa do CNPq Ciência, Comunicação & Sociedade – Fiocruz. Os resultados das pesquisas conduzidas no núcleo vêm sendo publicados em forma de artigos científicos em revistas nacionais e internacionais. Ainda no que diz respeito à sua atuação em pesquisa, o projeto *Rede de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico* ganhou a edição 2014 do Prêmio Mercosul de Ciência e Tecnologia por suas ações acadêmicas. Integraram o projeto cerca de 40 pesquisadores de 12 países, sob coordenação do Museu da Vida e com financiamento do Programa Iberoamericano de Ciencia y Tecnología para el Desarrollo (Cyted).

Por fim, este núcleo tem-se destacado por sua capacidade de captar recursos tanto para projetos acadêmicos como para o desenvolvimento de produtos e ações em agências de fomento nacionais e estrangeiras, entre elas CNPq, Capes, Faperj e os já mencionados IDRC e Cyted. Conta com parcerias com instituições do Brasil e do exterior, como Cornell University (EUA), Oregon State University (EUA), Université 8 (França), London School of Economics (Reino Unido) e Scuola Internazionale Superiore di Studi Avanzati (Itália).

A partir de 2010, o Serviço de Museologia passou a desenvolver pesquisa com foco no acervo museológico do Museu da Vida e na história das exposições e museus de higiene e saúde. Até aquele momento, as práticas de pesquisa vigentes na área não tinham rotinas sistemáticas e relacionavam-se apenas a projetos expositivos do Museu e ao tratamento técnico do acervo. As primeiras iniciativas destinadas à pesquisa no Serviço de Museologia tiveram por objetivo produzir conhecimentos pertinentes à história dos museus de saúde, bem como sistematizar informações para compor a documentação museológica, colaborando para a contextualização informacional dos objetos preservados. Desde então, a pesquisa realizada por historiadores e museólogos ocorre em duas linhas principais: a história dos objetos e acervos de ciência e tecnologia em saúde, e a história dos museus de saúde e medicina.

Desde 2009 os pesquisadores do Museu da Vida atuaram na organização dentro da Casa de Oswaldo Cruz de um Curso de Especialização em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde. Esse curso foi montado por meio de parcerias interinstitucionais com a Museu de Astronomia (MAST), o Instituto de Pesquisa Jardim Botânico, a Casa da Ciência/UFRJ e a Fundação Cecierj. A partir dessa experiência, os grupos de pesquisa em torno da pesquisa de público, educação e divulgação científica puderam se estruturar melhor dentro do Museu da Vida e se organizaram para lançar, na Casa de Oswaldo Cruz, o Mestrado Acadêmico de Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, com a primeira turma aberta em 2016. Esse mestrado, em grande parte um desdobramento da especialização, trouxe a necessidade de revisão da mesma, que, ativa e com oferta anual, foi reformulada em 2016, passando a se chamar Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência.

6.2. Descrição

As pesquisas realizadas pelo Museu da Vida estão organizadas atualmente em três grupos – *Educação, museus de ciências e seus públicos; Ciência, comunicação @ sociedade; Acervos e memória da ciência e da tecnologia em saúde* –, todos coordenados por pesquisadores da COC, cadastrados no CNPq e validados pela Fiocruz, dois dos quais são coordenados por pesquisadores do próprio Museu.

a) Educação, museus de ciências e seus públicos

O grupo de pesquisa *Educação, museus de ciências e seus públicos* desenvolve estudos em duas linhas de pesquisa: *Estudos de público e avaliação em museus*; e *Educação não formal em ciência e saúde*.

A primeira linha contempla os estudos de público do Museu da Vida, que visam à consolidação dos dados sobre o visitante do Museu, com a atualização das informações sobre seu público agendado e não agendado, presencial e virtual, o que abrange também os *Estudos webmétricos dos sites e redes sociais do Museu da Vida*.

Também está incluída nessa linha a pesquisa quadrienal *Museus de ciências e seus visitantes – OMCC@T*, que vem sendo realizada desde 2005, obtendo informações do público com idade superior a 15 anos, após a sua visita a um dos cinco museus de ciência do Rio de Janeiro participantes da rede: Museu da Vida, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Museu Nacional, Museu do Universo/Fundação Planetário e Museu Aeroespacial. A pesquisa é realizada por meio de um questionário autoaplicado, com questões relativas à frequência do visitante, sua opinião sobre os serviços oferecidos nos museus, assim como seu perfil socioeconômico e hábitos culturais.

Ainda no âmbito dos *Estudos de público e avaliação em museus*, busca-se conhecer o público potencial do Museu da Vida e levantar suas concepções sobre museus e ciência. Avalia também se a divulgação do Museu realizada a partir da pesquisa junto ao público potencial (não visitante) se configura como uma estratégia de atração de público. Outra vertente de pesquisa é o levantamento de como eventos e atividades realizados pelo Museu são percebidos pelo público visitante, contribuindo para o aprimoramento do trabalho e do conhecimento na área.

A pesquisa em educação desenvolvida no Museu a partir da linha *Educação não formal em ciência e saúde* tem como proposta produzir conhecimentos sobre a interface entre a educação em museus e a ciência, a tecnologia e a saúde, abrangendo diferentes enfoques e metodologias. Propõe também fomentar estudos que articulem os campos da educação, da comunicação, do ensino de ciências e museus, visando a aprofundar conhecimentos teóricos e práticos sobre aspectos da pedagogia museal.

Um primeiro conjunto de estudos busca compreender a relação de diferentes grupos sociais na sua interação com o museu, aspectos relativos à aprendizagem nos espaços não formais de educação e a formação de mediadores e educadores. Outra vertente busca problematizar a concepção de processos educativos, incluindo as exposições, a fim de compreender os discursos que constituem suas práticas de produção. Um terceiro aspecto aparece nas investigações sobre os materiais e as estratégias educativas que fazem parte do cotidiano das visitas.

Também nessa linha de *Educação não formal em ciência e saúde* estão contempladas as pesquisas que visam a buscar o conhecimento do impacto de museus de ciência na sociedade, com a intenção de avaliar o impacto do Museu da Vida sobre a população da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, dentro de sua zona de influência (Zona Norte, Zona Oeste e Baixada Fluminense).

Projetos de pesquisa em andamento com financiamento externo

- ▶ Estudo do impacto do Museu da Vida sobre a população da cidade do Rio de Janeiro (2016-2018). Apoio: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e CNPq.
- ▶ Práticas educativas em exposições de museus de ciências: leituras e apropriações do discurso expositivo na formação inicial de professores (2015-2018). Apoio: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e CNPq.
- ▶ Estudo do público potencial do Museu da Vida: uma pesquisa exploratória sobre a percepção pública de museus de ciência (2014-2018). Apoio: Faperj.

b) Ciência, comunicação e sociedade

Já no grupo de pesquisa *Ciência, comunicação e sociedade*, os estudos estão distribuídos em algumas grandes linhas de pesquisa. *Ciência, mídia e sociedade*, uma delas, contempla, entre outras, a análise de distintos aspectos da cobertura de C&T realizada por diferentes meios de comunicação – como jornais, TV, revistas, rádio e redes sociais. Nessa linha, é dada ênfase, também, a análises de coberturas midiáticas sobre temas controversos da ciência, como: organismos geneticamente modificados, células-tronco, mudanças climáticas, novas tecnologias e doenças emergentes. Busca-se, ainda, analisar as representações de ciência e cientistas expressas na mídia. Também estão inseridos, nessa linha de pesquisa, estudos que buscam identificar o perfil e a opinião dos profissionais que trabalham com jornalismo científico no Brasil.

Além disso, a área integra o Instituto Nacional dedicado à Comunicação Pública em Ciência e Tecnologia, contemplado em 2016 pelo CNPq, composto por pesquisadores de diversas instituições brasileiras e estrangeiras com atuação importante na área.

Outra linha de pesquisa, que abrange os *Estudos históricos e contemporâneos da divulgação científica*, tem o objetivo de mapear as principais iniciativas desenvolvidas no Brasil nessa área, em diferentes períodos, em distintos meios/plataformas – como centros e museus de ciência e meios de comunicação de massa – e explorando variados gêneros e expressões culturais, como peças teatrais, cinema, literatura, música e carnaval. Parte desse esforço de pesquisa foi direcionado à criação do *site Brasiliana* (www.museudavida.fiocruz.br/brasiliana), focado na história da divulgação científica no Brasil, em constante atualização.

No Museu da Vida também são realizadas pesquisas com foco em *Recepção e audiências*, que buscam analisar a comunicação e a divulgação da ciência pelo ponto de vista do receptor. Pretendem, assim, compreender como determinados grupos do público/da audiência apreendem e constroem sentido a partir de uma determinada mensagem – reportagens e programas de ciência, publicidades, etc. – ou atividade de divulgação científica, como exposições e peças de teatro. Dentro dessa linha de atuação, também se inserem estudos que visam a compreender a aprendizagem em museus de ciência e os significados que os distintos públicos criam a partir das atividades de educação não formal oferecidas nesses espaços científico-culturais.

O Museu também se tem dedicado a pesquisas na área de *Percepção pública da ciência*, tendo participado de duas edições (2006 e 2010) da enquete sobre *Percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil*, com o objetivo de mapear o interesse, o grau de informação, atitudes, visões e conhecimento que os brasileiros têm da ciência e tecnologia. Estudos nessa área não se baseiam na comunicação de mensagens ou em atividades específicas; eles buscam apreender de forma mais ampla as visões de ciência e de temas relacionados que circulam na sociedade de maneira geral ou entre grupos sociais determinados.

Projetos de pesquisa em andamento apoiados por editais

- ▶ Instituto Nacional dedicado à Comunicação Pública em Ciência e Tecnologia (2016-2020). Apoio: MCTI/CNPq/CAPES e FAPERJ.
- ▶ O aprendizado de ciência em ambientes não formais na América Latina (2014-2017). Apoio: CNPq.
- ▶ Conhecendo os públicos de atividades de divulgação científica (2014-2017). Apoio: CNPq.
- ▶ Acervo de José Reis (2014-2017). Apoio: Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ e CNPq.
- ▶ Controvérsias científicas na mídia e sua circulação em mídias sociais: O caso da “pílula do câncer” na TV, em jornais e em grupos de Facebook (2016-2019). Apoio: CNPq.
- ▶ Educação não formal e museus de ciência: Um estudo sobre o impacto das exposições de ciência (2015-2018). Apoio: Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, CNPq e FAPERJ.

c) Acervos e memória da ciência e da tecnologia em saúde

O Museu da Vida faz parte institucionalmente também do grupo de pesquisa do CNPq *Acervos e memória da ciência e da tecnologia em saúde*, onde desenvolve pesquisa na linha de *Cultura material, ciência e história*. Nessa linha, um dos temas de pesquisa é sobre acervos museológicos de C&T em saúde da Fiocruz, que teve início em 2010, com o objetivo de produzir uma narrativa histórica sobre os objetos de C&T em saúde que formam as coleções museológicas da Fiocruz sob a guarda do Museu da Vida, relacionando os objetos do acervo histórico museológico às distintas fases da história institucional e da história da medicina, com ênfase na atuação dos doadores desse acervo. Na metodologia concebida para a abordagem do acervo, elegeu-se como eixo orientador as categorias segundo as quais os objetos são organizados, integrando-as aos temas que representam as áreas de atuação da Fiocruz, em ciência e tecnologia da

saúde. Os fabricantes, materiais e técnicas de fabricação, fornecedores e procedimentos de aquisição, a história de laboratórios e departamentos de procedência dos objetos, os usos e as finalidades desses objetos, a produção acadêmica de pesquisadores, suas trajetórias, bem como a dos técnicos e médicos – todos esses são objetos da pesquisa, o que pressupõe um levantamento de fontes primárias e secundárias, bem como a realização de entrevistas e registro de imagens em movimento das práticas de laboratório.

No que diz respeito à história de museus e de espaços museológicos, a pesquisa se dedica à trajetória dos museus e das iniciativas de musealização de espaços, além da formação de coleções na instituição ao longo de sua história. Nessa linha são investigados os caminhos pelos quais os museus e o campo da museologia se desenvolveram ao longo do tempo, traçando biografias e políticas institucionais, além de examinar os contextos de preservação do patrimônio museológico da saúde.

Por fim, ainda nessa linha, são realizadas pesquisas sobre o patrimônio de C&T em saúde da Fiocruz, com ênfase na noção de inovação e com o objetivo de identificar, inventariar e propor mecanismos de salvaguarda de objetos científicos (instrumentos e equipamentos) *in situ*, em espaços de memória ou em centros de documentação da instituição, buscando conhecer sua relevância no desenvolvimento da pesquisa pura e aplicada e sua trajetória de vida, desde a aquisição e o uso diário até o momento de substituição por obsolescência ou outra razão. A avaliação crítica dos processos para atribuição de interesse histórico aos objetos representativos da cultura material da C&T da saúde está entre os objetivos do processo.

A dimensão da cultura imaterial é contemplada por meio de um programa de história oral que possibilita o registro de importantes trajetórias profissionais de cientistas e técnicos, além de métodos, práticas e técnicas utilizadas nos distintos laboratórios de pesquisa da instituição e nas unidades técnico-científicas de produção.

6.3. Diretrizes de ação

- ▶ Estabelecer parcerias e convênios com outras instituições, com ênfase na internacionalização da pesquisa.
- ▶ Realizar pelo menos um evento técnico-científico de caráter internacional por ano.
- ▶ Incrementar sua produção acadêmica.
- ▶ Consolidar o curso de Mestrado em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde.
- ▶ Aperfeiçoar constantemente o Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência.
- ▶ Fortalecer a articulação entre o Programa de Pós-Graduação do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz e as ações de formação no âmbito não formal do Museu da Vida.
- ▶ Estabelecer novas linhas e projetos de pesquisa em exposições no Museu da Vida.
- ▶ Estabelecer linhas e projetos de pesquisa sobre o impacto de atividades de divulgação e popularização da ciência no Museu da Vida.
- ▶ Consolidar o Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia (OMCC&T), ampliando o número de parceiros institucionais e dando continuidade aos protocolos de pesquisa.

7. Programa de segurança

As informações que seguem foram extraídas do *Relatório Técnico Informativo da Segurança* da Fiocruz, elaborado pelo departamento de Vigilância e Segurança Patrimonial da Coordenação-Geral de Infraestrutura dos Campi (Cogic).

O Departamento de Vigilância e Segurança Patrimonial (DVSP) mantém como ponto forte da segurança do *campus* da Fiocruz ações preventivas e corretivas que possam fortalecer o Ciclo Concêntrico da Segurança estabelecido no Sistema Integrado de Segurança (SIS), que conta com as forças de trabalho das áreas de vigilância, portaria e contingência, somadas às forças de trabalho do Departamento de Serviços Gerais (DSG), com atividades de serviços de recepção, telefonista e ascensorista.

Com treinamentos focados nos Planos de Contingências Patrimoniais e Planos de Emergências Prediais, o DVSP promove a conscientização e padronização das ações de segurança, levando em conta as especificidades das áreas de trabalho e as características da população existente, contribuindo para o bem-estar das pessoas, a proteção do patrimônio e, ainda, para o exercício de uma política de segurança que ajuda a promover a qualidade de vida dos trabalhadores no *campus* da Fiocruz e a proteção de todos os patrimônios.

O Museu da Vida, por estar inserido no *campus*, participa do Programa de Segurança Geral da Fiocruz. Devido às especificidades do Museu, enquanto equipamento cultural, busca atuar em parceria com a Cogic, para o melhor atendimento às suas demandas.

7.1. Linhas de atuação do Programa de Segurança do *campus* da Fiocruz

7.1.1. Quanto à segurança em torno do *campus* da Fiocruz

O DVSP mantém no Plano de Contingência elaborado para o *campus* o *Plano de chamada para atendimento das ações de emergência*. Dele fazem parte as diversas áreas da Segurança Pública que, diante de situações emergenciais, poderão ser acionadas pelo DVSP, como pronta resposta e apoio às necessidades, como se descreve abaixo:

- **Em caso de furto ou roubo no *campus*:** 21ª DP – Delegacia Policial e/ ou DPF – Delegacia de Polícia Federal do Rio de Janeiro.
- **Colisão de veículos que exija ocorrência policial. Invasão ao *campus* e ato de desinteligência:** 22º BPMERJ – Batalhão de Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.
- **Em caso de incêndio dentro do *campus*:** 11/1 DBM – Destacamento de Bombeiro Militar; GOPP – Grupo de Operações de Produtos Perigosos; BPFMA/RJ – Batalhão de Polícia Florestal e Meio Ambiente do Rio de Janeiro.
- **Mal súbito ou acidentes:** SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

7.1.2. Quanto à segurança no *campus* da Fiocruz

O DVSP planeja e executa as ações de segurança dentro do *campus* com a administração da “Força Integrada da Segurança”, uma estrutura existente em virtude dos contratos de vigilância, portaria e brigada de contingência vigentes, formando o segundo e o terceiro “Cinturão de Segurança”. O objetivo é o de assegurar a integridade física dos trabalhadores, dos visitantes e dos bens patrimoniais da União, mantendo a ordem e a devida execução dos procedimentos operacionais, conforme a descrição abaixo:

a) Serviço de segurança patrimonial (vigilante)

Trata-se de profissionais devidamente preparados, conforme legislação vigente (Lei nº 7.102/1983 MJ³⁹, Portaria DPF nº 3233 de 10/12/2012⁴⁰), que ocupam pontos estratégicos dentro do *campus*, exercendo a atividade de vigilância. Os mesmos são orientados e fiscalizados pelos técnicos operacionais da empresa contratada, que fazem o acompanhamento de todas as rotinas do serviço, preparando relatórios que são devidamente registrados nos livros de ocorrências, avaliados e apurados pelo DVSP diariamente.

b) Serviço de ronda e acompanhamentos diversos (vigilante motociclista):

É composto por profissionais devidamente habilitados conforme legislação e portaria ministeriais já acima mencionadas, que, em seus respectivos turnos de trabalhos, realizam rondas dentro das áreas devidamente demarcadas pelo DVSP no *campus* da Fiocruz. Também prestam apoio às ocorrências e fiscalizam a atividade dos vigilantes nos postos fixos do *campus*, além de acompanharem autoridades e veículos que prestam serviço às unidades da Fiocruz, mantendo a regularidade do trânsito e a segurança do *campus*.

³⁹ BRASIL. *Lei nº 7.102, de 20 de junho de 1983*, que dispõe sobre segurança para estabelecimentos financeiros, estabelece normas para constituição e funcionamento das empresas particulares que exploram serviços de vigilância e de transporte de valores, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7102.htm> Acesso em: 17 ago. 2017.

⁴⁰ MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. *Portaria DPF nº 3233 de 10 de dezembro de 2012*, que dispõe sobre as normas relacionadas às atividades de Segurança Privada. Disponível em: <<http://www.pf.gov.br/servicos-pf/seguranca-privada/legislacao-normas-e-orientacoes/portarias/Portaria%20n3233.12.DG-DPF.pdf/view>> Acesso em: 17 ago. 2017

c) Serviço da brigada de contingência

É constituído por profissionais devidamente preparados, conforme legislação vigente (Lei nº 11901, de 12/01/2009⁴¹ – Bombeiro Civil, Resolução do CBMERJ 031; Decreto 897 de 21/09/1976⁴² – COSCIP; e NBR nº 14608⁴³ – Bombeiro Profissional Civil), que atuam dentro e fora dos prédios da Fiocruz em ações preventivas de combate a princípios de incêndio e, quando necessário, em ações corretivas. O serviço presta também apoio aos trabalhadores do *campus* diante de situações de emergência, como o atendimento a males súbitos, a pessoas acidentadas ou eventualmente presas no elevador, a colisão de veículos e a serviços que oferecem riscos de incêndio; e forma e recicla os trabalhadores voluntários da Brigada Voluntária de Incêndio (BVI), que fazem parte da Força Integrada da Segurança, em ações que se limitam a suas respectivas áreas de atuação.

d) Serviço de portaria

São profissionais contratados para atuar nas portarias dos prédios e portarias de acesso ao *campus*, com contrato de prestação de serviço em vigência. Com o objetivo de controlar e fiscalizar o acesso de pessoas e materiais nas portarias dos prédios, esses profissionais cumprem as demandas das unidades em conformidade com a função exercida, dão apoio às áreas de infraestrutura de cada prédio e contribuem com a segurança do

⁴¹ BRASIL. *Lei nº 11901, de 12 de janeiro de 2009*, que dispõe sobre a profissão de Bombeiro Civil e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11901.htm> Acesso em: 17 ago. 2017.

⁴² ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Decreto nº 897, de 21 de setembro de 1976, que regulamenta o Decreto-lei nº 247, de 21-7-75, que dispõe sobre segurança contra incêndio e pânico. Disponível em: <http://www.cbmerj.rj.gov.br/pdfs/from_dgst/COSCIP.pdf> Acesso em: 17 ago. 2017.

⁴³ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14608: Bombeiro profissional civil*. Rio de Janeiro, 2007.

campus na observação de comportamentos suspeitos dentro e, se possível, em torno de sua área de atuação. Nas portarias de acesso ao *campus*, esses profissionais fazem os registros dos veículos em formulários padronizados pelo DVSP, observando placas e horários de entrada e saída. Os mesmos são orientados e fiscalizados pelos supervisores da empresa contratada e, quando necessário, recebem o acompanhamento nas ocorrências com o devido registro no livro.

e) Equipe de servidores públicos (Agentes de Segurança)

Trata-se de profissionais da União que atuam em plantões de 24 horas com o objetivo de acompanhar a rotina dos serviços de vigilância, de portaria e da brigada de contingência. A equipe faz o controle do efetivo de cada força de trabalho e presta assessoria nas situações de emergência dentro do *campus*; responde pela segurança do *campus* quando da ausência do chefe e do subchefe do DVSP, principalmente em horários noturnos, feriados e fins de semana; faz o registro no livro de ocorrência de todas as não conformidades observadas durante o serviço, dando ciência ao chefe do DVSP; e executa rondas dentro do *campus* com o objetivo de manter a ordem e o bom funcionamento das forças de trabalho da segurança.

7.1.3. Quanto à segurança dos espaços expositivos e da Reserva Técnica (Museu da Vida)

A conservação, a preservação, o armazenamento e a administração do acervo histórico e técnico sob a guarda do Museu da Vida ficam a cargo da Reserva Técnica. O trabalho de coleta e preservação das peças resultou num acervo de 2.100 itens, que inclui objetos pessoais de pesquisadores do antigo Instituto Oswaldo Cruz e da atual Fundação Oswaldo Cruz, além de material de laboratório e de precisão, material relacionado à produção de medicamentos e vacinas, equipamentos médicos, entre outros itens.

Fazendo valer o valor histórico desse acervo e a sua importância para a história da saúde pública no Brasil, com valor internacional reconhecido, o DVSP assegura o fortalecimento dos três cinturões da segurança do *campus* da Fiocruz, ao que se denomina de “Ciclo Concêntrico da Segurança”:

a) No primeiro cinturão, a segurança armada (vigilante) e o sistema de Circuito Fechado de Televisão (CFTV) com monitoramento durante 24 horas (portarias de acesso ao *campus*).

b) No segundo cinturão, a segurança armada (vigilante) em pontos estratégicos e a ronda motorizada executada pelos vigilantes motociclistas, como pronta resposta a qualquer ação criminosa em vias e acessos dentro do *campus*.

c) No terceiro cinturão, a segurança desarmada (porteiro predial e bombeiro profissional civil com rondas durante 24 horas) e CFTV com sistema de gravação em Digital Vídeo Record (DVR) não integrado ao sistema de monitoramento do DVSP.

O Museu conta também com um sistema de monitoramento por câmeras, um CFTV, que hoje compreende as seguintes áreas: Sede (área interna, auditório, acessos e salão de exposição); Pirâmide; Tenda; Epidauró; Castelo (sala 307) e Reserva Técnica, com previsão de instalação no Centro de Recepção (material já disponível). Tem ainda um sistema de gravação em todas as câmeras por sensor de movimento e alerta de presença no período noturno, com alarme sonoro e remoto.

A planta de segurança e monitoramento possui um total de 42 câmeras, 40 sensores e 9 centrais de alarme de intrusão. Com as instalações a serem efetuadas no Centro de Recepção serão acrescentadas mais 10 câmeras e sensores.

7.1.4. Quanto às ações de combate a incêndio

A Fiocruz tem em vigência um Contrato de Prevenção e Combate a Incêndio que atende às demandas de princípios de incêndio e contingências diversas em toda a extensão de seu *campus*. Para a sua execução, a fiscalização desse contrato é feita pelo chefe do DVSP e seu processo orientado pelo Gestor de Contingência. A Brigada de Contingência da Fiocruz tem em seu plano de ação um conjunto de procedimentos preventivos que estabelece pronto atendimento ao *campus*, focado nas instalações prediais e na mata preservada (com inspeções prediais de rotina, manutenção dos equipamentos de prevenção e combate a incêndio, elaboração dos planos de emergência prediais e treinamento dos planos de evacuação, além de ronda preventiva nas áreas de mata). Em relação aos chamados referentes aos princípios de incêndio, possui uma equipe de pronto emprego totalmente equipada para o atendimento a qualquer momento do dia. Essas ações fazem parte do plano diretor da Cogic na área de combate a incêndios e manutenção de equipamentos e preservação, conforme informações abaixo:

a) Distribuição de Bombeiros Profissionais Civis (BPC) – em prédios e áreas estratégicas do *campus*, seguindo orientações da legislação vigente.

b) Inspeção diária das edificações e equipamentos de combate a incêndio, com a implantação de medidas corretivas quando necessário.

c) Formação de Brigada Voluntária de Incêndio (BVI) nas edificações como meta de prevenção e pronta resposta às situações de princípio de incêndio.

d) Rondas diárias nas áreas das subestações elétricas e laboratoriais do *campus*.

e) Treinamento mensal da equipe de pronto atendimento com a utilização de equipamentos e vestimentas específicas para as necessidades do *campus*.

f) Elaboração de relatórios técnicos das edificações do *campus*.

g) Troca de extintores e mangueiras de incêndio asseguradas em contrato com empresa especializada.

Todas as áreas edificadas do Museu estão cobertas por extintores (de acordo com as normas e definições da Brigada de Bombeiro Civil da Fiocruz). O prédio ocupado pelo Serviço de Museologia faz uso de gás inerte. Na Pinacoteca da Reserva Técnica, o Museu conta ainda com sensores de fumaça, distribuídos pela edificação. A Reserva Técnica, o Centro de Recepção e a Sede do Museu têm mangueiras de combate a incêndio.

7.1.5. Conservação preventiva e gestão de riscos

Segundo a definição da Política de Preservação e Gestão de Acervos Culturais das Ciências e da Saúde (2013), a gestão de risco “[...] oferece ao campo da preservação patrimonial uma metodologia com base no conhecimento técnico e científico, que permite uma visão integrada dos riscos e danos a que estão sujeitos os bens culturais. Fornece subsídios para a otimização da tomada de decisões dirigidas à conservação do patrimônio cultural. Estabelece prioridades de ação e alocação de recursos para mitigar os diversos tipos de risco ao patrimônio cultural”⁴⁴.

O Plano de Conservação Preventiva e Gestão de Riscos está em desenvolvimento pela COC e dele fazem parte profissionais de diferentes departamentos da COC e a consultoria externa⁴⁵, que atuam na orientação metodológica. Atualmente está na fase de análise de riscos.

⁴⁴ FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. *Casa de Oswaldo Cruz*. Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2013, p. 8

⁴⁵ Realizado pelo cientista da conservação José Luiz Pedersoli.

7.2. Diretriz de ação

- › Desenvolver Programa de Segurança junto à Cogic, com foco nos visitantes e nas especificidades do Museu da Vida, incluindo os respectivos planos de contingência.

8. Programa de financiamento e fomento

Ao longo das últimas décadas, a preocupação com a sustentabilidade e o fomento é pauta comum a todas as instituições museológicas e culturais do mundo, o que, no Brasil, vem recebendo especial destaque com a intensificação da crise financeira e institucional.

Aliado a esse cenário de crise econômica, tanto do Estado como das empresas privadas (potenciais patrocinadores), as instituições museológicas são cada vez mais onerosas, seja pela necessidade de preservação contínua de seu patrimônio material edificado (muitas vezes edifícios tombados que requerem cuidados e manutenção especiais), seja pela crescente profissionalização e especialização de suas equipes, pela sofisticação das questões de segurança e prevenção e, por fim, por conta do alto rigor técnico e narrativo de suas ações de comunicação com o público (exposições, eventos, etc.).

Os museus de ciências e sua prerrogativa de interação e cocriação não escapam desse cenário, o que torna urgente uma reflexão sobre novas formas de manutenção de longo prazo, bem como um melhor alinhamento institucional para ampliação dos valores e dos canais de captação.

É consenso nas instituições culturais hoje que o melhor modelo de fomento é a diversificação de fontes de receitas, ancoradas em parcerias sólidas, que reforcem a marca da instituição patrocinadora e da patrocinada. Para tanto,

considera-se apropriada a integração entre os programas institucionais e o financiamento.

O Museu da Vida tem a União como principal fonte orçamentária, segundo os recursos da Lei Orçamentária Anual (LOA). O Museu recebe uma parcela do orçamento repassado à Fundação Oswaldo Cruz pelo Ministério da Saúde. Os recursos destinados ao pagamento da folha de servidores estatutários vêm do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. As estratégias de captação de recursos de empresas privadas permitem a execução de projetos e práticas de inovação específicas, atuando de forma complementar aos recursos da União.

Entre 2014 e 2016, o Museu da Vida teve à disposição um orçamento anual médio de aproximadamente R\$ 6.milhões. Esse montante reflete recursos diretamente disponíveis do Tesouro Nacional, via Lei Orçamentária da União, recursos captados com parceiros privados, em outros editais públicos e por meio de financiamentos internacionais. Sua composição nessas diferentes dimensões pode ser observada na tabela adiante:

FONTES	Loa	Projetos de Pesquisa	Outros Editais Públicos	Captação parcerias privadas	Captação Internacional	Total
PESO ⁴⁶	60,5%	10,3%	1,7%	27%	0,5%	100%

⁴⁶ Esses pesos se referem a uma média anual dos pesos do total de recursos disponibilizados nos anos de 2014 a 2016.

⁴⁷ Estimativa anual dos custos referentes a: salário de servidores, manutenção, TI, limpeza, portaria e jardinagem.

Nesses recursos não estão incluídos aqueles que estão disponíveis para o Museu da Vida mas não são computados no seu orçamento anual, como o salário de servidores e custos condominiais da Fiocruz, e serviços que são prestados para o Museu da Vida, mas gerenciados por outra instância, como: manutenção, serviços de TI, limpeza, jardinagem, portaria e outros citados no Programa Institucional e de Gestão de Pessoas. Esses custos podem ser estimados como em torno de R\$ 6 a 8 milhões⁴⁷, disponibilizados anualmente ao Museu mas não geridos diretamente. Dessa forma, é possível estimar o total de recursos disponíveis para o funcionamento do Museu da Vida como algo em torno de R\$ 13 milhões anuais, sendo que os recursos do Tesouro Nacional correspondem a cerca de 81% e os recursos externos à Fiocruz ficam em torno de 19% desse total.

8.1. Breve relato da captação do Museu da Vida hoje

O Museu da Vida – como um dos departamentos da Casa de Oswaldo Cruz, que por sua vez se constitui como uma unidade técnica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), órgão estatutário ligado ao Ministério da Saúde – conta com orçamento anual atribuído à Casa de Oswaldo Cruz, bem como compartilha da infraestrutura do *campus* de Manguinhos da Fiocruz para atividades de infraestrutura e manutenção predial.

Além desse orçamento, o Museu da Vida atua em parceria com a Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (Fiotec), que tem como missão prestar serviços de apoio logístico, administrativo e financeiro aos projetos desenvolvidos pela Fiocruz, nos campos da ciência, tecnologia e inovação em saúde, e na captação de recursos para projetos específicos do Museu, em editais de fomento. O Museu conta ainda com o Escritório de Captação da COC, que é responsável por toda a estratégia de captação e planejamento do Museu da Vida.

A Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz (SPCOC), por sua vez,

é a gestora executiva dos projetos da Fiocruz, apoiando as atividades da Fundação nas áreas de pesquisa e documentação histórica, preservação do patrimônio arquitetônico, educação e divulgação científica, e produção cultural. Atua como pessoa jurídica de natureza privada, como proponente para os projetos do Museu de natureza cultural, tendo *status* de Associação de Amigos do Museu.

Um dos diferenciais das ações de captação do Museu da Vida é a organização dessa atividade por meio de uma equipe profissional institucional. Desde sua fundação, o Museu buscou diversificar sua receita e pensar em sua sustentabilidade financeira. Mais recentemente, a partir de um núcleo de captação para o projeto Ciência Móvel, foi estruturado um Escritório de Captação para a Casa de Oswaldo Cruz, hoje vinculado à presidência da Fiocruz. O Escritório continua atuando junto ao Museu da Vida para uma política permanente de captação de recursos dentro da área cultural.

8.2. Principais fontes externas de recursos

A captação externa de recursos para o Museu da Vida pode ser dividida nas seguintes linhas de atuação:

- Projetos específicos liderados pela SPCOC com participação das equipes técnicas do Museu, que buscam patrocínios por meio de leis de incentivo à cultura – Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), ISS e ICMS.
- Plano Anual, também junto à Lei Rouanet, por intermédio da SPCOC.
- Projetos de pesquisa, que buscam linhas de financiamento junto às agências de fomento nacionais e internacionais (CNPq, Faperj, Capes, entre outras).
- Patrocínios diretos de empresas parceiras da Fiocruz para projetos e/ou programas específicos.
- Participação ativa em editais (municipais, estaduais e federais) da área de Cultura e da área de Saúde e Meio Ambiente.

- f) Captação em editais e organismos internacionais.
- g) Financiamento por ação direta, em geral via descentralização de recursos, pela presidência da Fiocruz, diretoria da COC ou outras unidades, bem como recursos diretos de ministérios e/ou secretarias municipais ou estaduais.

8.3. Diretrizes de ação

- › Rediscutir e aperfeiçoar o modelo de captação externa de recursos.
- › Prospectar a captação internacional de recursos.
- › Realizar estudos com vista à criação de um fundo de apoio à itinerância de exposições, por meio de recursos oriundos de empréstimo de exposições.
- › Implementar a captação por doação de pessoa física.
- › Implementar uma loja de souvenirs do Museu da Vida e buscar a sustentabilidade desse empreendimento.
- › Desenvolver a Política de Captação de Recursos, a partir de um conjunto de estratégias que permitam a flexibilização, diversificação e ampliação das receitas, tendo como base princípios, fundamentos e diretrizes éticas, visando à mediação da relação com parceiros e financiadores.

9. Programa arquitetônico e urbanístico

Situado no bairro de Manguinhos, zona norte do Rio de Janeiro, o Museu localiza-se em uma área que possui uma das maiores concentrações de população socialmente vulnerável da América Latina. Suas instalações encontram-se espalhadas pelo *campus*-sede da Fiocruz em nove áreas, que perfazem um total 35 mil m², dos quais 6,5 mil m² de área de atendimento ao público e 18 mil m² de jardins.

Atualmente, o Museu possui exposições de longa duração distribuídas em seus espaços de visitação no *campus* de Manguinhos (Ciência em Cena, Parque da Ciência, o Castelo Mourisco, e um Borboletário), um Centro de Recepção, um Salão de Exposições Temporárias, um teatro (Tenda da Ciência Virgínia Schall), um auditório. Desses espaços de visitação, dois são prédios históricos tombados (a Cavalariça e o Castelo Mourisco). Além disso, o Museu da Vida ocupa o prédio em que está sua sede administrativa, onde também funciona uma biblioteca e seu acervo bibliográfico, e o prédio da Reserva Técnica, onde atualmente se encontram seus acervos museológico e expográfico e a equipe do Serviço de Museologia. Também realiza atividades nas áreas externas do Parque da Ciência, no entorno da Tenda da Ciência, no Pombal e no Caminho Oswaldo Cruz.

Por ocupar um conjunto grande de espaços tombados e não tombados espalhados pelo *campus* de Manguinhos, sistematizado no quadro de áreas no Anexo 5, a gestão dos espaços do Museu da Vida é, em muitos casos, integrada à própria gestão do *campus*. O *campus* de Manguinhos é ordenado por seu Plano Diretor, sendo a manutenção dos espaços do Museu realizada pelo Departamento de Patrimônio Histórico/COC, nas áreas tombadas, e pela Coordenação-Geral de Infraestrutura dos Campi (Cogic), em conjunto com o Serviço de Infraestrutura/Departamento de Administração/COC e Serviço de Operações Técnicas/Museu da Vida, nas áreas não tombadas.

Como as áreas físicas estão localizadas em área de especial interesse para preservação histórica, ou estão em sua zona de fronteira, estão sujeitas também às diretrizes expostas no Plano de Ocupação da Área Preservada (POAP), citado no próprio Plano Diretor do *campus*. A revitalização de suas áreas, incluindo novos usos e ordenamentos, é matéria que está presente no Plano de Requalificação do NAHM.



Mapa dos espaços do Museu da Vida distribuídos pelo campus-sede da Fundação Oswaldo Cruz (delimitado pela linha laranja). A cor verde simboliza a área de preservação histórica do campus.

Para compreender como o Museu da Vida se insere no território que ocupa, é importante localizá-lo, do ponto de vista urbanístico, para além do *campus* de Manguinhos. Assim como a territorialidade pode ser entendida como um processo, ou seja, algo dinâmico, tanto quanto a cultura, também o conceito de território, outrora visto de maneira estática, não significa apenas um mero recorte espacial. A noção de território tem sua construção nas dinâmicas culturais exercidas pelos diferentes grupos/agentes que atuam em determinado espaço; ou seja, o conceito de território em diferentes contextos é uma construção política de hegemonias nos seus diferentes tempos e espaços.

Nesse sentido, o Museu da Vida, cumprindo sua função social, deve estar atento à sua inserção no território como um desses agentes articuladores e interlocutores das dinâmicas culturais locais, propiciando sinergias com as comunidades que compõem esse território e inserindo, no universo da comunidade, temas que situem e estimulem a população a discutir sobre a sociedade. Ao se colocar dessa forma para a sociedade, o Museu da Vida pode tornar-se uma plataforma de cidadania cultural para o território que ocupa, um *locus* de encontros e mediação da cultura local, assumindo um papel transformador para sua região urbana, para além da Fiocruz. O Plano de Requalificação do NAHM é uma oportunidade de trazer a perspectiva da ação no território para um lugar central na missão do Museu da Vida.

9.1. Diretrizes de ação

- › Desenvolver o Plano de Requalificação do NAHM.
- › Promover a integração entre espaços urbanos do *campus* e o território como um todo, conformando-se como um *campus-parque*.
- › Desenvolver estratégias junto a outros atores da Fundação Oswaldo Cruz para gestão compartilhados do *campus* de Manguinhos
- › Desenvolver projeto de sinalização do *campus* em conjunto com DPH, Cogic e CCS para melhor navegação dentro dos espaços museológicos do *campus* de Manguinhos.

IV Referências bibliográficas

ALMEIDA, Carla; BRITO, Fatima; FERREIRA, José Ribamar; MASSARANI, Luisa; AMORIM, Luís (Org.). *Guia de Centros e Museus de Ciência* – 2015. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência, 2015.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005

DUARTE CÂNDIDO, M. M. *Orientações para gestão e planejamento de museus*. Florianópolis: FCC, 2014.

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena S. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987. 2v. (Série Técnica)

GRUZMAN, Carla. *Educação e comunicação no museu de ciências: uma proposta de avaliação qualitativa do Jogo do Labirinto no contexto da exposição Chagas do Brasil*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2003. XI, 147 p.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu. Science communication in Brazil: A historical review and considerations about the current situation. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 88, p.1577-1595, 2016.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público. In: *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n° 21, p. 98, Rio de Janeiro, CPDOC/ FGV, 1998

NOGUEIRA, Inês; SOARES, Pedro Paulo. Patrimônio cultural da ciência e da saúde: conceitos e abordagens de pesquisa no acervo museológico da Fundação Oswaldo Cruz. In: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

POMIAN, K. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi. v. 1: *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

SEIBEL-MACHADO, Maria Iloni. *O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987-2006) e a experiência do Museu da Vida*. 2009. 250f. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2009.

V Lista de documentos históricos

Ato de criação da Casa de Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Ato da Presidência nº 221/85-PR, de 19 de novembro de 1985*. Constitui a Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/ato_presidencia_221.pdf> Acesso em: 05 maio 2017.

Ato de transformação da COC em unidade técnica da Fiocruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Ato da Presidência nº 056/87-PR, de 15 de maio de 1987*. Constitui a Casa de Oswaldo Cruz como unidade técnica da Fiocruz. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/ato_presidencia_56.pdf> Acesso em: 05 mai. 2017.

Relatório Final do 2º Congresso Interno da Fiocruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Segundo Congresso Interno*. Relatório final. Rio de Janeiro, jan. 1994. Disponível em: <<http://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/II%20Congresso%20Interno%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final%20-%20janeiro%20de%201994.pdf>> Acesso em: 24 abr. 2017.

Projeto Preliminar Museu Científico da Fiocruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Programa de implantação do Museu Científico da Fundação Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: [s.n.], jan. 1994. 40, 27 p.

Projeto SPEC Espaço Museu da Vida

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Espaço Museu da Vida: Museu de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – proposta*. Rio de Janeiro: [s.n.], abr. 1994. 101, 25 p. [Edital SPEC 01/93 – SE/PADCT/CAPES].

Projeto Vitae Espaço Museu da Vida

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Espaço Museu da Vida: Museu de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: set. [s.n.], 1994. 137 p.

Projeto Finep

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz. *Centro de Referência de Educação em Ciência: Espaço Museu da Vida*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1996. Não paginado. Edital Finep 01/95 – Plano de Ação para a Área Social.

Regimento Interno da Casa de Oswaldo Cruz 2001

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Regimento Interno. Rio de Janeiro: [s.n.], nov. 2001. 18 p.

Manual da Organização COC 2007

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. *Manual da organização*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2007. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/manual_organizacao_coc.pdf> Acesso em: 05 mai. 2017.

Relatório Final do VII Congresso Interno

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Sétimo Congresso Interno*. Relatório final. Rio de Janeiro, nov. 2015. Disponível em: <<http://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/VII%20Congresso%20Interno%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final%20-%20Carta%20Pol%C3%ADtica%2C%20Estatuto%2C%20Mo%C3%A7%C3%B5es%20e%20Pend%C3%Aancias.pdf>> Acesso em: 17 ago. 2017.

Plano Quadrienal COC 2014-2018

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. *Plano Quadrienal COC 2014-2018*. Rio de Janeiro: [s. n.], sem data. 72 p. Disponível em: <<http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/pq-coc-2015-2018.pdf>> Acesso em: 17 ago. 2017.

Museu da Vida: Ciência e Arte em Manguinhos

BEVILAQUA, D.V., et al. *Museu da Vida: Ciência e Arte em Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2017. 120 p.

VI Planos, programas e políticas de apoio

Política de Comunicação da Fiocruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Política de Comunicação da Fiocruz*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017. 38 p.

Plano Diretor Campus Manguinhos Saudável

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO DO CAMPUS. *Plano Diretor Campus Manguinhos Saudável*. Apresentado ao Conselho Deliberativo da Fiocruz. Nov. 2016. 23 p.

Plano de Ocupação da Área de Preservação do Campus Fiocruz Manguinhos

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. *Plano de Ocupação da Área de Preservação do Campus Fiocruz Manguinhos*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2011. Produto final (Apoio: Ibram).

Política de Capacitação Continuada da Casa de Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. *Política de Capacitação Continuada da Casa de Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2017.

Política de Preservação e Gestão de Acervos da COC

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. *Política de Preservação e Gestão de Acervos Culturais das Ciências e da Saúde*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2013. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/politica_preservacao_gestao_acervos_coc.pdf> Acesso em: 05 mai. 2017.

Programa de Incorporação de Acervos COC

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. *Política de Incorporação de Acervos*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2014. Versão aprovada pelo Conselho Deliberativo da COC em 01 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/images/stories/PDFs/Programa%20de%20incorporao%20VALIDADO%20CD_COC_PARA%20PORTAL_2015-05-21.pdf> Acesso em: 18 ago. 2017.

Programa de Tratamento Técnico de Acervos COC

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. *Programa de Tratamento Técnico de Acervos*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/15277/2/Programa_Tratamento_Tecnico_verso%20final_16dez2015.pdf> Acesso em: 17 ago. 2017.

Mapeamento de Processos de Trabalho e de Competências Individuais do Museu da Vida

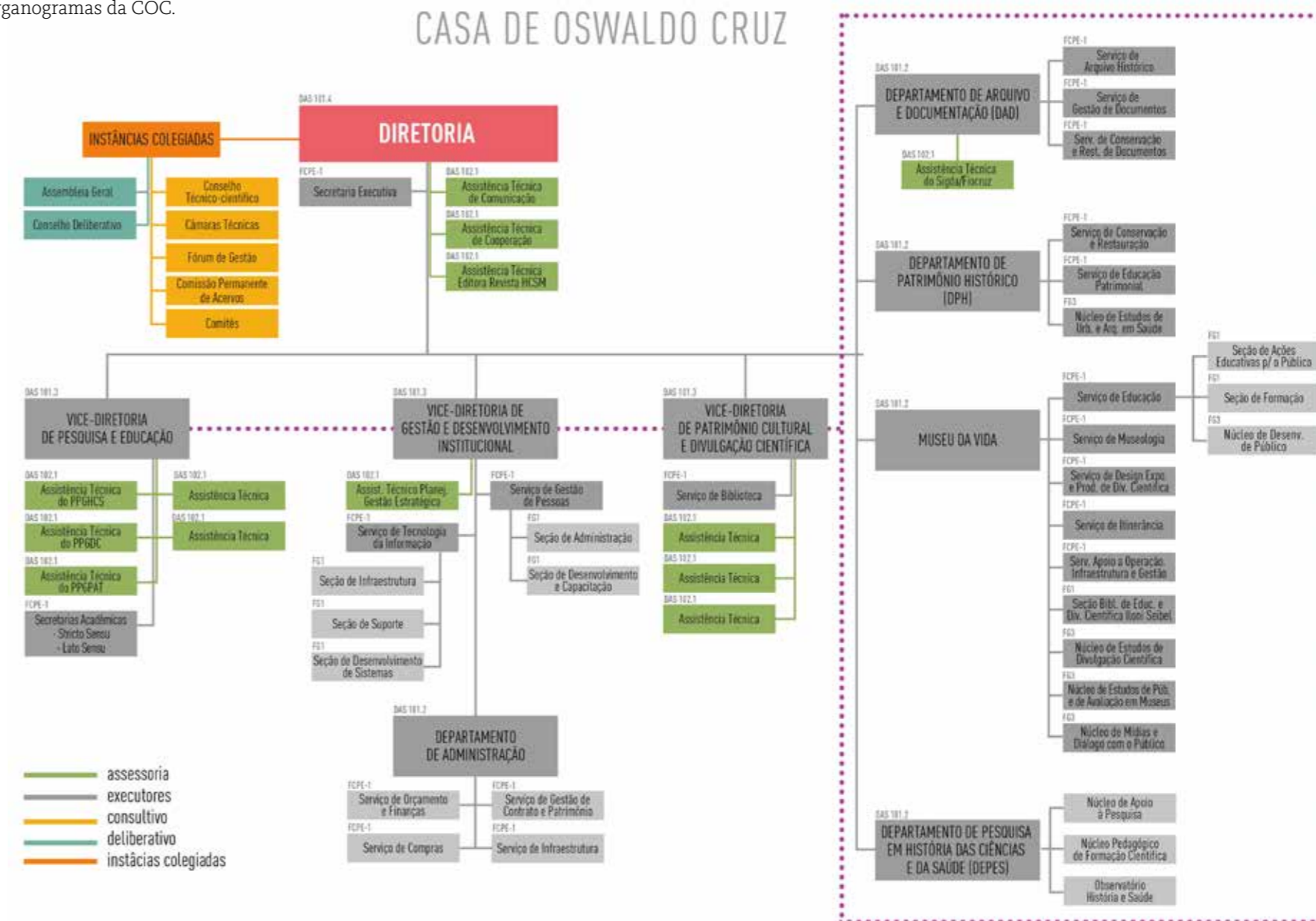
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. *Mapeamento dos processos de trabalho e de competências individuais*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2013. Disponível em: <http://intranet.coc.fiocruz.br/intrainstitucional/images/stories/mapeamento_processos_competencias/mapeamento_mv.pdf> Acesso em: 18 ago. 2017.

Plano de Requalificação do Núcleo Histórico de Manguinhos

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Plano de requalificação do NAHM: Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos*. Rio de Janeiro: [s.n.], [2015]. 63 p.

VI Anexos

ANEXO 1.
Organogramas da COC.



ANEXO 2.

Estrutura do Museu da Vida conforme o Manual da Organização aprovado em Assembleia Geral da Casa de Oswaldo Cruz em dezembro de 2016.

SETOR IV – MUSEU DA VIDA	
Art. 60. Compete ao Museu da Vida:	
a) Promover educação, comunicação, divulgação e popularização em ciências e saúde, com ênfase em atividades próprias a museus e centros de ciências;	
b) Criar, preservar e garantir o acesso do público a espaços museológicos e acervos sob sua responsabilidade;	
c) Conceber e produzir exposições, produtos de divulgação e atividades museológicas de caráter científico, educativo e cultural;	
d) Constituir, organizar, preservar e divulgar o acervo museológico relativo às áreas das ciências e da saúde, com ênfase no acervo da Fiocruz;	
e) Desenvolver atividades de pesquisa, educação e desenvolvimento na sua área de competência;	
f) Contribuir para a política nacional de popularização e educação em ciência;	
g) Prestar serviços de consultoria e assessoria nas suas áreas de competência.	
Art. 61. Sob a coordenação do Chefe do Departamento Museu da Vida organizam-se o Serviço de Educação, o Serviço de Museologia; o Serviço de Design de Exposições e Produtos de Divulgação Científica, o Serviço de Itinerância, o Núcleo de Estudos de Divulgação Científica, o Núcleo de Estudos de Público e de Avaliação em Museus, o Núcleo de Mídias e Diálogo com o Público, o Serviço de Apoio à Operação, Infraestrutura e Gestão, a Seção Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel e o Conselho Departamental.	
Art. 62. Compete ao Serviço de Educação:	
a) Propor e sistematizar as diretrizes pedagógicas do Museu da Vida;	
b) Aprimorar o desenvolvimento constante da mediação no atendimento ao público visitante do Museu da Vida numa perspectiva de educação emancipatória;	
c) Fortalecer o trabalho colaborativo com instituições de educação formal e não formal;	
d) Promover o desenvolvimento de ações e materiais educativos de divulgação e popularização da ciência;	
e) Promover acessibilidade para diversos públicos;	
f) Propor e desenvolver ações de formação de estudantes e profissionais no âmbito da educação em museus;	
g) Integrar as ações no território com as escolas, juventude e famílias;	
h) Participar da proposição, desenvolvimento e execução de exposições de longa e curta duração.	
Art. 63. Sob a coordenação do chefe do Serviço de Educação organizam-se o Núcleo de	

NÚCLEO DE AVALIAÇÃO

Desenvolvimento de Público, a Seção de Ações Educativas para o Público e a Seção de Formação.	
Art. 64. Compete ao Núcleo de Desenvolvimento de Público:	
a) Coordenar o agendamento e o controle de fluxo de visitação do Museu da Vida;	
b) Contribuir para as pesquisas de avaliação de público do Museu da Vida;	
c) Promover a prospecção de novas audiências para visitação ao museu;	
d) Desenvolver a fidelização de público do Museu da Vida.	
Art. 65. Compete à Seção de Ações Educativas para o Público:	
a) Planejar e promover ações educativas de divulgação e popularização da ciência;	
b) Desenvolver propostas educativas para as exposições temporárias, itinerantes e de longa duração do Museu da Vida;	
c) Desenvolver estudos e estratégias educativas que contemplem a diversidade de público;	
d) Desenvolver estudos e coordenar projetos educativos voltados para acessibilidade;	
e) Atuar de forma integrada e colaborativa junto a territórios socialmente vulnerabilizados.	
Art. 66. Compete à Seção de Formação:	
a) Coordenar programas e projetos institucionais voltados para a formação de estudantes de nível superior e médio nas áreas de educação em museus, popularização da ciência e produção cultural;	
b) Planejar, realizar e avaliar a formação de mediadores para exposições temporárias, itinerantes e de longa duração do Museu da Vida;	
c) Conceber e desenvolver materiais educativos para ações de formação, divulgação e popularização da ciência;	
d) Desenvolver estudos, projetos, seminários, cursos e oficinas temáticas sobre educação em museus e temas afins.	
Art. 67. Compete ao Serviço de Museologia:	
a) Identificar, inventariar, preservar e comunicar o patrimônio museológico de ciência e tecnologia em saúde na Fundação Oswaldo Cruz, com ênfase nas noções de valor histórico e de inovação;	
b) Participar da proposição, desenvolvimento e execução de exposições de longa e curta duração;	
c) Fortalecer o trabalho colaborativo com museus e demais instituições de preservação do patrimônio cultural, na gestão de coleções;	
d) Promover processos de avaliação para incorporação e descarte de itens para o acervo;	
e) Promover estudos e pesquisas sobre as coleções museológicas.	

NÚCLEO OPERACIONAL

Art. 68. Compete ao Serviço de Design de Exposições e Produtos de Divulgação Científica:	
a) Conceber e desenvolver projetos de design de exposições;	
b) Acompanhar a produção e montagem, e organizar a documentação técnica das exposições desenvolvidas pelo serviço;	
c) Identificar, avaliar e desenvolver e/ou indicar intervenções necessárias nos projetos expositivos;	
d) Elaborar modelos e protótipos para apoio aos projetos de exposição e produtos de divulgação e popularização da ciência.	
Art. 69. Compete ao Serviço de Itinerância:	
a) Atuar em âmbito nacional na organização das ações de itinerância do Museu da Vida, por meio do Ciência Móvel e do portfólio de exposições itinerantes;	
b) Projetar e executar ações de divulgação e popularização da ciência em regiões afastadas dos grandes centros que promovam o acesso de novos públicos a atividades científico-culturais;	
c) Planejar e realizar ações de itinerância que possibilitem a ampliação da rede de parceiros públicos e privados, potencializando a interlocução deles com o Museu da Vida;	
d) Participar da concepção e desenvolvimento das exposições itinerantes do Museu da Vida;	
e) Desenvolver procedimentos de avaliação dos processos de itinerância realizados pelo Museu da Vida.	
Art. 70. Compete ao Núcleo de Estudos de Divulgação Científica:	
a) Desenvolver pesquisas nas suas áreas de competência;	
b) Promover ações e produzir materiais que estimulem a reflexão e a melhoria da divulgação científica;	
c) Desenvolver atividades de ensino, com ênfase na pós-graduação, em sua área de competência.	
Art. 71. Compete ao Núcleo de Estudos de Público e de Avaliação em Museus:	
a) Desenvolver pesquisas nas suas áreas de competência;	
b) Coordenar o sistema de avaliação de público e registro de visitantes do Museu;	
c) Promover e desenvolver ações do Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia no âmbito da Fundação Oswaldo Cruz;	
d) Desenvolver atividades de ensino, com ênfase na pós-graduação, em sua área de competência.	
Art. 72. Compete ao Núcleo de Mídias e Diálogo com o Público:	
a) Desenvolver e executar ações relacionadas ao gerenciamento e manutenção do conteúdo das redes sociais e website do Museu da Vida;	
b) Produzir materiais (digitais e impressos) para divulgação das atividades promovidas pelo Museu da Vida;	

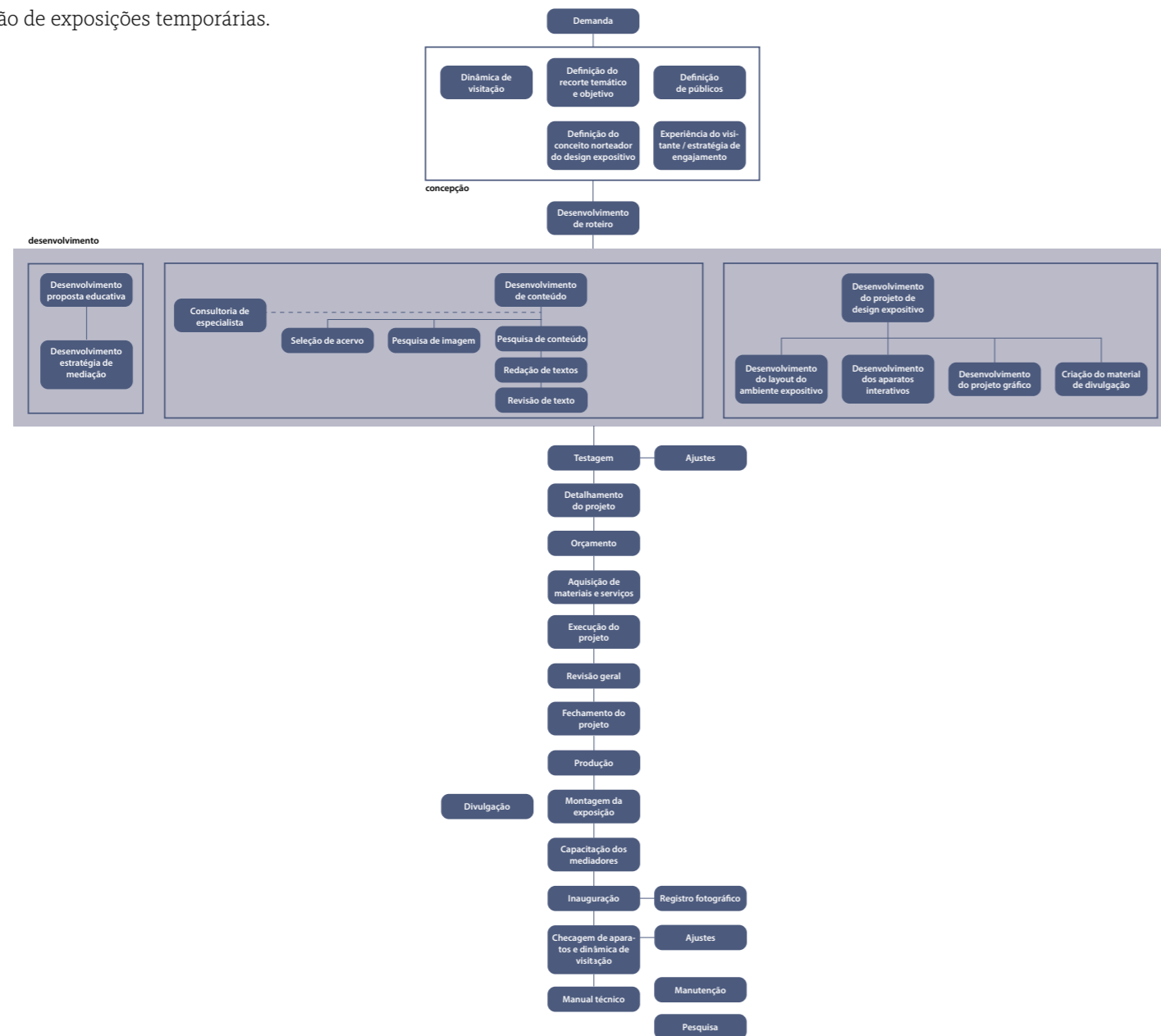
NÚCLEO OPERACIONAL

c) Apoiar e registrar os eventos realizados pelo Museu da Vida dentro do campus de Manguinhos;	
d) Apoiar a elaboração de textos de exposições, produtos e atividades de divulgação científica do Museu da Vida;	
e) Atuar junto à Ascom/Casa de Oswaldo Cruz, dando-lhe o apoio necessário para a comunicação entre o Museu da Vida e a imprensa.	
Art. 73. Compete ao Serviço de Apoio à Operação, Infraestrutura e Gestão:	
a) Conceber, desenvolver, manter e operar os equipamentos de iluminação, sonorização e cenotécnica para as atividades do Museu da Vida;	
b) Participar da concepção e do desenvolvimento de programas de manutenção, de projetos arquitetônicos, de infraestrutura e paisagísticos referentes ao Museu da Vida e às suas exposições;	
c) Executar a montagem e desmontagem de exposições;	
d) Orientar a conservação e adequação dos espaços e equipamentos do Museu da Vida;	
e) Gerir a área de guarda e os elementos de exposições de curta duração do Museu da Vida;	
f) Prestar apoio gerencial e logístico aos outros setores do Museu da Vida e atuar como interlocutor junto à área de gestão da COC;	
g) Participar do planejamento de eventos do Museu da Vida.	
Art. 74. Compete à Seção Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel:	
a) Selecionar, adquirir, preservar, disseminar e gerir material bibliográfico nas áreas temáticas do acervo sob sua responsabilidade;	
b) Atender e orientar os usuários por meio dos diferentes serviços oferecidos, apoiando as ações educacionais no Museu da Vida;	
c) Participar de atividades culturais que visem à divulgação de seu acervo e também ao incentivo à leitura;	
d) Participar de redes cooperativas, compartilhar serviços, produtos e experiências de acordo com a sua área de atuação;	
e) Ser depositária da produção dos cursos de pós-graduação da COC nas áreas de Educação e Divulgação Científica.	

NÚCLEO OPERACIONAL

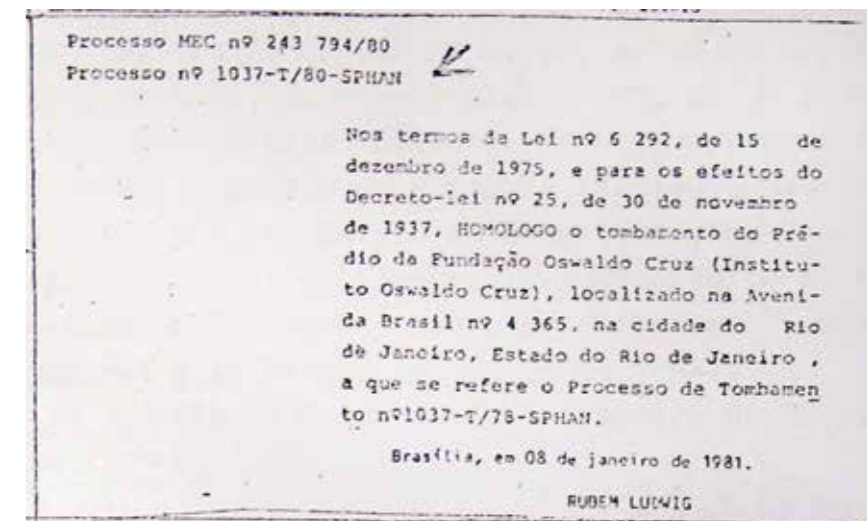
ANEXO 3.

Diagrama de processo de produção de exposições temporárias.



ANEXO 4.

Documentos de tombamento das edificações do *campus* Manguinhos



ANEXO 5. Quadro de áreas:

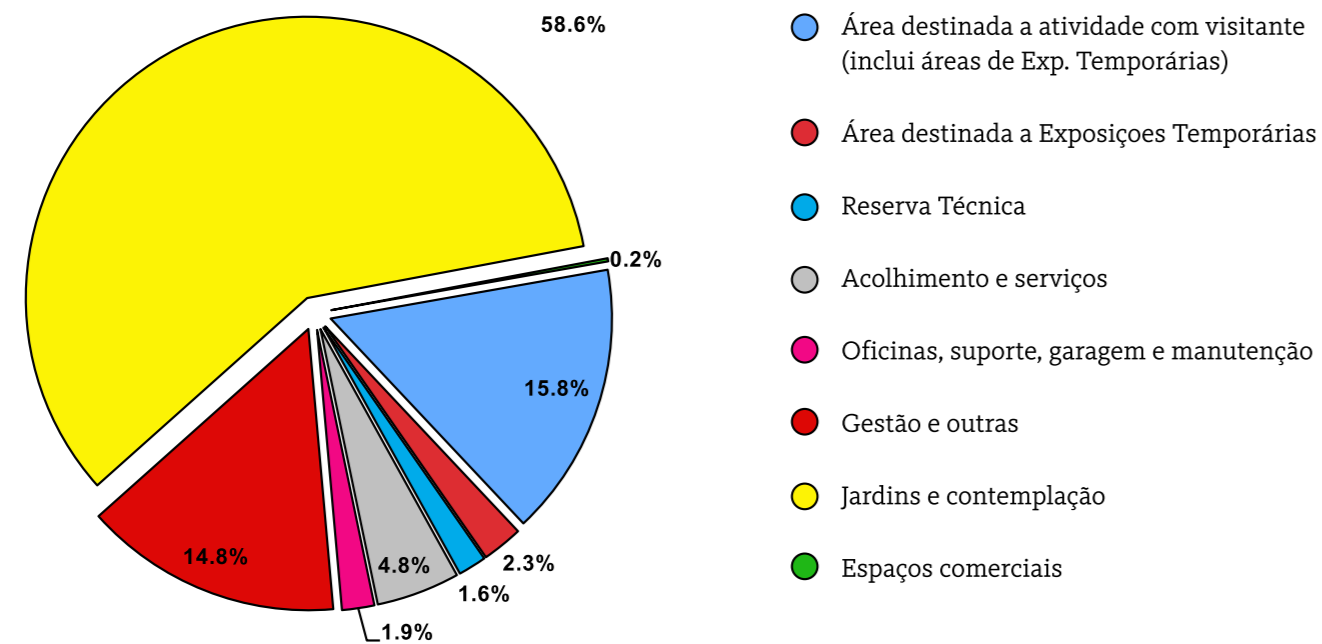
Ocupações Geográficas, levantadas em dezembro de 2003 e atualizadas anualmente

Tipos de Ocupação	Identificação	m²	1999	2000	2001	2002
Área Exposições Permanentes	Biodescoberta / Pirâmide do Parque da Ciência / 2º andar do Castelo / Quiosques Pombal	472.12	322.36	322.36	440.12	440.12
Área de Exposições Temporárias	Sala de Exposições do Centro de Recepção / Sala de Exposições da Sede / Sala de Exposições do Castelo (sala 307) / Quiosques de Exposições do Pombal	554.55	55.96	55.96	55.96	55.96
Área de Reserva Técnica	Reserva Técnica	353.72	353.72	353.72	353.72	353.72
Área de Exposições e atividades ao ar livre	Parque da Ciência - área externa	2,408.94	-	-	2,408.94	2,408.94
Área de Atividades e Oficinas internas	Epidaurinho / Salas de aula / Sala de Informática do Parque da Ciência / Câmara escura do Parque da Ciência / Laboratório da Biodescoberta	349.66	302.61	302.61	302.61	349.66
Área de auditórios e platéias	Tenda (até 200 lugares) / Auditório da Sede (até 250 lugares) / Anfiteatro do Centro de Recepção (até 60 lugares)	360.08	360.08	360.08	360.08	360.08
Área de suporte, galpões, garagens e oficinas	Galpão e oficina de Exposições e Lab.Design Ind. / Laboratórios de Informática / Garagem e oficina do Trenzinho / Área de apoio da Biodescoberta	474.88	450.22	474.88	474.88	552.45
Área de Acolhimento e serviços ao público	Salão do Centro de Recepção / Sanitários / Área de Apoio a Motoristas	4,433.95	4,433.95	4,433.95	4,438.49	4,438.49
Área de exploração comercial	Lanchonete (incluindo área de mesas)	57.74	57.74	57.74	57.74	57.74
Área de Biblioteca, videoteca e documentação	Centro de Apoio Informacional	50.00	50.00	50.00	50.00	50.00
Área de Gestão e atividades internas	Salas do Container (excluído o Núcleo Apoio Informacional) / Salas de atividades de gestão/administração-Sede / Salas de gerência dos espaços de visitação / Torre do Centro de Recepção / Sala de Administ. do Centro de Recepção / Depósitos e Copas / Áreas de circulação e não especificadas	2,964.48	2,964.48	2,964.48	3,068.47	3,068.47
Área de Jardins	Entorno do Centro de Recepção / Entorno do Parque (excluída área de exposição) / Entorno da Tenda / Entorno do Pombal / Entorno da Biodescoberta / Entorno da Sede / Entorno da Reserva Técnica / Jardins Suspensos da Sede	13,279.26	6,809.29	9,520.28	10,466.54	10,466.54
ÁREA TOTAL		25,759.38	16,160.41	18,896.06	22,477.55	22,602.17

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
	472.12	472.12	472.12	472.12	722.12	722.12	722.12	722.12	722.12	722.12	722.12	722.12	722.12	722.12
	282.56	282.56	554.55	747.00	747.00	747.00	747.00	747.00	747.00	747.00	747.00	747.00	747.00	870.93
	518.90	518.90	518.90	518.90	518.90	518.90	518.90	518.90	518.90	518.90	1,481.68	1,481.68	1,325.47	1,325.47
	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94	2,408.94
	349.66	412.38	516.90	516.90	516.90	516.90	516.90	516.90	516.90	516.90	516.90	516.90	516.90	516.90
	360.08	360.08	647.47	647.47	647.47	647.47	647.47	647.47	647.47	647.47	647.47	647.47	647.47	647.47
	594.31	594.31	594.31	594.31	594.31	594.31	594.31	594.31	594.31	594.31	153.45	153.45	153.45	
	4,438.49	4,438.49	4,522.62	4,522.62	4,522.62	1,477.62	1,477.62	1,477.62	1,477.62	1,477.62	1,477.62	1,477.62	1,477.62	1,477.62
	57.74	57.74	57.74	57.74	57.74	57.74	57.74	57.74	57.74	57.74	57.74	57.74	57.74	
	50.00	50.00	53.90	53.90	53.90	53.90	53.90	53.90	53.90	53.90	53.90	53.90	53.90	
	3,068.47	3,068.47	4,108.10	4,108.10	4,739.24	4,739.24	5,370.38	5,370.38	6,001.52	6,001.52	6,632.66	6,632.66	7,263.80	
	10,466.54	15,399.95	18,757.57	18,757.57	18,757.57	18,757.57	18,757.57	18,757.57	18,757.57	18,757.57	18,757.57	18,757.57	18,757.57	18,757.57
ÁREA TOTAL	23,067.81	28,063.94	33,213.12	33,405.57	34,286.71	31,241.71	31,872.85	31,872.85	32,503.99	32,503.99	33,657.05	33,657.05	34,131.98	

ANEXO 5. Quadro de áreas

Composição da área geográfica do Museu da Vida 2007



Evolução da área geográfica - desde 1999

